RIMAS
DE
MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE,
DEDICADAS A' AMIZADE.

Siquid habent igitur Vatum præsagia veri,
Protinus ut moriar, non ero, Terra, tuus.
Sive favore tuli, sive hanc ego carmine famam
Jure; tibi grates, candide Lector, ago.

Ovid. Trist. Lib. IV. Eleg. X.

TOMO II.

LISBOA. M. DCCCII.

NA OFF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na mesma Officina na Rua da Atalaia, ao Bairro alto.

AO SENHOR
ANTONIO JOSÉ ALVARES
EPISTOLA DEDICATORIA.

Usus amicitiæ tecum mihi parvus, ut illam
Non ægre posses dissimulare, fuit.

Ovid. Trist. Lib. III. Eleg. V.

A Minha gratidão te dá meus versos:
Meus versos, da lisonja não tocados,
Satélites de Amor, Amor seguindo
Co' as azas, que lhes pôz benigna Fama,
Qual níveo bando de innocentes pombas,
Os lares vão saudar, propicios lares,
Que em doce recepção me contiverão
Incertos passos da Indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedára
A catástrofe acerba de meus dias,
Dos infortunios meus o quadro triste:
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos, que forão
Tão dadivosas para o Vate oppresso,
Que o pezo dos grilhões me aligeirárão,
Que sobre espinhos me esparzírão flores;
Em quanto não recentes vãos Amigos,
Inuteis corações, volúvel Turba,
(A versos mais attenta, que a suspiros)
No Lethes mergulhou memorias minhas.

Ami-

Amigos da Ventura, e não de Elmano,
Aonio servical de vós me vinga:
Ao nome da Virtude o Vicio córe.
Não sei se vens de Heróes, se vens de Grandes,
Não sei, meu Bemfeitor, se teus Maiores
Forão cobertos, decorados forão
De purpúreos docéis, de Marcios loiros;
Sei que frequentas da Amizade o templo,
Que és Grande, que és Heróe aos olhos della,
E eu menos infeliz que tu piedoso:
(A idéa na expressão me cabe apenas)
Alma illudida, espirito indigente
Se paga não do que he, do què outros erão;
Os Manes dos Avós em vão revoca,
Lustre quer extrahir do horror da Morte,
Remexe as Cinzas, e recorre ao Nada.
Tu, dádiva do Eterno a meus desastres,
Tu não careces de esplendor postiço,
Tens os titulos teus nas acções tuas,
Por indole a virtude, o bem por norma,
A gloria de o fazer, e de occultallo:
Eu a gloria tambem de expôllo ao Mundo,
De ornar com teu louvor a Humanidade.
Embora a falsa Opinião maligna
Dardeje contra mim, fulmine a honra,
O caracter de Elmano. Eu tenho Aonio,
Eu tenho a consciencia; ambos me escudão,
Munido de ambos, á mordaz Caterva
Posso affoito bradar: mentis, perversos.
Quem préza a gratidão, não préza o vicio:
O Mortal vicioso he sempre ingrato.

AO

AO LEITOR.

A Maior parte das Poesias, que publíco, foi recobrada com a memoria em casa do meu officioso Amigo José Salinas de Benavides, huma das pessoas mais benemeritas, e qualificadas de Santarem, onde me avisárão de que, affectada a minha letra por algum de muitos malévolos, que, á maneira de lobos, matão ás vezes o que não hão de comer, ou, deixando figuras, por algum dos que prejudicão sem utilizar-se, fôra em meu nome extrahida ao depositario dos meus bens poeticos a caixa, em que jazião, com os trastes proporcionados á minha profissão, e hum tanto peores, que os versos. Temendo a perda do que, para mim ao menos, era precioso, examinei o livro interior, que me não podem roubar, e com effeito copiei delle tudo o que dou á luz não relativo a hum desastre tão impensado, como penoso, que me sobreveio depois, e occasionou as producções, em que o chóro.

Leitor intelligente, verdadeiro Critico (e não a chusma de Zoilos, que usa infestar a Républica literaria, e crê que a mordaci-

da-

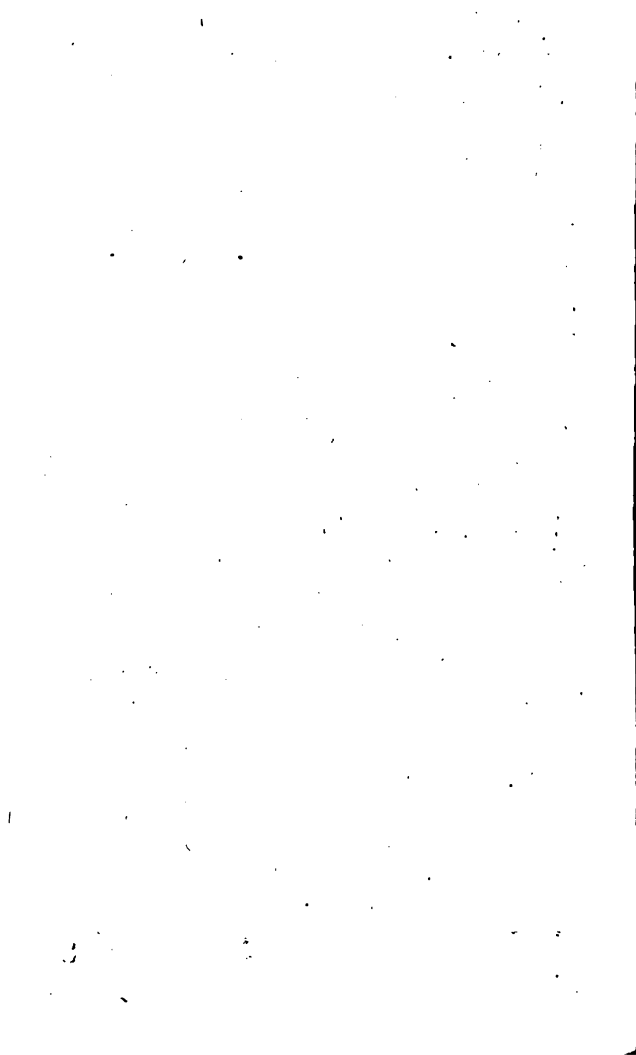
dade suppre o talento) o Sabio imparcial (em quem só me louvo) talvez não desdenhe estas novas Rimas, especialmente na traducção das Metamorfoses, que incluem, as quaes me affagárão o amor proprio, que todavia poderá illudir-me, como a muitos, sem que eu saiba porque os illude, nem por ventura elles mesmos: aos que professão porém a Latinidade pergunto com affoiteza, se as citadas versões provão, ou não o uso, e intelligencia daquelles Authores, e se apparece nellas o caracter, e energia do texto, ou se indicão o soccorro inutil das languidas traducções Francezas, com que alguns Bavios, e Mevios (que não só os deo Roma) sabem Latim, e Grego na opinião dos que mal entendem a lingoa materna.

Em quanto ás composições originaes, póde ser que se taxem de extensas as Cantatas de Hero, Ignez, e Medéa. Eis a minha justificação ácerca da primeira, (que he a mais longa) julguei interessantes todas as circumstancias daquella desgraça, e sem colher hum só passo do Poema de Musêo, (a cujo exame remetto o Leitor) deixei correr a fantasia pelo assumpto pathético, e nada lhe omitti, que podesse commover, inserindo-lhe o mais que devi ao meu cora-

ção,

ção, porque o coração he que produz os versos, que lhe dizem respeito. A prolixidade está no enjôo: tres versos máos canção mais depressa, que huma obra abundante de imagens, e pensamentos sublimes, por comprida que seja. Privo-me do prazer de imprimir a Metamorfose de Myrrha (tambem de Ovidio) em attenção á modestia, e delicadeza, não poupadas naquella admiravel producção, e antes quiz omitilla, que desfiguralla: por evitar hum volume sobejo deixo tambem de publicar a descripção do Bosque de Marselha, trasladada da Farsália de Lucano.

Poderáõ os Zoilos abocanhar a minha Musa, mas serão obrigados a reconhecer a minha gratidão na Epistola dedicatoria, que dirijo ao extremoso Amigo, cuja beneficencia me adoçou o infortunio, e deo a saber que o seculo do Egoismo ainda soffre excepções proveitosas aos infelices.

SO-

SONETO I.

VÓS, que de meus extremos sois a historia,
Versos, por negro Zoilo em vão roubados,
Nascidos da Ternura, e restaurados
C'o prompto auxilio de fiel memoria:

Da Inveja conseguindo alta victoria,
Ide, meus Versos, em Amor fiados;
Que delle só dependem vossos Fados;
Que nelle só demando a minha gloria.

Não vos importe o público juizo
Da Voz que pelo Mundo se derrama,
Os vivas caprichosos não preciso.

Voai aos olhos, cuja luz me inflamma;
Tereis de Anarda approvador sorriso:
Hum sorriso de Anarda he mais que a Fama.

SONETO II.

DAs faixas infantís despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente,
Meu tenro coração inda innocente
Hião ganhando as plácidas Camenas.

Faces gentís, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente
Da idéa me extrahião de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou Fervor divino,
E as Musas me fizerão desgraçado,
Desgraçado me fez o Deos Menino.

A Amor quiz esquivar-me, e ao Dom sagrado,
Mas vendo no meu genio o meu Destino,
Que havia de fazer? Cedi ao Fado.

SONETO III.

ENcantador Garção, tu me arrebatas,
Audaz vibrando o plectro Venuzino,
Suave Albano, (1) delicado Alcino, (2)
Musas do terno Amor, vós me sois gratas.

Adoro altos prodigios, que relatas,
Cantor da Gloria, magestoso Elpino, (3)
Tu, que, agitado de impeto divino,
Accezos turbilhões na voz desatas.

Oh Cysnes immortaes do Téjo ameno!
A carrancuda Inveja em mim não cria
Viboras prenhes de infernal veneno:

O clarão que esparzis, me accende, e guia;
Culto, incenso vos dou, quando condemno
Delirios que o meu Zoilo ao Prélo envia.

(1) Matos. (2) Quità. (3) O Desembargador Antonio Diniz da Cruz nas suas Odes aos Heróes da India.

SONETO IV.

EM quanto muda jaz, e jaz vencida
Do somno, que a restaura, a Natureza,
Augmento de meus males a graveza
Eu, desgraçado, que aborreço a vida.

Velando está minha alma, escurecida,
Envolta nos horrores da tristeza,
Qual tócha que entre túmulos acceza
Espalha fêa luz amortecida:

Velando está minha alma, estão com ella
Velando Amor, velando a Desventura,
Algozes, com que a Sorte me flagella:

Preside ao Acto acerbo a Formosura,
Marilia desleal, Marilia, aquella
Que tão branda me foi, que me he tão dura.

SONETO V.

INcense da Fortuna os vãos Altares
Dextra venal de astuto Lisonjeiro,
Raios vibrando intrepido Guerreiro,
De nuvens d'atro fumo assombre os ares.

Domando a furia de assanhados Mares
Sagaz Commerciante interesseiro,
Pejado o bojo do Baixel veleiro,
Opulento saúde os patrios Lares:

A Deosa que por bocas cem respira,
Acclame o Sàbio que medita, e véla,
Fertil em producções que o Mundo admira:

Minha alma só se apraz, só se desvela
Na gloria de cantar ao som da lyra
Os olhos de Felisa, as graças della.

SONETO VI.

MInha Alma se reparte em pensamentos
Todos escuros, todos pavorosos;
Pondero quão terriveis, quão penosos
São, Existencia minha, os teus momentos.

Dos males que soffri, crueis, violentos
A Amor, e aos Fados contra mim teimosos,
Outros inda mais tristes, mais custosos
Deduzo com fataes presentimentos.

Rasgo o véo do Futuro, e lá diviso
Novos damnos urdindo Amor, e os Fados
Para roubar-me a vida após do siso.

Ah! Vem, Marilia, vem com teus agrados,
Com teu sereno olhar, teu brando riso
Furtar-me a fantasia a mil cuidados.

SONETO VII.

POr industria de huns olhos mais brilhantes,
Que o refulgente Sol dos Ceos no cume,
Jaz prezo entre os grilhões do Idálio Nume
O mais terno, e sensivel dos Amantes.

Huma Ingrata, exemplar das inconstantes
Por genio, por systema, ou por costume,
Todo o fel da tristeza, e do ciume
Lhe verte sobre os miseros instantes.

Se com piedoso affago lhe suavisa,
Lhe engana alguma vez a dor que o mata,
Mil vezes em desdens o tyrannisa.

O laço aperta, e subito o desata...
Ah doce encanto meu, gentil Felisa,
O desgraçado eu sou, tu és a ingrata.

SONETO VIII

EM sonhos na escaldada fantasia
Vi que torvo Dragão de olhos fogosos
Com afiados dentes sanguinosos
As tépidas entranhas me rompia.

Alva Ninfa louçã, que parecia
A Mãi dos Amorinhos melindrosos,
Raivosa contra mim, c'os pés mimosos
Mais o Drago faminto embravecia.

De marmore a meu pranto, a meu queixume,
Deste mal, deste horror sem dó, sem pena,
Via dos olhos meus sumir-se o lume.

Ah! Não foi illusão tão triste scena:
O Monstro devorante era o Ciume,
A Cruel, que o pungia, era Filena.

SONETO IX.

DOce Nume de Amor, se á bella Armia
Consagrei por teu mando a liberdade,
Doce Nume de Amor, se tens piedade
Do coração que Elmano em ais te envia:

Entre o calado horror da noite fria
A minha Amada, a minha Divindade
(Com seus olhos doirando a escuridade)
Pinta-me em lédo sonho á fantasia.

Assome tão risonha, e tão brilhante
Como a rósea manhã no Ceo jucundo,
E as lagrimas enxugue ao triste Amante.

Contarei ao meu Bem meu mal profundo,
E que vivo sem ella absorto, errante,
Perdido, amargurado, e só no Mundo.

SONETO X.

DIstrahe, meu coração, tua amargura,
Os males que te assanha a fantasia:
Provêm da Formosura essa agonia?
Seja o seu lenitivo a Formosura.

Por mil objectos adoçar procura
O ardor que lavra em ti de dia em dia...
Mas oh fatal poder da sympathia!
Oh molestia de Amor, que não tem cura!

Astucia exercitar que te resista,
Minha Analia, meu bem, debalde intento,
Está segura em mim tua conquista.

Como hei de minorar-te o vencimento,
Coarctar o imperio teu, se as mais á vista
Valem menos que tu no pensamento?

SO-

SONETO XI.

O Ceo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a Natureza
Teu peito inficionou c'o a vil torpeza
De ingrata condição, fallaz, e impura.

Influio-me os extremos da ternura,
A constancia, o fervor, e a singeleza,
Esses dons mais gentis que a gentileza,
Dons que o Tempo fugaz não desfigura.

A pezar da traição, do fingimento,
Que te infama, e desluz, se enleva, e pára
Em ti, Alma infiel, meu pensamento.

Nas paixões a Razão nos desampara:
Se a Razão presidisse ao sentimento,
Tu morrêras por mim, eu não te amára.

SONETO XII.

ÁS margens do Regaça (1) crystallino
Nos olhos de Tirséa ardi contente,
Brandos olhos gentís, dos quaes pendente
Estava o meu prazer, e o meu destino.

O tenro Deos, o candido Menino
Pagava meu fervor puro, innocente;
Mas cêdo me impellio Sorte inclemente
Para vós, tristes margens, que abomino.

Aqui, desde que aponta a luz Febéa,
De lugar em lugar deliro, e corro,
Com suspeitas nutrindo a turva idéa.

Não posso contra Amor achar soccorro;
Perdi todo o meu bem, perdi Tirséa:
Ella vive sem mim, sem ella eu morro.

SO-

(1) Rio de Obidos.

SONETO XIII.

SObre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vai carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo,
Como fervem no pégo as crespas vagas.

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nelle (ai de mim!) palpando, e vendo
De agudas ancias venenosas chagas.

Cégo a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objectos de horror c'o a idéa eu corro,
Sólto gemidos, lagrimas derramo.

Razão, de que me serve o teu soccorro?
Mandas-me não amar: eu ardo, eu amo:
Dizes-me que socegue: eu peno, eu morro.

SONETO XIV.

DEbalde contra Amor seu fel derrama
Genio feroz, á Natureza opposto,
Crua Esfinge infernal, de humano rosto,
Ou Furia acceza na Tartárea flamma.

Esse, a que astuto Engano hum vicio chama;
Benigno sentimento em nós disposto,
Brota o desejo, precursor do gosto,
Cria o preciso ardor que a tudo inflamma:

Doira a negra existencia ao Desgraçado,
Do peito arranca as sérpes da Tristeza,
A que inda o mais feliz não foi vedado.

Ventura, ao doce Amor tu nédas preza:
He de todo o Vivente instincto, e fado,
He teu quinto Elemento, oh Natureza. (1)

SO-

(1) Como he no Mundo Amor quinto Elemento,
Que tem dos Gostos huma, e outra chave.
Pereir. Uliss.

SONETO XV.

TU, que na foice de sanguineo gume
Tens féra, estragadora Omnipotencia,
Como soffres de Amor a resistencia,
Oh Tempo devorante, oh ímpio Nume?

E tu, que apagas da ternura o lume,
Que tornas o desvélo em somnolencia,
Filha do Léthes, esquecida Ausencia,
Onde está teu poder, e o teu costume?

Nos outros c'o prazer morre a firmeza,
Arrefece a paixão de dia em dia
Longe dos olhos, porque fora acceza;

Mas em mim terno ardor jámais esfria:
Por gloria da Constancia, ou da Belleza
Triunfão no meu peito Amor, e Armia.

SONETO XVI.

QUe idéa horrenda te possue, Elmano?
Que ardente frenesi teu peito inflamma?
A Razão te alumie, apaga a chamma,
Reprime a raiva do Ciume insano.

Esperanças consome, ou vive ufano,
Ah! Foge, ou cinge da victoria a rama:
Ama-te a bella Armia, ou te não ama,
Seus ais são da ternura, ou são do engano.

Se te ama, não consternem teus queixumes
Os olhos de que estás enfeitiçado,
Do puro Ceo de Amor benignos lumes;

Se outro n'alma de Armia anda gravado,
Que fructo has de colher dos vãos ciumes?
Ser odioso além de desgraçado.

SO-

SONETO XVII.

TEnta em vão temeraria Conjectura
Sondar o abysmo do invisivel Fado,
Què, de umbrosos mysterios enlutado,
Sóme aos olhos mortaes a luz futura.

Presumia (ai de mim!) vendo a ternura
Daquella, que me trouxe enfeitiçado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu Bem minha ventura.

Oh Terra! Oh Ceo! Mentírão-me os brilhantes
Olhos seus, onde achei suave abrigo:
Quão faceis de enganar são os Amantes!

Humanos, que seguis as leis, que sigo,
Vós, Corações, que ao meu sois semelhantes,
Ah! Comigo aprendei, chorai comigo.

SONETO XVIII.

AMor, que o pensamento me saltêas
C'o as memorias de Analia a cada instante,
Tyranno, que vaidoso, e triunfante
Me apertas mais, e mais servís cadêas.

Doces as afflicções, com que me ancêas
Se ao ver-se de meus olhos tão distante
Soltasse Analia hum ai do peito amante,
E o fogo antigo lhe inflammasse as vêas!

Mas he talvez o exemplo das Perjuras,
Outro amima talvez, em quanto eu chóro,
Morrendo de saudosas amarguras;

E, pelo ardente excesso, com que adóro,
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o Fantasma da Traição, que ignóro.

SO-

SONETO XIX.

SObranceiro ao poder, e ás leis da Sorte;
Amor ouvio meus ais, cumprio meu gosto:
Já, já sinto nos olhos, peito, e rosto
A nevoa, as ancias, o suor da Morte.

A' terra máo piedosa me transporte,
E depois que em sepulcro mal composto
Der ao frio cadaver frio encosto,
Estes versos por dó na pedra córte:

Aqui se esconde Elmano: alegre estado
Algum tempo deveo á amiga Estrella,
Foi de Armia amador, de Armia amado.

Desunio duro caso o Triste, e a Bella;
Viver sem ella lhe ordenava o Fado:
Quiz antes o Infeliz morrer por ella.

SONETO XX.

VOs, credulos Mortaes, allucinados
De sonhos, de quimeras, de apparencias,
Colheis por uso erradas consequencias
Dos acontecimentos desastrados.

Se á perdição correis, precipitados
Por cegas, por fogosas impaciencias,
Indo a cahir, gritais que são violencias
De inexoraveis Ceos, de negros Fados.

Se hum celeste Poder, tyranno, e duro
A's vezes extorquisse as liberdades,
Que prestava, oh Razão, teu lume puro?

Não fórção corações as Divindades,
Fado amigo não ha, nem Fado escuro:
Fados são as paixões, são as vontades.

SO-

SONETO XXI.

AUreo fio subtil, que teve unida
A corpo immaculado huma alma pura,
De mimoso estalou, e a sepultura
Ficou do teu despojo enriquecida.

De mil graças lustrosa a doce vida
Subio ao cume da immortal Ventura;
Dois Numes = Innocencia, e Formosura =
Váo dando ao Mundo eterna despedida.

Lá onde a Morte, e a Terra te devoráo,
Na Estancia do Silencio, e da Tristeza
Inda, Marilia, coraçóes te adoráo.

Longe da tua divinal belleza,
Aos olhos, que te viráo, que te choráo,
Hum Túmulo parece a Natureza.

SONETO XXII.

TEnho assás conservado o rosto enxuto
Contra as iras do Fado omnipotente,
Assás, comtigo, oh Sócrates, na mente,
A' dor neguei das queixas o tributo.

Sinto engelhar-se da constancia o fructo,
Cahe no meu coração nova semente;
Já me não vale hum animo innocente:
Gritos da Natureza! Eu vos escuto.

Jazer mudo entre as garras da Amargura,
De Alma estoica aspirar á vã grandeza
Quando orgulho não for, será loucura.

No Espirito maior sempre ha fraqueza,
E, abafada no horror da Desventura,
Céde a Filosofia á Natureza.

SO-

SONETO XXIII.

NÃo sou vil Delator, vil Assassino,
Impio, cruel, sacrilego, blasfemo,
Hum Deos adoro, a Eternidade temo,
Conheço que ha Vontade, e não Destino:

Ao Saber, e á Virtude a fronte inclino;
Se chora, e geme o Triste, eu choro, eu gemo;
Chamo á Beneficencia hum dom supremo,
Julgo a doce Amizade hum bem divino:

Amo a Patria, amo as Leis, precisos laços,
Que mantem dos Mortaes a convivencia,
E de infames grilhões oiço ameaços;

Vejo-me exposto á rigida violencia,
Mas folgo, e canto, e durmo nos teus braços,
Amiga da Razão, pura Innocencia.

SONETO XXIV.

ACcezo no almo ardor, que a mente inflamma,
Vivo de amor, de amor suspiro, e canto;
Na face agora o riso, agora o pranto,
D'Arvore tua, oh Febo, eu cinjo a rama.

Prézo a doce Moral, na voz da Fama
Meu nome pouco a pouco aos Ceos levanto,
Mas Turba vil, que abato, ancêo, espanto,
Urde em meu damno abominavel trama.

Réo me delata de hórrida maldade,
Projecta anniquilar-me o Bando rude,
Envolto na Lethéa escuridade.

Que falsa idéa, oh Zoilos, vos illude!
Furtais-me a paz? Furtais-me a liberdade?
Fica-me a gloria, fica me a virtude.

SONETO XXV.

VEm, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o Escravo, consolar o Amante,
Que afflicto, que saudoso, a cada instante
Te envia hum pensamento, hum ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flores mais gentis em teu semblante
Que a flor de Cytheréa, a flor brilhante,
Que o manso Abril prefere a quantas cria.

Inimiga de Amor he a tardança:
Não tardes, não, meu Bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sôffrega Esperança.

Vem olhar neste rio as faces bellas,
Vem, por doce illusão da semelhança,
Ver enganar se os Zéfyros com ellas.

SONETO XXVI.

DO carcere materno em hora escura,
Em momento infeliz, triste, agoirado
Me desaferrolhou terrivel Fado,
Meus dias commettendo á Desventura.

Perigosas sementes de ternura
Havia o Deos feroz em mim lançado,
Que mil azedos fructos tem brotado,
Regadas pelos prantos da amargura.

Escravo da despótica Belleza,
Remir-me de ímpia lei, que me domina,
Tento, e desmaio ao começar a empreza.

Oh poder da paixão que me allucina!
Oh cégo Amor! Oh fragil Natureza!
N'alma busco a Razão, e encontro Alcina.

SONETO XXVII.

IGual ingratidão, e igual vileza
Poucos hão de encontrar entre as ruinas,
Que Amor prepára: pródiga de Alcinas
Não he (graças aos Ceos!) a Natureza.

Genio de Furia, Monstro de torpeza,
Que o pejo afogas, que a traição refinas,
São as Julias, as Lais, as Messalinas
A par de ti modelos da pureza.

Não temas, infiel, que á Terra chame
O raio, que reluz na Mão do Eterno,
Para que em negras cinzas te derrame.

Rasguem-te as garras do Remorso interno
O coração corrupto, o peito infame:
Lá tenho hum vingador, lá tens o Inferno.

SONETO XXVIII.

HA hum medonho Abysmo, onde baquêa
A impulsos das paixões a Humanidade.
Impéra alli terrivel Divindade,
Que de tôrvos Ministros se rodêa:

Rubro facho a Discordia alli menêa,
Que a mil Scenas de horror dá claridade,
Com seus Sócios = Traição, Mordacidade =
Range os dentes a Inveja escura, e fêa:

Vê-se a Morte cruel, no punho alçando
O ferro de sanguento, ervado gume,
E a toda a Natureza ameaçando;

Vê-se arder, fumegar sulfúreo lume...
Que estrondo! Que pavor! Que abysmo infando!
Mortaes, não he o Inferno, he o Ciume.

SO-

SONETO XXIX.

A'S agoas, e ás arêas deste rio,
A's flores, e aos Favonios deste prado
Meus damnos conto, minhas magoas fio,
Dou queixas contra Isméne, Amor, e o Fado.

A paz do coração posta em desvio,
O gosto em desenganos suffocado,
Lagrimas com lembranças desafio,
E pela tarda Morte ás vezes brado.

Tão maviosos são meus ais mesquinhos,
Tanto póde a paixão, que em mim suspira,
Que se esquecem das Mãis os cordeirinhos,

O vento não se mexe, nem respira,
Deixão de namorar-se os passarinhos
Para me ouvir chorar ao sôm da Lyra.

SONETO XXX.

VOai, brandos Meninos tentadores,
Filhos de Venus, Deoses da ternura,
Adoçai-me a saudade amarga, e dura,
Levai-me este suspiro aos meus Amores.

Dizei-lhe que nasceo dos dissabores,
Que influe aos corações a Formosura;
Dizei-lhe que he penhor da fé mais pura,
Porção do mais leal dos Amadores.

Se o Fado, para mim sempre mesquinho,
A outro offerece o bem, de que me affasta,
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho,

Quando hum delles soltar na Esféra vasta,
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho:
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

SONETO XXXI.

MIl Poetas enfáticos, e ufanos
Pintando em verso natalicio dia,
Fazem voar nas azas da Harmonia
Aurea chusma de hypérboles, e enganos.

Dizem que, sobrepondo-se aos Humanos
O objecto, que o furor lhes desafia,
Ha de ver entre os risos da alegria
Sua gloria sem fim, sem fim seus annos.

Desça a Mentira ao ultimo terceto
Nos outros, que eu desejo-te saude,
Mas seres immortal não te prometto.

Só rogo a Deos que, em premio da Virtude,
Cada verso, que vai neste Soneto,
A teu favor n'um seculo se mude.

SO-

Ao Senhor Doutor Agostinho Gomes da Silveira, Advogado em Obidos.

SONETO XXXII.

NÃo dês, encanto meu, não dês, Armia,
Ternas lamentações ao surdo vento:
Se amorosa impaciencia he hum tormento,
Com lédas esperanças se allivia.

A rigorosa Mãi, que te vigia,
Em vão nos prende o lúcido momento,
Em que sôlto, adejando o pensamento
Sóbe ao cume da Gloria, e da Alegria.

As fadigas de Amor não valem tanto,
Como a doce, a furtiva recompensa,
Que outorga, inda que tarde, aos ais, e ao pranto.

Amantes estorvar que astucia pensa?
Tem azas o Desejo, a Noite hum manto:
Obstaculos não ha, que Amor não vença.

SONETO XXXIII.

FAtaes memorias da traidora Alcina,
Daquella que encantou meu pensamento,
Se vos quero sumir no esquecimento,
Não o consente Amor, que me domina.

Que he da Razão, que as Almas illumina?
Porque não põe limite a meu tormento?
Ah! Que mal que a definem, se exprimento
Que não póde evitar-nos a ruina!

Do que estorvar não sabe ella murmura,
Deixando-me os effeitos perigosos
De amorosa, frenética amargura;

E inda são para mim menos penosos
Os horrores da minha desventura
Que a vista, que o prazer dos venturosos.

SONETO XXXIV.

O Ceo, de opácas sombras abafado,
Tornando mais medonha a Noite fêa,
Mugindo sobre as róchas, que saltêa
O Mar, em crespos montes levantado:

Desfeito em furacões o vento irado,
Pelos ares zunindo a solta arêa,
O pássaro nocturno, que vozêa
No agoireiro Cypreste além pousado:

Fórmão quadro terrivel, mas acceito,
Mas grato aos olhos meus, grato á fereza
Do ciume, e saudade, a que ando affeito.

Quer no horror igualar-me a Natureza,
Porém cansa-se em vão, que no meu peito
Ha mais escuridade, ha mais tristeza.

SO-

SONETO XXXV.

OH Terra, onde os seus dons, os seus favores
Derrama de áureo cófre a Natureza,
Que na Estação do gêlo, e da tristeza
Borda teus prados de verdura, e flores;

Oh Climas dos Heróes, e dos Amores,
Esmalte, e perfeição da Redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
Tantos olhos gentis, e encantadores;

Tu, que do Grego errante, e cauteloso,
Da Mão, que ao nada reduzio Dardania,
Tens em teus campos Monumento honroso;

Delles todos, oh Patria, oh Lusitania,
O do Téjo he mais lédo, he mais viçoso:
Graças ao riso da celeste Armania.

SONETO XXXVI.

QUeimando o véo dos Séculos futuros
O Vate accezo em divinaes luzeiros,
Assim cantou, (e aos écos pregoeiros
Exultárão, Sion, teus sacros Muros)

O Justo descerá dos Astros puros
Em deleitosos, candidos chuveiros,
As féras dormiráõ com os cordeiros,
Suaráõ doce mel carvalhos duros;

A Virgem será Mãi, vós dareis flores,
Brenhas intonsas, em remotos dias,
Porás fim, tôrva Guerra, a teus horrores.

Não, não sonhou o altísono Isaías.
Oh Reis, ajoelhai, correi, Pastores:
Eis a Próle do Eterno, eis o Messias.

SONETO XXXVII.

SOnho, ou vélo! Que imagem luminosa,
Esclarecendo o manto á Noite escura,
A meus olhos pasmados se afigura,
Sopêa a tua dôr, Alma saudosa!

De mais vistoso objecto o Ceo não goza;
A clareza do Sol não he mais pura...
Que encanto! Que esplendor! Que formosura!...
Cahio-te hum Astro, Abóbada lustrosa!...

Sorrisos da purpúrea madrugada,
Vós tão gratos não sois... ah! Como inclina
A face para mim, branda, apiedada!...

Refulgente Visão, tu és de Ulina,
Tu és cópia fiel da minha amada,
Ou reflexo talvez da Luz divina.

SONETO XXXVIII.

EM verso torneado ao som da Lyra
Eu canto Amor, a Formosura eu canto:
Por teus olhos gentis, que podem tanto,
Arde meu coração, treme, suspira.

Audaz Competidor, esse que aspira
De teus carinhos ao celeste encanto,
Grosseiro, e carrancudo, infunde espanto,
Da bruta Estupidez nas sombras gyra:

Ao vêllo assim, e ao ver minha amargura
Mal que elle a ti dirige a vista acceza,
Todos ao meu temor chamão loucura:

Ah! Vem d'alta razão minha tristeza:
Não receio o Rival, temo a Ventura,
Porque o póde vinger da Natureza.

SONETO XXXIX.

SE, victima da Ingrata, e do Tyranno,
Que fazem lastimosa a tua Sorte,
Ao pezo de frenetico transporte
Ceder teu coração, misero Elmano,

Se áquelle, que o teu mal contempla ufano,
Quizer seu Fado que o prazer lhe abórte,
Se nas garras tambem da tôrva Morte
Conhecer que a ventura he doce engano;

Se o seu despôjo em fim se unir comtigo;
Para que nem, oh triste, a paz possuas
Entre as eternas sombras do jazigo,

Zelosas despertando as cinzas tuas,
Revôltas pelo horror, pelo odio antigo,
Hão de em negro montão fugir das suas.

SO-

SONETO XL.

VOaste, Alma innocente, Alma querida;
Foste ver outro Sol de luz mais pura,
Falsos bens desta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida.

Por Deos chamada, para Deos nascida,
Já de vãas illusões vives segura;
Feliz a Fé te crê, mas a Ternura
C'o punhal da Saudade está ferida.

Desgraçado o Mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos Fados de quem mora
No Palacio do ethéreo Soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste, que te adora;
Tal he a condição do peito humano:
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

SONETO XLI.

JÁ de novo a meus olhos apparecem
A graça, o riso, as flores da Alegria,
Já na minha teimosa fantasia
Cuidados, que veláváo, adormecem:

Co' a verdade illusões se desvanecem,
Qual foge o triste môcho á luz do dia;
Providente Razáo, porém tardia,
Já sobre esta alma teus auxilios décem.

Como, cêga Paixáo, nos persuades!
Quando em Marcia náo vi senáo belleza,
Julguei que dava gloria ás Divindades;

Mas, de sacro fulgor c'o a mente acceza,
Nóto-lhe o coraçáo, e as falsidades;
Vejo que faz injúria á Natureza.

SONETO XLII.

NAscemos para amar: a Humanidade
Vai tarde, ou cedo aos laços da Ternura;
Tu és doce attractivo, oh Formosura,
Que encanta, que seduz, que persuade.

Enlêa-se por gosto a liberdade,
E depois que a paixão n'alma se apura,
Alguns então lhe chamão desventura,
Chamão-lhe alguns então felicidade:

Qual se abysma nas lôbregas tristezas,
Qual em suaves jubilos discorre,
Com esperanças mil na idéa accezas.

Amor ou desfalece, ou pára, ou corre,
E, segundo as diversas naturezas,
Hum porfia, este esquece, aquelle morre.

SO-

SONETO XLIII.

A Frouxidão no Amor he huma offensa,
Offensa que se eleva a grão supremo:
Paixão requer paixão, fervor, e extremo,
Com extremo, e fervor se recompensa.

Vê qual sou, vê qual és, vê que diffrença!
Eu descóro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo,
Eu chóro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,
Em sombras a Razão se me condensa.

Tu só tens gratidão, só tens brandura,
E antes que hum coração pouco amoroso,
Quizera vêr-te huma alma ingrata, e dura.

Talvez me enfadaria aspecto iroso,
Mas de teu peito a languida ternura
Tem-me cativo, e não me faz ditoso.

SONETO XLIV.

AO crébro som do lúgubre instrumento
Com tardo pé caminha o Delinquente;
Hum Deos consolador, hum Deos clemente
Lhe inspira, lhe vigóra o soffrimento:

Duro nó pelas mãos do Algoz cruento
Estreitar-se no cóllo o Réo já sente:
Multiplicada a Morte ancêa a mente,
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos, e ais dirigindo á Divindade,
Sóbe, envôlto nas sombras da tristeza,
Ao termo expiador da iniquidade.

Das Leis se cumpre a salutar dureza,
Sabe a alma d'entre o véo da Humanidade,
Folga a Justiça, e géme a Natureza.

SO-

Ao Réo que foi conduzido ao Patibulo no dia 11 *de Julho de* 1797.

SONETO XLV.

SObre o degráo terrivel assomava
O Réo, cingido de funéreo manto:
Avezada ao terror, aos ais, ao pranto,
Da intrepidez a Morte se assombrava;

No firme coração não palpitava
O precursor da Parca, o mudo Espanto;
E, ufana de subir no esforço a tanto,
Hum ai a Humanidade apenas dava.

Mortal, que foste Heróe no extremo dia,
De idéas carrancudas, e oppressôras
Não soffreste o pavor na fantasia.

Co' as vozes divinaes, consoladôras
Só a Religião te embrandecia:
Fôras de ferro, se Christão não fôras.

SO-

Ao mesmo.

SONETO XLVI.

NOs torpes laços de Belleza impura
Jazem meu coração, meu pensamento,
E, forçada ao servil abatimento,
Contra os sentidos a Razão murmura.

Eu, que outr' hora incensava a formosura
Das que enfeita o Pudor gentil, e isento,
A já corrupta idéa hoje apascento
Nos falsos mimos de venal ternura.

Se a vejo repartir prazer, e agrado
A'quelle, a este, co' a fatal certeza
Fermenta o vil desejo envenenado.

Ceos! Quem me reduzio a tal baixeza?
Quem tão cégo me pôz? ... Ah! Foi meu Fado,
Que tanto não podia a Natureza.

SO-

SONETO XLVII.

PErdi tudo, (ai de mim!) perdi Marfida,
Marfida, a gloria minha, a minha amada:
Tenra flor, a Esperança malograda
Do mimoso matiz cahio despida.

Pede meu coração mortal ferida,
Só aos ditosos a existencia agrada:
Vida entre angustias equivale ao Nada,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, Amante infeliz, teu fim procura,
Fantástico terror não te reporte:
Nos túmulos não reina a Formosura.

Diga triste letreiro a minha Sorte;
Dai-me piedosa sombra á sepultura,
Teixos, Cyprestes, Arvores da Morte.

SONETO XLVIII.

DA rama escura de lethal Cypreste
Em sonhos vi croada a bella Armia;
Alvas, mimosas carnes lhe envolvia
Da negra Morte a luctuosa veste;

Vagueava o meu Bem n'um ermo agreste,
Onde o môcho agoireiro se carpia,
Náo táo meiga, e gentil como algum dia,
Mas inda conservava hum ar celeste.

Esta, que vês, (me disse em tom magoado)
Que náo crêste Mortal, mas Divindade,
He sombra vá, fantasma inanimado.

Eis, ferido de amor, e de saudade,
Grito, acordo, e seguio-se (oh duro Fado!)
A' funesta visáo fatal verdade.

SONETO XLIX.

LA' onde o Fado impenetravel mora,
Vôa o Menino Amor entre os Amores:
Loureja a trança, que matizão flores,
Scintilla o facho, que a Razão devora.

Entra, saúda o Nume, ao Nume implora
Que de Marilia os olhos tentadores
Vejão sempre ante as Graças, e os Louvores
De seus annos gentís surgir a Aurora.

Fronte rugosa vezes tres sacode
O Deos, cujo poder tudo atropella;
E ás súpplicas de Amor dest' arte acode:

Escape ás minhas leis Marilia bella,
Seja, seja immortal: durar não póde
O Mundo sem Amor, Amor sem ella.

SONETO L.

QUantas vezes, Amor, me tens ferido!
Quantas vezes, Razão, me tens curado!
Quão facil de hum estado a outro estado
O Mortal, sem querer, he conduzido!

Tal que em grão venerando, alto, e luzido
Como que até regía a mão do Fado,
Onde o Sol, bem de todos, lhe he vedado
Depois com ferros vis se vê cingido.

Para que ao nosso orgulho as azas córte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervallo da existencia á morte!

Trávão-se gosto, e dôr, socego, e lida:
He lei da Natureza, he lei da Sorte
Que seja o mal, e o bem matiz da vida.

SONETO LI.

ELmano, de teus mimos anhelante,
Elmano em te admirar, meu bem, não erra:
Incomparaveis dons tua alma encerra,
Ornão mil perfeições o teu semblante;

Grangêas, sem vontade, a cada instante
Claros triunfos na amorosa guerra:
Thesoiro, que do Ceo vieste á Terra,
Não precisas dos olhos de hum Amante.

Oh! Se eu podesse, Amor, oh! Se eu podesse
Cumprir meu gosto! Se em Altar sublime
Os incensos de Jove a Lilia désse!

Folgára o coração quanto se opprime,
E a Razão, que os excessos aborrece,
Notando a causa, relevára o crime.

SONETO LII.

AQui, onde arquejando estou curvado
A' lei, pezada lei, que me agrilhôa,
De lúgubres idéas se povôa
Meu triste pensamento horrorisado:

Aqui não brama o Nóto anuveado,
O Zéfyro macio aqui não vôa,
Nem zune insecto alígero, nem sôa
Ave de canto alegre, ou agoirado.

Expellio-me de si a Humanidade,
Tu, Astro bemfeitor da Redondeza,
Não despendes comigo a claridade:

Só me cercão Fantasmas da Tristeza.
Que silencio! Que horror! Que escuridade!
Parece muda, ou morta a Natureza.

SONETO LII.

DE nocturno, horroroso pezadêlo
Fui na mente sombria atormentado:
Inda palpito, da Visão lembrado,
Esfria o sangue, erriça-se o cabêllo.

Vi de hum lado a Desgraça impondo o sêllo
A's leis, que em damno meu creára o Fado,
Meus Males em tropel vi d'outro lado,
Ais dirigindo a Corações de gêlo.

Co'a Patria, Mundo, e Ceo me vi malquisto,
Ao longe a Gloria laureada, e bella
Ouvi dizer-me: „ de te honrar desisto;

Tive a Morte ante mim tôrva, amarélla,
Furias, Mânes; o horror não parou nisto:
Vi Nize, e o meu Rival nos braços della.

SO-

SONETO LIV.

TÃo negro como a Turba, que vaguêa
Na márgem do Cocito, á luz odioso,
O Bando de meus Males espantoso
No sepulcro dos vivos me rodêa.

Qual me abala os fuzis da vil cadêa,
Qual me afigura hum rótulo affrontoso,
Qual me diz (ai de mim!) que fui ditoso:
Eis delles todos o que mais me ancêa.

Tomára reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os Fados tão malquisto,
Tomára costumar-me á Desventura;

Esquecer-me do bem gozado, e visto,
Pensar que a Natureza he sempre escura,
Que he geral este horror, que o Mundo he isto.

SONETO LV.

NÍze mimosa, como as Graças pura,
Amavel Nize, como as Graças bella,
Se inda em teus olhos me pertence aquella
Maviosa affeição, que fere, e cura:

Hum ai, penhor de candida ternura,
Envia ao Triste, que esmorece, anhéla,
Que, em ti cuidando, solitario véla
No seio antigo de masmorra escura:

Manda-lhe hum ai, meu bem, com elle affaga
Do ancioso Amante o coração ferido,
A quem mordaz saudade assanha a chaga.

Das minhas afflicções compadecido,
Nas azas côr de neve Amor o traga:
Pago será com mil hum só gemido.

SONETO LVI.

OH tu, que tens no Seio a Eternidade,
E em cujo Resplendor o Sol se accende,
Grande immutavel Ser, de quem depende
A harmonia da ethérea Immensidade!

Amigo, e Bemfeitor da Humanidade,
Do mesmo, que te nega, e que te offende,
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
Manda o reforço de efficaz piedade.

Oppressa, consternada a Natureza,
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza.

A tua Intelligencia nada ignora,
Sabes que, de alta Fé minha alma acceza,
Té nas angústias o teu Braço adora.

SONETO LVII.

NAs horas de Morfêo vi a meu lado
Pavoroso Gigante, enorme Vulto:
Tinha na máo sinistra, e quasi occulto
Volume em férrea pasta encadernado:

Ah! Quem és! (lhe pergunto arripiado)
Mereces o meu odio, ou o meu culto?
Sou (me diz) o que em sombras te sepulto,
Sou teu Perseguidor, teu Mal, teu Fado.

Corres, triste Mortal, por minha conta,
Mas ha de a meu despeito haver quem corte
A serie de tormentos, que te affronta;

Poder vem perto, que te mude a Sorte;
Lá tens o teu regresso: (e nisto aponta)
Olho rapidamente, e vejo a Morte.

SONETO LVIII.

BEm hajas, oh Morfêo; á fantasia
Que scena divinal me déste agora!
Nize, qual sahe da Noite a grata Aurora,
Surgio-me d'entre as sombras da Agonia.

Mais bello inda a Saudade me fingia
O gesto encantador, que os Ceos namora,
Cuido que inda me affaga, e que inda chora
Pranto, que morta flor viver faria.

Graças, oh Nume, de meus ais magoado,
Alta mercê meu coração te deve
Por este acinte, que fizeste ao Fado.

Só tua Divindade a tal se atreve;
Mas ah! Que eras prazer de hum desgraçado
Sempre mostraste, oh Sonho, em ser tão breve.

SONETO LIX.

NA acceza fantasia estou medindo
Os passos, e as acções da minha Amada,
Noto-lhe o puro cóllo, a máo nevada,
Os olhos divinaes, o gesto lindo:

Vejo-a com doces lagrimas sentindo
Minha acérba oppressáo, de horror cercada,
E em torno da Belleza amargurada
As Graças soluçando, Amor carpindo:

A tudo quanto a vê, quanto a rodêa,
Té mesmo irracional, e inanimado,
Obriga a suspirar, commove, ancêa;

E de a ter com meus males consternado
Talvez lá na profunda Estancia fêa
Dê tambem algum ai meu duro Fado.

SONETO LX.

OH vós, que lamentais de Elmano a Sorte,
Crendo na escura Terra o corpo frio,
E os Manes já sulcando o mudo Rio
Na barca immensa de geral transporte:

Sabei que o doce, inevitavel córte
Lhe foge da existencia ao ténue fio,
E que seria em vós dever mais pio
Chorar-lhe a vida, que chorar-lhe a morte.

Existindo agonisa hum Desgraçado:
Quem lagrimas nas cinzas lhe derrama,
Parece que o queria atormentado;

Vive, mas pela Morte Elmanó chama,
Com suspiros Elmano implora ao Fado
Que seja voz de agoiro a voz da Fama.

SO-

SONETO LXI.

QUal o Itálico Heróe, o audaz Tancredo, (1)
Pondo o Apóstata infame em vil fugida,
Cahio no laço da fallaz Armida,
Na confusa prisão, de mago enredo:

Tal eu, depois que enchi de opprobrio, e medo
Os Zoilos, a Caterva embravecida,
Fui abysmado por Calumnia infida
Nas ermas sombras de hórrido segredo.

Nem só nisto ao Heróe sou semelhante:
Nize, e o voado Tempo na memoria
São a minha Clorinda, o meu Argante.

Ah! Tu, que inda has de honrar a Lusa História,
O meu Reinaldo sê, Varão prestante:
Toma-me a Liberdade, o Mundo, a Gloria

SO-

(1) Tass. Gerus. Cant. 7, e 10.

SONETO LXII.

MEus dias, que já forão tão luzentes,
Hoje da Noite opáca Irmãos parecem,
Meus dias miseraveis emmurchecem
Longe do gosto, e longe dos Viventes.

Horror das trévas, pezo das correntes
Olhos, forças me abatem, me entorpecem,
E apenas por momentos me apparecem
Rostos sombrios de intrataveis Entes.

Pagão-me da rugosa austeridade,
Antolha-se-lhe hum crime, hum attentado
Soffrer nos corações a humanidade.

Voai, voai do Ceo para meu lado,
Ah! Vinde, doce Amor, doce Amizade:
Sou tão digno de vós, quão desgraçado.

SONETO LXIII.

Victima do Rigor, e da Tristeza,
Em negra estancia, em carcere profundo,
O Mundo habito, sem saber do Mundo,
Como que não pertenço á Natureza.

Em quanto pela vasta Redondeza
Vai solto o crime infesto, o vicio immundo,
Eu (não perverso) em pranto a face inundo,
Do grilhão supportando a vil dureza.

Mas no bojo voraz da Desventura,
Monstro, por cujas fauces fui tragado,
Em parte hum pensamento a dôr me cura:

O Infeliz (não por culpa, só por fado)
Naquelles corações, em que ha ternura,
He mais interessante, he mais amado.

SONETO LXIV.

AQuelle, que domina os Ceos brilhantes,
Artifice da Máquina estrellada,
Ante cuja Grandeza os Reis são nada,
A'tomo a Terra, os Seculos instantes.

O Deos, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos Trovões ao Homem brada,
Da misera Virtude atropellada
Vinga os tristes suspiros penetrantes.

Sem que o Mortàl com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, Juiz superno,
Na Causa do Innocente se interessa;

Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante Remorso: em ti começa
O supplicio dos Máos, dos Máos o Inferno.

SO-

SONETO LXV.

PAra as sombras da Morte aqui me ensaio
Na habitação da culpa, e do desdoiro,
Lendo no mal presente o mal vindoiro,
Aqui choro, aqui tremo, aqui desmaio;

Por imagens fataes a idéa espraio,
Negreja n'uma, e n'outra infausto agoiro:
Febo! Oh Febo! Ai de mim! Teu sacro loiro
A frente não me escuda contra o Raio.

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
Neste horrivel sepulcro da Existencia.

Mas pezo dos Remorsos não me opprime:
A susurrante, a vil Maledicencia
De erros dispersos me organiza o crime.

SONETO LXVI.

A Frente, que de loiro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz (por effeito de horrida apparencia)
Curvada pelo opprobrio, e denegrida.

De mil gratos objectos guarnecida,
Rutilava a meus olhos a existencia:
Hoje, amavel Prazer, na tua ausencia
Parece aos olhos meus hum ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!
Nem sempré o Homem ri, nem sempre chora,
Mal com bem, bem com mal he temperado;

Os estados variáo de hora em hora:
Sábio o Mortal, que em hum, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!

SONETO LXVII.

EXcedo lustros seis por mais tres annos,
Mas bem que juvenis meus annos sejão,
Já murchão de agonia, e já me alvejão
Não raros na cabeça os Desenganos.

Os Fados, meus Verdugos, meus Tyrannos,
Que de Pandóra o cofre em mim despejão,
Folgão de que os Mortaes nas cans me vejão
Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a Formosura
Vingar-me dos Crueis comigo irados,
E da ternura o premio ser ternura;

Mas Nize (oh vãos extremos desgraçados!)
Na trança infausta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos Fados.

SONETO LXVIII.

O Pezado Rigor de dia em dia
Se apure contra nós, oppresso Amigo,
Tolere, arraste vis grilhões comtigo
Quem comtigo altos bens gozar devia.

Da nossa amarga Sorte, escura, impía
Colha triunfos tácito Inimigo,
Sombra como a do lúgubre jazigo
Nos cubra de mortal melancolia.

Custão fadigas a Virtude, a Gloria,
Por entre abrolhos se caminha ao Monte,
Ao Templo da honorifica Memoria.

Posto que hoje a Calumnia nos affronte,
Inda serão talvez na longa Historia
Dois nomes immortaes = Bocage, e Ponte =.

Ao Senhor André da Ponte Quental e Camara.

SONETO LXIX.

Oh tu, consolador dos Malfadados,
Oh tu, benigno Dom da Mão divina,
Das mágoas saborosa medicina,
Tranquillo esquecimento dos cuidados:

Aos olhos meus, de prantear cançados,
Cançados de velar, teu vôo inclina,
E vós, sonhos de Amor, trazei-me Alcina,
Dai-me a doce visão de seus agrados.

Filha das Trevas, froxa Somnolencia,
Dos gostos entre o férvido transporte
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! Findou para mim tão leda sorte:
Agora he só feliz minha existencia
No mudo estado, que arremeda a Morte.

SONETO LXX.

Do Tempo sobre as azas volve o dia
O ponto de meu triste nascimento:
Vedado á luz do Sol este momento,
Furias, com vossos fachos se alumia.

Nascido apenas, pavorosa Arpia
Ao berço me voou, de immundo alento
Empestando o miserrimo aposento,
Eis me roga esta praga horrenda, impia:

Esteja sempre o bem de ti remoto,
Vivas sempre choroso, amargurado,
Dane teus dias o Destino immoto.

Cahio-me a imprecação do Monstro alado,
Curto mil males, e entre sombras noto
Outros, com que me espera ao longe o Fado.

SO-

SONETO LXXI.

NEste horrendo lugar, onde comigo
Geme a Consternação desanimada,
E parece que volta o Ser ao Nada,
Equivocados carcere, e jazigo:

Aqui, onde o Fantasma do castigo
Assusta a Liberdade agrilhoada,
Tornão minha oppressão menos pezada
Mãos providentes de piedoso Amigo.

No Tempo infando, na corrupta Idade
Em que apôs o Egoismo as Almas correm,
E em que se crê fenomeno a Amizade,

Oiro, fervor, desvélos me soccorrem
De hum Genio raro . . . oh doce Humanidade!
Tuas virtudes, tuas leis não morrem.

Ao Senhor Antonio José Alvares.

A' EXISTENCIA DE DEOS

O D E.

Extrahida do Poema da Religião de Raciné.

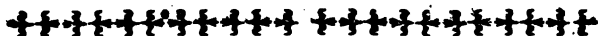
O Deos, a quem se deve a nossa crença,
Mortaes, he Deos occulto;
Mas oh! que irrefragaveis testemunhas
Ante nós congregadas,
Pelas quaes se revela a Gloria sua,
A sua Omnipotencia!
Respondei, Mar, e Ceo, responde, oh Terra;
Astros, Mundos brilhantes,
Que mão vos esparzio, vos têm suspensos
Na ethérea Immensidade!
Donde te veio, oh Noite, o véo lustroso?
Ceos! Oh Ceos! Que grandeza!
Que assombro! Que esplendor! Que magestade!
Em vós, em vós conheço
Quem milagres sem conto obrou sem custo,
Quem nos vossos desertos
As luzes semeou, como semêa
Na terra o pó volatil.
Oh Tocha do Universo, Author dos dias,
Da Aurora annunciado!
Oh Astro sempre o mesmo, e sempre novo!

A que mando obedeces,
Porque preceito, oh Sol, dos Mares surges,
Restituindo ao Mundo
O raio amigo, a fertil claridade?
De teus lumes saudoso,
Cada dia te espero, e tu não faltas.
Ah! Sou eu quem te chama?
Sou eu talvez quem te regula o passo?
E a ti, Pélago horrendo,
Que em teu bojo voraz como que intentas
Absorver toda a Terra,
Que alto Poder no Carcere arenoso
Retem, constrange, enfrêa?
Em vão forcejas, assanhado, e tôrvo,
Para arrombar teus muros:
Morrem na praia as espumosas furias.
Esses, cuja avareza
No teu seio traidor corre a punir-se,
Quando em serras, e abysmos
Ora os levas aos Ceos, ora aos Infernos,
Implorão-te clemencia?
De olhos fitos na Abobada celeste,
Na Fonte donde emana
Sobre os tristes Mortaes macio orvalho
De amor, e de piedade,
Invocão, suspirando, o Braço eterno,
Domador das Procellas,
Bradas naquelle extremo, oh Natureza,
E as vistas lhe diriges,
Guias-lhe as preces ao supremo Asylo,

As

As preces, o tributo,
Que aterrados Espiritos não negão
Ao Numen esquecido,
Ou trocado atéli por mil quimeras.
As vozes do Universo,
Do assombrado Universo a Deos me chamão,
„ Sim, a Terra o pregôa.
„ Fui eu quem produzio, fui eu (diz ella)
„ Quem compôz os matizes,
„ Que a minha superficie aformosêão?
„ Não fui eu, foi Aquelle,
„ Aquelle, que assentou meus alicerces.
„ A's mil necessidades,
„ Que te vexão, Mortal, se logo acudo,
„ Deos, he Deos quem o ordena:
„ Os dons, que me confere, a ti destina.
„ Flores, com que me adorno,
„ Vós da Mão lhe cahis sobre meu seio.
„ O Creador, o Eterno
„ Lá onde árida sou, e avara, e dura,
„ Lá no escaldado Egypto,
„ (Para que folgue a timida esperança
„ Do Cultor desejoso)
„ Em prescripto momento ao Nilo acena
„ Que trasborde, que inunde
„ Meus campos; alongando-se das margens,
„ E os orne, os enriqueça
„ De doiradas espigas susurrantes.
Assim se exprime a Terra,
E encantado de ouvilla, e contemplando

Tra-

Travados hũns com outros
Por invisiveis, portentosos laços
Milhões de Entes diversos,
Que á Regra universal concorrem todos,
Encontro, encontro em tudo
A Lei, que os encadêa, a Mái, que os liga,
E do Plano sublime
N'um júbilo sem termo, admiro, adoro
A pasmosa Unidade.

AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,

Ministro, e Secretario de Estado dos Negócios do Reino, &c. &c. &c.

ODE.

FAntasmas do Terror, Socios funestos
Do queixoso Infortunio,
Tristes combinações, verdugos d'alma,
Já não sois meus Tyrannos.
Descei, Filhas do Ceo, tornai-me a Lyra,
Tornai-me o Dom sagrado;
Meus dedos, quasi inertes de ociosos,
Pelos canoros fios
C'os Apollineos sons de novo atinem,

Achem de novo a Gloria.
Celeste Viração, que a mente humana
Fecundas, purificas,
Estro brilhante, creador dos Hymnos,
Dissipa imagens turvas,
D'agra Tristeza desvanece o rasto
No espirito do Vate,
A' sombra dos Altares acolhido.
A estrídula corrente,
O pezo infamador aqui não sôa,
Aqui não sôão mágoas
Da vexada Innocencia lamentosa,
Nem do Crime opprimido
Atroz blasfemia desafia o Raio.
Aqui reina a Virtude,
A fagueira Piedade acode ao Pranto,
Tempera a Desventura:
Mais do que em todos neste Asylo augusto
Como que estás soprando,
Oh pura, salutar, vivificante
Respiração de Jove!
Já da semente, que afogavão medos,
Surgem fructos viçosos,
Em que os Heroes a Eternidade gostão,
D'alma rebentão Versos,
Versos que vão luzir, votiva offrenda,
Da Gratidão nas Aras.
Tu, Seabra immortal, meu canto acolhe,
Como os ais me acolheste,
Constrangendo a modestia, annúe ao voto.

No-

No idioma de Febo
Dá que em teus vivas minha voz se inflamme,
Que das Musas o Alumno,
Grato aos influxos da clemencia tua,
A teu Caracter grande
Padrões erija, que não róe a Idade.
Horas ha portentosas,
Em que, da vil materia desatado,
Sem que o desligue a Morte,
Além da Natureza adeja o Vate:
De encarar no Vindoiro
O dom foi aggregado ao Estro santo,
Para os Filhos de Apollo
Privilegio não tem, nem véos, nem sombras
O immutavel Destino.
N'um igneo turbilhão correndo a mente
Aos Penetraes eternos,
Em laminas de bronze olhei teus Fados
Com mudo acatamento.
Dado me foi tambem colher Futuros
Para amaveis Penhores,
De que o doce Hymenêo te fez mimoso.
He da Sorte decreto
Que as Vergônteas gentis vicejem tanto,
Como a Planta, que as nutre:
Em não remota Idade ornando a Patria,
Na Fama reluzindo,
Heroes produzirão, que Heroes produzão.
Não se allucinão Vates,
Mil glorias te hei previsto á clara Estripe,

Bri-

Brilhará, como brilhas,
E de igual permanencia estão fadados
O Universo, e teu Nome.

ODE.

IMpávido outra vez, Quintela egregio,
Vas pôr freio aos Tufões, dar leis aos Mares,
Do grande genio teu dobrar ao jugo
Carrancudas Procellas.

Rúem por terra as emperradas portas
Das Eólias; horrísonas Masmorras,
Que de hum fero encontrão, rugindo, arromba
A Caterva dos Euros:

Sôa o duro estridor das azas negras,
Nuvens a nuvens súbito se aggregão;
O Pégo se revolve, o Ceo gotêa,
Tinto da côr do Inferno:

Eis arde, serpeando entre os horrores
Da basta cerração, fulmíneo lume,
Eis pezados trovões o Pólo atrôão,
Os Nautas ensurdecem;

Nos crespos escarcéos lá surge a Morte,
Em montanhas de espuma o Lenho affronta:
Rasga celestes véos o aereo tope,
Roça no Averno a quilha:

Aos bravos Furacões, que não fraquejem,
Grita o Deos do Tridente, e o Deos do Raio:
Nos eixos nuta o Mundo á voz dos tôrvos
Irmãos omnipotentes:

Medrosa pallidez destinge as faces,
Sopêa as forças, enregela o sangue:
Já sobre as azas do Terror convulso
Foge a murcha Esperança:

Em choroso fragor mil preces tentão,
Voando, amollecer de Jove as iras:
Sanhudos Turbilhões c'oas amplas fauces
Os votos extravião.

Sobranceiro ao pavor, Quintela em tanto,
Contrastando os revôltos Elementos,
Depois que exhaure, oh Arte, em vãs industrias,
Teus próvidos thesoiros,

Pela undosa braveza ao ver sem fructo
Subtis combinações, subtis segredos,
Recorre á sacra Lyra, ao Dom divino,
Dom fecundo de assombros.

Rebentão d'entre as ondas marulhosas
Namorados Delfins, os Ventos dormem,
Desassombra-se o Pólo, o Mar se encurva
A' potente Harmonia:

Ante o novo Ariôn, como encantados,
Surdem verdes Tritões do equóreo seio;
Assoma de Nerêo a ingenua Prole
Nos Monstros escamosos.

Oh dádiva dos Ceos! Oh Lyra augusta!
Para o digno Cantor, o eximio Vate
Não corre o Tempo, não dimana o Lethes,
Não ha segunda Morte.

Ao Senhor Ignacio Quintela, Official da Marinha, e excellente Poeta.

AOS AMIGOS

ODE.

Imitada de huns versos de Mr. Parny.

JAzem desfeitos meus penosos ferros.
Sócios fiéis, eis volto
Liberto de afflicções aos vossos braços.
Oh serena Amizade!
Tu prestas mais que Amor: seus váos favores
São caros, são custosos;
Já, já lhes disse a Deos, e lhes prefiro
O néctar, que roxêa
Em honra de Liêo nos vítreos cópos:
Elle me extrahe, me apaga
A memoria tenaz de acerbos males.
Eia, Amigos, libemos
Almo, rubro licor, que gera os risos,
Os festivaes gracejos,
Que espanca o frôxo medo, o pejo inerte,
E as Musas desafia,
E esperta o sangue ao Ancião rugoso.
Dos prazeres da Terra
He este o só prazer extreme, e puro,
He de todos os tempos:
Elle da perda de gentís Ingratas

Nos consola, e nos vinga
Elle... ah triste de mim! Como he difficil
Affectar alegria
No seio da afflicção! Como he forçado,
E semsabor o riso,
Se o pranto da tristeza acode aos olhos!
Não mais, oh taça inutil,
Licor infructuoso, ah! Longe, longe;
E tu, séria Amizade,
São, divino prazer, tu só não podes
Contentar meus desejos.
Ao tropel das Paixões, que lutão n'alma,
Debalde impõe silencio
As vozes da Razão, e as vozes tuas.
Ai de mim! Tu lamentas,
Choras os males meus, e a ti cumpria
Acautelar meus males.
Quando me vês cahido, a mão me offreces,
A mão, que funda chaga
Em vez de ma curar, tentêa, assanha.
Vai-te, não me alumies:
As luzes da Verdade Amor não soffre;
Quer Amor que eu me illuda,
Que, surdo á voz do Desengano austero,
Que, desmentindo os olhos,
Engane o pensamento em mil quimeras;
Que, dos ferros curvado,
Cante os prazeres, cante a liberdade,
Que em suave transporte
Mil sombras vãs na fantasia abrace,

Que

Que imagine venturas
Entre as garras de aspérrimos Desgostos.
Viráõ, viráõ remir-me
Do cativeiro antigo esses momentos,
Em que os Mortaes acordão
De hum profundo lethargo, em que severa
Na escuridão do Engano
A próvida Razão menêa o facho,
E em que aos olhos já claros
Vôa, desaparece o falso encanto,
O sonho dos Amores.
Tu, Tempo estragador, batendo as azas,
Arrebatas comtigo
As nossas propensões, os gostos nossos;
Tu has de melhorar-me,
Tu has de rematar minhas cegueiras.
Então, fiéis amigos,
Rôtos os ferros, sacudido o jugo,
O coração de Elmano
Tornará para vós, será qual fôra,
Se o permitisse Armia.
Sobre a vossa experiencia então firmada
Minha usual fraqueza,
Talvez cobre vigor, talvez evite
O regresso damnoso,
A fatal sensação de vãos prazeres.
Vós me vereis, com tudo,
Volver para as paixões da fresca idade
Olhos humedecidos,
Gemer a meu pezar, córar de pejo

Co' a teimosa lembrança
Dos delirios de Amor, e envergonhado
Ter-lhe ainda saudades.

O DESENGANO,

Versos epódicos.

ASsás temos cantado, assás carpido,
Oh Lyra, oh doce Lyra,
Os bens, e os males do commum Tyranno,
Que nas almas derrama
A dor, e o riso, o néctar, e o veneno.
Longe a brilhante idéa
De olhos fágueiros, de aneladas tranças,
De angelicos sorrisos,
De momentâneos, amorosos furtos;
Longe a amarga lembrança
De vis perjúrios, de crueis enganos,
De traições estudadas,
Longe as memorias da infiel Marilia.
Feitiços perigosos,
Verdugos da alterosa Liberdade,
Tu, dom da formosura,
Fatal aos corações, suave aos olhos,
Tu, que em meus pensamentos,
No arbitrio meu, despótico, imperavas,

Ty-

Tyranno, impõe teu jugo,
Teu férreo jugo na cerviz daquelles,
Que a sisuda Experiencia
Por entre pavorosos precipicios
Inda ao Templo remoto
Náo guiou do proficuo Desengano.
Vencida a longa estrada,
Onde o Erro elevou montes, e montes
Para estorvar ao Homem
Sagaz instinto, que á Verdade o guia,
Vejo, saúdo os Lares,
Lares augustos do terrivel Nume,
Attento á voz do Afflicto,
Que ingénuas preces lhe dirige ás Aras,
Surdo a rógos fallazes
Do cego Escravo, que idolátra os ferros,
Liberdade implorando...
Que solidáo, que plácida tristeza,
Que profundo silencio
Reina em torno do Alcáçar venerando!
Oh sacro Domicilio
Da Verdade immortal, que, tu n'um ermo!
Os teus atrios desértos,
Sem culto, sem Ministro os teus Altares,
Em quanto á vá Grandeza
Servil Caterva prostitúe incensos,
E a curvada Lisonja
Os crimes doira, os vicios abrilhanta!
Ah! Eu te vingo, oh Deosa,
Eu entro o franco pórtico espaçoso,

E ás Aras... mas que sinto!
Que gêlo, que tremor, que sobresalto
Me prende a voz, e a planta,
Me abate as forças, me arripia as carnes!
Coração, que te assombra?
Que temes, coração? Perder Marilia!
Marilia acaso he tua?
Não maculou, traidora, os puros votos,
Os ternos juramentos!
Não viste a desleal sem dor, sem pejo,
Cevar-se nos teus males,
C'os lindos olhos em Fileno absôrtos?
Que importa que em seus labios,
Seu lédo rosto, seu virgíneo seio
Os Amores, e as Graças
Presentem mil imagens deleitosas,
Onde os sentidos pascem,
Que importa, se a Traição surgío do Averno
A corromper-lhe o peito?
Que vale sem virtude a Formosura?
Céde ao Tempo, á Desgraça:
Do Espirito a belleza he sempre nova.
Coração, triunfemos,
Triunfemos da pérfida Marilia,
E se a Razão não basta,
Vença a Vaidade o que a Razão não vence.
Envergonha-te ao menos
De seres só feliz, quando o permitte
O teu Rival soberbo,
Que, enjoando os affagos importunos

Da

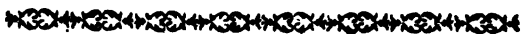
Da perjura, que adoras,
A's vezes com desprezo em ócio os deixa;
E se a ti se dirigem,
Não vem do coração, vem do costume.
Eia, misero Escravo,
Sacode o jugo, despedaça os ferros,
A vaidade te anime:
Quasi tudo o que ha raro, estranho, illustre
Da vaidade procede,
Móvel primeiro das acções pasmosas.
Tente-se a grande empreza,
Fórcem-se os Fados... ai de mim! Palpitas?
E em frequentes arrancos
Como que exprimes o pavor da morte!
Coração, não desmaies,
Alenta-te, infeliz... porém que escuto!
Que ruido, que assombro!
Que resplendor me cerca, e me deslumbra!
Tôrvos Dragões, batendo
Azas de negra côr, com duro estrondo,
Se encontrão, se atropellão,
E, quaes nocturnas aves, que amedrenta
O clarão matutino,
Espavoridos pelos ares fogem
Ao fulgor scintillante
De rubro facho, que na dextra empunha
Veneravel Matrona,
Librada sobre os Zéfyros plumosos!
Ah! Quem és? Vens do Olympo,
Portentosa Visão! Vens soccorrer-me!

Ou

Ou és aéreo fructo
Da enferma, delirante fantasia
Que entre illusões vaguêa?....
Não, já me illuminaste a mente cega,
Reconheço-te, oh Deosa;
E's a Próle dos Ceos, és a Virtude,
Que no benigno seio
Acolhes os meus ais, os meus remórsos,
Indulgente á demora
Que tive em demandar teu santo Asylo.
Esses Monstros, voando
Ante o celeste resplendor, que espráias,
São pungentes saudades
Feias traições, frenéticos ciumes,
Que invisiveis tégora
As cálidas entranhas me ralávão.
Graças, oh Divindade,
Que do sábio Varão mantens o esforço,
Quando a voluvel Sorte,
Inimiga do mérito, o sepulta
Nas solitarias sombras
De profunda masmorra aferrolhada,
Onde por mãos infames
De aspérrimas correntes o carrega:
Munido da innocencia,
Comtigo ri o Heróe no cadafalso,
Comtigo alegre observa
Do carrancudo Algôz na mão terrivel
O amolado cutélo,
Executor de barbara sentença;

E

E comtigo, oh Deidade,
Oh alta Bemfeitora, encéro as portas
Do formidavel Templo.
Teu sagrado fervor de vêa em vêa
Me agita, me transporta,
Eu te sigo, eu te sigo... oh Ceos! oh Deoses!
Já sou meu, já sou livre.
Idolo falso, que de Altar profano
Davas leis á minha alma,
Recebias meus votos, meus incensos,
Tributos da fraqueza;
Aleivosa Marilia, horror, e affronta
Té do tropel de ingratas,
De astutas, de infiéis, que o Mundo infamão,
O escravo de teus olhos,
A victima infeliz de teus enganos
Já tem rôtos os ferros,
Sôlta a vontade, o coração tranquillo.
Como o Sol, quando vibra
Na crystallina esfera os raios de oiro,
Gasta, desfaz, consome
Vapores, que exhalou, do seio a Terra:
Tambem, fallaz Marilia,
As luzes, que a Verdade em mim dardeja,
Absorvem, desvanecem
A funesta illusão, que na minha alma
Te assemelhava aos Deoses.
Ingrata, consumírão-se os incensos,
Retractárão-se os votos,
Forão-se as oblações, e os sacrificios,
Cahio o Altar, e o Nume.

A

A INSTABILIDADE DA FORTUNA,

Versos epódicos.

DE serenos Favonios bafejada,
Alveja no horizonte
Mansa Auróra, affagando a Natureza;
Das libertas madeixas
Distilla sobre a terra humor benigno
A planta vivifica,
Déspe o tenro jasmim no cális tenro,
Ao Zéfyro anhelante
Do espinhoso botão desprende a Rosa:
A'ureas guias sustendo
Aos activos Ginetes, Fébo assoma,
Bate a cérula estrada,
E estende pelos Ceos brilhante dia:
Eis terrenos vapores
Em miudas porções, que attrahe, que eleva,
Aos puros ares sobem,
Unem-se pouco a pouco, avultão, gyrão,
A grata luz suffocão,
E em rápidos chuveiros se derretem.
Por entre várzeas lédas,
Verdes collinas, florecentes prados
O claro, o doce Téjo
Susurra, ufano das arêas de oiro,
D'alta vêa abundosa,

Mas,

Mas, quando mais audaz, mais amplo corre,
No salgado Oceano
Perde o sabor, o cabedal, e o nome.
Sobrepujando ás nuvens,
Torre alterosa os seculos affronta,
Com rigido alicerce
Carréga, escóra no profundo Avérno,
Qual do oppresso Gigante
Péza nos hombros o estrellado Olympo:
Súbito brama, estoira
Ar comprimido no interior da Terra:
Desordena-se a base,
A assombrosa Babel se desconjunta:
Sôa a terrivel quéda,
N'um baque se desfaz o ingente orgulho.
Crespo, enórme Rochedo
Rebate as Vagas, que a tragallo investem:
Ronca de injuriado
O Pélago arrogante, as furias dóbra,
Multiplica os assaltos,
Recréscem Ondas, e o Penedo illeso.
Nisto do seio escuro
Da procellosa nuvem rebentando
I'gnea Frécha, seguida
De horrisono Trovão, dá sobre a Rócha,
Em pedaços a espalha:
O que não póde o Mar, lá póde o Raio.
A' temerosa fronte
De bravos Esquadrões, ardendo em sanha
Qual tu, Numen da Guerra,

Fre-

Frenético Mortal insulta a Morte;
Por entre espessa chuva
De férvidos peloiros, que sibilão,
Corre, vozêa, ataca,
Rompe, abate, destroe, e em fim triunfa.
Ei-lo em carro pomposo,
Tirado por miserrimos Despójos
Da sanguenta victoria,
Por seus Iguaes, que afflictos, prezos, curvos
Ao jugo vergonhoso,
No pó, no pejo envoltos, suão, gémem.
Lá volve ao duro officio
O Flagello, o Terror da Humanidade,
D'ante mão se gloría
Dos novos loiros, que já crê que apalpa:
Engana-se o Perverso,
A Ventura cançou de honrar-lhe os crimes.
Lá se atêa o conflicto,
O bárbaro Guerreiro arqueja, e férve,
Contra as armas adversas
Punge o Bruto veloz, que ardido espuma.
Assassino adornado
Do titulo de Heróe, não vês, não sentes
Os Ministros da Morte,
Os hórridos Fantasmas, que te seguem?
Lá o assalta, o rodêa
Raivosa Turba hostil, pezados golpes
Chovem sobre o Tyranno;
Lida em vão, perde o ferro, em rubro lago
Se revolve na terra:

Ex-

Exulta, Natureza, o Monstro expira.
Nada tem permanencia,
Caprichos da Fortuna alterão tudo.
Musas inspiradôras,
Graças mimosas, candidos Amores
Almo prazer me dérão;
Fitos em Nize o coração, e os olhos,
N'um extasis suave
Puz em doce alliança 'a voz, e a lyra;
Da famosa Ulisséa
Os Córvos aterrei, fui grato aos Cysnes:
Hoje, sumido á Gente,
A' luz vedado em carcere medonho,
Nem parece que existo.
Réo me publíca opinião potente,
Triste labéo me affêa;
Perdi a minha Nize, a gloria minha,
A minha liberdade.
Remotos estes bens, que bem me resta?
O maior, a constancia.

E L F I R A,

IDYLLIO FARMACEUTRIO, ou MÁGICO.

O Duro inverno as arvores despia,
Pelos cumes da serra branquejavão
As níveas cans ao túrbido Janeiro;

Lo-

Lodoso o rio, em rápida torrente
Excedendo as barreiras pedregosas,
Dos campos destruia o verde ornato;
Relampago fugaz crestava os ares,
Fendia o negro bojo ás altas nuvens
Co'a momentanea luz, que a espaços doira
O procelloso horror; de quando em quando
Sentia-se o trovão roncar ao longe:
Envôlta n'um cerrado, escuro manto,
Estava semimorta a Natureza.
Já por entre o crepúsculo soltava
A estrella occidental seu frôxo lume,
Já da Ciméria cóva a Mái das sombras
Vinha no carro de évano esparzindo
Silencio, confusão, pavor, cegueira,
Vinha com denso véo, das mãos pendente,
Dando prazer a amor, lugar ao crime.
Eis saúda Lorvêo a amiga Noite,
Lorvêo sumido em húmida caverna,
Em subterranea abóbada gretada,
Onde, oh Lua, onde, oh Sol, depois de haveres
Vingado o cume azul dos Ceos brilhantes,
Pelas fendas do tecto entrais a medo,
(E onde agora a profunda escuridade
Mantem a densidão, o horror sustenta
Entre desmaios de cerúlea véla,
Cujo avaro clarão sahe d'hum recanto,
E parece, a tremer, que receoso
Está da Habitação, ou do Habitante.)
Teus preceitos fataes elle professa,

Scien-

Sciencia horrenda ao Mundo, ás Fúrias grata,
Sciencia atroz, que os A'quilos enfrêas,
Que ora em rasa campina o mar convertes,
Ora em montes de espuma aos Ceos o elevas,
E, revogando as leis ao Fado, á Morte,
Do seu carcere eterno os Manes sóltas.
No duro chão do lôbrego aposento
Mistas em bando o Mágico rodêão
Tristes aves de agoiro: a preta Gralha,
Tu, Môcho velador, tu, Corvo infesto;
A Víbora mordaz alli serpêa,
O negro Sapo immundo aos pulos berra,
Alli se aninha o lânguido Morcêgo,
E alli, á varia Turba presidindo,
O Mestre insigne das Tartáreas artes
Revolve agora os mágicos mysterios
Na mente absôrta em lúgubres idéas,
Murmura agora os hórridos conjuros,
Os versos, a que annúe a estygia Deosa.
Indo principiar seu rito infando,
Tres vezes lhe estremece o lar medonho,
O pállido carão se lhe affoguêa,
Aos olhos côr da noite os lumes tórce,
Carrega hum tanto o ríspido sobrolho,
Erriça-se-lhe a grenha, arqueja, espuma,
Vibra a vara efficaz, e açoita os áres,
Susurra, bate o pé. Súbito a chusma
De aves, e bichos pávida emudéce.
Vendo em silencio tudo o féro Mago,
Nos Astros embebido, assim se exprime:

A'u-

A'ureas Estrellas, que inspirais na Terra
Diversas condições, diversos Fados,
Do influxo, que de vós se desencerra,
Hoje os encantos meus sejão tocados.
De Amor, que anda comigo em dura guerra,
Os farpões adoçai, no Inferno ervados;
Meus Destinos vencei crueis, e adversos:
Astros potentes, ajudai meus versos.

Tríplice Deosa, oh Hécate, oh Consorte
Do tôrvo Rei, que o Bárathro governa,
Vós, Manes, vós, Euménides, tu, Morte,
Que vos cevais no horror da sombra eterna;
Minos, e os dois Irmãos, a quem por sorte
Coube exercer do damno a lei superna,
Punir traidores, aterrar perversos,
Sede-me attentos, escutai meus versos.

Tu, que as luzes de Fébo, oh Cynthia, aclárão,
Hoje o teu quinto gyro estás fazendo,
Hoje do seio maternal brotárão
Plutão, e as Filhas de Acheronte horrendo;
E os que sérras de sérras carregárão,
Sacrilegos aos Ceos arremetendo:
Este dia fatal o encanto aspira.
Triunfai, versos meus, da ingrata Elfira.

Tyranna, por quem são meus males tantos,
Quantas arêas volve o mar comsigo,
Por quem vou desfazendo em ais, e em prantos
O coração, que em ti não acha abrigo,
Podendo sujeitar-te a meus encantos,
Só de humilde brandura usei comtigo,
Mas já que hum doce amor em vão suspira,
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Peito, a ferinos peitos semelhante,
Rebelde á Natureza, hoje veremos,
Se o que não podem lagrimas do Amante
Podem do iroso Mágico os extremos.
Tolher não has de que a victoria cante,
Com forças desiguaes vencer queremos:
Eu com versos, e amor, tu só com ira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Segredos murmurando o Mago astuto,
A Lua arranca da azulada Esfera,
Reclama as Almas a Charonte hirsuto,
Da vasta Natureza as leis altera;
Das tres gargantas adormenta o Bruto,
De sombras cobre o Sol, no Averno impera:
Mesmo aos Ceos, quando quer, terror inspira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

As regras, que estudei co' a Fada Olena,
Vinguem minha paixão, e o teu desprezo;
Dois ramos de cypreste, hum de verbena
Queimo no enxôfre de repente accezo:
Ao mocho agoirado tiro huma penna
Junto da cauda, e pelas azas prezo,
Agora o cresto na sulfúrea pyra.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Deste apertado círculo no meio
Ponho a sinistra mão, depois o apago;
Tres vezes para traz aqui passeio,
E debaixo dos pés tres rás esmago;
Raspo esta pedra, que do Ganges veio,
Trazida por Fatino, illustre Mago:
Insoffrivel calor de si transpira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Esta figura, que em metal gravada
He de audaz Campião, que hum Trigre aterra,
Esta figura, Talisman chamada,
Mil virtudes sympathicas encerra.
Bem como a fera aqui representada
Se rende ao bravo Heróe, cahindo em terra,
Renda-se-me a cruel, o encanto a fira:
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Lidai, Artes venéficas. Eis nesta
Já morna decocção da dormideira
Tres vezes de hum morcego alago a testa;
E cahirá dormindo á vez terceira.
Misturo cinco folhas de giesta
Com a flor amarella, que não cheira;
E súbita fragrancia ei-la respira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Como esta cera se derrete ao lume
O rijo coração de Elfira escaça,
Adorando o poder do Idálio Nume,
Em lagrimas piedosas se desfaça.
Como arde esta resina, este betume,
Como se afferra aos dedos esta maça,
Preza, ardendo por mim, quem já te víra!
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

Encravo de urso preto as duras garras
Na garganta loquaz de corvo antigo;
Fazendo verdejar tres seccas parras,
Elfira? Inda não vens? (com ancia digo.)
Tórro na quente cinza estas cigarras,
De aréca (1) tres porções depois mastigo,
Fructo que a corrupção prohibe, ou tira.
Céde a meus versos, desdenhosa Elfira.

(1) Aréca, fructo da Arequeira, planta da India.

Qual, pungido da sede, em pouco espaço
Vôa o rapido cervo á fonte amena,
Caminhes tu, meu bem, com leve passo
A mitigar meu pranto, e minha pena...
Mas Ceos!... Eu vejo Elfira!... Elfira abraço!...
Eis, eis dos olhos seus a luz serena:
Ah! Menos conseguiste, Orfêo, co' a lyra.
Não mais, encantos meus: cedeo-me Elfira.

ARMIA,

IDYLLIO.

INTERLOCUTORES:

ELMANO, JOSINO.

JOSINO.

SAlve, meu caro Elmano, em fim, voltaste
De Scálabis (1) aos campos, onde outr' hora
Cantando os versos teus, nos encantaste.

Porém que avesso te diviso agora
Do que estavas então! Fere-te o peito
Interna mágoa, que se vê por fóra.

Pas-

(1) Santarem.

Pastor, ás Musas, e á ternura affeito,
Que mal te aconteceo? Talvez padeces
O de amor, a que tudo está sujeito?

Elmano, o antigo Elmano ah! não pareces:
Conta-me, por quem és, o teu desgosto:
Quanto o devo sentir já tu conheces.

ELMANO.

Banhai-me sempre, lagrimas, o rosto,
Té que este corpo misero, e cançado
Tenha na fria sepultura encosto.

Choremos, coração desenganado,
Chorai, Ninfas gentis, gentis Amores,
Com lagrimas de sangue o nosso estado.

Oh Ceos! Oh rio! Oh arvores! Oh flores!
Eis o mais consumido, o mais saudoso
Entre a turba infeliz dos Amadores.

JOSINO.

Refrêa o terno pranto copioso,
E c'um peito fiel reparte, amigo,
Damnos, que te grangea o Fado iroso.

Se és qual foste, qual fui, qual sou comtigo,
Dize-me a tua mágoa, o teu segredo,
Que no meu coração terá jazigo.

Como que nos acena este arvoredo,
Movendo-se tão manso, que parece
Estão soprando os Zéfyros a medo.

Sentemo-nos: contado o mal decresce,
A queixa he natural, e a filoméla
No raminho cantando, a pena esquece.

Imita, meu Pastor, o exemplo della,
Do peito amargurado a voz desata:
Que Pastora te afflige, ingrata, e bella?

ELMANO.

Pastora bella sim, mas não ingrata
Dá motivo a meu pranto, a meu tormento,
Não mata de rigor, de amores mata.

No momento, em que a vi, (fatal momento!)
Para seus olhos meigos me voárão
A vontade, o prazer, e o pensamento.

Elles a noite carrancuda acclarão,
Nelles as Graças vivem, nelles morão
Os que ardentes farpões em mim disparão.

Del-

Delles o Ceo, e a Terra se namorão,
Serenos como as agoas em remanso,
Lindos no gosto, e lindos quando chorão.

Dei por elles meu siso, e meu descanço,
Custão-me esta saudade, esta agonia,
E os ais, que sem proveito aos ares lanço.

JOSINO.

Torno a dizer, se extremos de algum dia
Inda te não passárão da memoria,
Claramente de mim teus males fia.

Desse queixoso amor a inteira historia,
Dando-te a dôr lugar, saber quizera:
Crê que a ninguem por mim será notoria.

ELMANO.

Se da amizade a força me não dera
Causa, oh Josino, a declarar qual ando,
Tambem meu mal por mim ninguem soubera.

Lá onde o Téjo teu, que vai manando
Tão claro para o mar, se dana, e torna
Em salgado, e feroz de doce, e brando,

Vasta planicie de arvores se adorna
Junto de hum fresco valle, onde sereno,
Murmurante cristal no chão se entorna.

Dos

Dos Arroios se chama o valle ameno,
Além delle o casal tem n'um recosto
Armia, por quem ardo, e por quem peno.

Ella, e Felisa em voz, em modo, em rosto,
Em tudo, sendo Irmás, differem tanto,
Como em calor differe Abril de Agosto.

A fama, que por lá ganhei no canto,
Os meus laços teceo, guiou-me hum dia
A' minha desventura, ao meu encanto.

De ouvir-me curiosa, a Mãi de Armia
Roga a dois Socios meus, Montano, e Fido,
Me levem ao casal, onde vivia.

Segui-os, fui, olhei, fiquei perdido
De amores, e desejos por aquella,
Que nunca fugirá do meu sentido.

Descancei mansamente os olhos nella,
Mudo lhe expuz meu mal, e a vi, e achei-a
Fagueira, maviosa, além de bella.

Já leda nos meus versos se recreia,
Minha lyra lhe apraz, e em meus louvores
Não soffre se anticipe a lingua alheia.

Ca-

Calados, mas dulcissimos favores
Desfructo do meu bem, e ambos sentimos
Os brandos corações arder de amores.

Ligados desde a hora, em que nos vimos,
Fomos passando o tempo em doce estado,
Em furtiva ternura, e cautos mimos.

Da Mãi, e Irmãos de Armia era prezado,
(Irmãos, porque esquecia o moço Ansélo,
Que sempre então me desejava ao lado.)

Porém tu, da innocencia atroz flagello,
Tu, oh Calumnia vil, n'um fero instante
Nos foste malograr tanto desvelo.

Ditoso neste amor igual, constante,
(Turbado ás vezes só pelo ciume,
Necessaria pensão do peito amante.)

Davamos ternos ais, e algum queixume,
Sem recear mudanças da Ventura,
Vária por genio, vária por costume.

Eis se arma em nosso damno, eis se conjura
Contra a nossa alegria hum maldizente,
Tão mordaz como as féras da espessura.

Pes-

Pessima producção de má semente,
Infimo Pegureiro, o vil Domicio,
Que dalli longo tempo andára ausente.

Era, por compaixão, por beneficio,
Acceito, recebido, agasalhado
Nos lares, onde Amor me foi propicio.

Em baixas cantilenas mal versado,
A's vezes, mas debalde, usar queria
Das Musas immortaes o dom sagrado.

Este, pois, com sagaz aleivosia
(Sem que jámais de mim provasse offensa)
Hum seductor me finge á Mãi de Armia.

Ella acredita o Monstro, em raiva intensa
Arde contra a paixão, que em nós conhece,
Olha-nos já com rispida presença.

Claro de dia em dia o tedio crece,
Converte-se em rigor o affago d'antes,
Tudo nos desampara, e nos empece.

Nós, desvalidos, miseros Amantes,
Com disfarces em vão cegar queremos
A cuidadosa Mãi, e os circumstantes.

To-

Todos a nosso amor contrarios vemos;
Comigo desleaes Montano, e Fido
Condemnão quaes delictos meus extremos.

Para tormentos mil eu fui nascido:
Quiz soffrer o pêor, sacrificar-me
A'quella, que me tinha alli rendido.

A' furto não deixava de amimar-me,
Dizendo-me: „ tolera a Mãi raivosa,
„ Até que o Tempo as furias lhe desarme.

Mas vendo, a seu pezar, minha alma anciosa
Que de alguns dons, que devo á Natureza,
O desconto me faz Fortuna irosa,

Ousado me arrojei a estranha empreza,
Fugi subitamente ao caro objecto
Para evitar-lhe a maternal dureza.

No peito a dor, e a pallidez no aspecto,
Morrer longe de Armia amante, e bella
Era ao principio meu feroz projecto;

Mas o fervente amor, que me desvela,
Me disse ao coração que não perdesse
A gloria, o bem de padecer por ella.

A' morte eu antepuz este interesse:
(Se alguem a si prefere a sua amada,
O fiel, o estremado amante he esse.)

Em fugir ao meu bem vi requintada
Esta acceza paixão, que me transporta,
Paixão que he tão leal, quão desgraçada:

E dado todo á magoa, que me corta
O triste coração, sem tino a mente,
Com alma esmorecida, ou quasi morta, (1)

Deixo aquelles contornos de repente,
Desertos, solidões achar desejo,
Onde as aves da Noite andem sómente.

Mil vezes canço, vezes mil forcejo
Por caminhar no mato, onde me entrenho,
E em fim (sem saber como) aqui me vejo.

JOSINO.

Com lagrimas as tuas acompanho,
Mas a quem, meu Pastor, conhece o Mundo
Nenhum mal como o teu se faz estranho.

A sólida expriencia, em que me fundo,
Bravezas das paixões em mim quebranta,
Salvando-me de hum pego tão profundo.

Amor

(1) Imit. de Ferr. na Castr.

Amor nos multiplica, e nos encanta,
Docemente ligado á Natureza,
Os Homens, os Mortaes ao Ceo levanta;

Mas se influe o prazer n'uma alma acceza,
A's vezes, todavia, em nós se afferra,
Qual monstro de ímpia garra, aguda preza.

O velho Auliso não treslê, não erra
Em dizer, e affirmar que amor he fogo,
Fogo devorador de toda a Terra.

Mas cumpre haver, Elmano, hum desafogo,
Hum corte nas paixões. Valor, constancia,
Não chores, cahe em ti, céde a meu rogo.

Os males diminue a tolerancia:
De amor o activo incendio se modera
C'os auxilios do tempo, e da distancia.

Attento neste prado, a dor tempera,
Vê como brilha na planicie amena
A vistosa estação da Primavera:

Olha a corrente como vai serena,
Ouve quão branda pelos ares sôa
Das aves a amorosa cantilena.

EL-

ELMANO.

Primeiro que este mal, que me magôa,
Cesse de me affligir, serão gostosos
Os écccos do trovão, que o Mundo atrôa:

Serão sem graça os passaros mimosos,
As Estrellas sem luz, sem pranto a Aurora,
Bravos os cabritinhos boliçosos.

JOSINO.

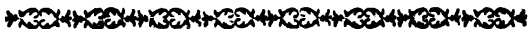
Não te quero opprimir, prantêa embora;
Mas em penhor de affecto ao puro amigo
Ao menos hum prazer concede agora.

Acompanha meus passos, vem comigo,
Que já são horas de acolher-se o gado.

ELMANO.

Sim, Josino fiel, eu vou comtigo,
Mas soffre lamentar-se hum desgraçado.

ULI-

Este Idyllio, como verá o Leitor versado nisso, he escrito no estylo de Fernão Alvares do Oriente.

ULINA,

IDYLLIO PISCATORIO.

DE Pedroiços na praia extensa, e fria
Quando, extinguindo os Astros, apontava
No córado Horizonte a luz do dia,

Sózinho hum Pescador se lamentava,
Em quanto na tenaz fateixa prezo
Seu batel sobre as ondas fluctuava.

De amores o Infeliz perdido, accezo,
Derretia-se em lagrimas queixosas,
Provando amarga dor, cruel desprezo.

Ulina, Irmá das Tágides formosas,
E inveja das Irmãs, a bella Ulina
Lhe motivava as ancias lastimosas.

Em seus olhos gentís, com que domina
Rendidos corações Amor tyranno,
Em sua linda face, e voz divina

Perdêra a liberdade o terno Elmano:
(Assim se nomeava o triste Amante,
Que inda não cedia ao desengano.)

Oh

Oh tu (clamava o cego, o delirante)
Filha das ondas, como as ondas pura,
E tambem como as ondas inconstante!

Que mal te fiz, que mal? Porque tão dura
Negas doce attenção, doce piedade
Aos ais de amor, aos prantos da ternura?

Se és Prole de Nerêo, se és Divindade,
De fêa ingratidão como te infamas,
Vicio que enche de horror a Humanidade?

Que premio dás ao coração, que inflammas!
Teu prazer, teus amores me chamaste,
Teu odio, teu desgosto hoje me chamas.

Risos, e affagos em desdens trocaste,
Risos, e affagos mil, com que os sentidos,
Com que os livres sentidos me enlaçaste.

Meu canto foi suave a teus ouvidos,
Hoje aos ouvidos teus sómente he grato
O rouco, inutil som dos meus gemidos.

As lagrimas de amor, que em vão desato,
Amarguras, que em miseros clamores
A' Terra, ao Vento, ao Mar, e ao Ceo relato,

Dos

Dobrão-te as iras, cevão-te os rigores;
E debalde a teu lado estão carpindo,
Chamando-te á piedade os nús Amores:

De seus ais, de meu mal tu, ímpia, rindo;
Tens por timbre, por gloria a tyrannia,
Manchas c'um genio fero hum rosto lindo.

Noite mais clara para mim que o dia
Minha prizão forjou, quando eu folgava
No regaço da paz, e da alegria.

Ferindo a lyra, ao ar meus versos dava
Nesta lustrosa praia: a branda Lua
Lá no cume dos Ceos então brilhava.

Eis sobre as agoas límpidas fluctúa
Das Nynfas o Tropel, e Amor me offrece
O sereno esplendor da face tua;

Confusamente aos olhos me apparece
Entre as mais, e hum sagaz presentimento
De todas por melhor te reconhece;

Levaste-me na voz o pensamento,
Sendo, oh Nynfa, o momento de escutar-te
Da minha perdição fatal momento.

Vieste sobre a margem reclinar-te,
Jurando que meus sons encantadores
Poderáo d'entre as ondas arrancar te'

Absorto me deixáráo teus louvores,
E o ver das bellas Nynfas a mais bella
Mover-se á rude voz dos Pescadores.

Que noite para mim, que noite aquella!
Tempo, que tudo estragas, e devoras,
Ah! náo me roubes as memorias della.

Horas do meu prazer, benignas horas,
Ao menos consolai na idéa hum triste,
Tende sequer fantasticas demoras.

Oh Ceos! Com quanto júbilo me ouviste,
Minha adorada Ulina, e quáo mimosa
Que volvesse a teus olhos me pediste!

Que vezes nesta praia deleitosa
(Que, ufana de gozar teu meigo rosto,
Mais fresca se tornava, e mais formosa.)

Pintaste em brando olhar o amor, e o gosto!
Vieste, encanto meu, lograr comigo
As amenas manhás do claro Agosto!

Ven-

Venturas, que idolatro, e que não digo,
Altas venturas, em que trago a mente,
O carinhoso Amor me deo comtigo.

Ah! Que nunca o prazer foi permanente;
Arremeda ao relampago a alegria,
He tão fugaz como elle, e tão luzente.

Quando serenas glorias possuia,
E erguido ao Ceo de Amor meu pensamento
Do térreo Mundo vil já nada via,

Agros zelos traçárão n'um momento
A minha desventura, e quiz a Sorte
Fartar-se nos meus ais, no meu tormento.

Qual súbita rajada aguda, e forte
Que ao ledo, ao descuidado Navegante
Esperança, e baixel destroe co'a morte:

Tal para meu amor foi outro Amante,
Que, por ti, Nynfa ingrata, olhado apenas,
Vio terno acolhimento em teu semblante.

Desde então me aborreces, me condemnas
Do desdem, do ciume, e da saudade
A's negras afflicções, ás duras penas.

Horrenda, carrancuda tempestade,
Que rebenta nas rochas, e ennegrece
Dos Mares, e dos Ceos a claridade,

A' que tolero em mim não se parece:
Em breve aquella affroxa, e se abonança,
Nesta de dia em dia a furia crece.

Más oh cruel, tristissima lembrança!
Se ao menos de outro o merito murchasse
A meus vivos desejos a esperança,

Se outro, digno de ti, me despenhasse
Neste abysmo de horror, nesta agonia,
E os prazeres em flor me desfolhasse,

Desculpára a traição, a aleivosia,
A soberba, o desdem, com que me tratas,
Quando fagueiro amor te merecia;

Porém de puros laços te desatas,
E n'um sordido nó tua alma prendes,
Exemplo das crueis, e das ingratas.

Esse Rival abjecto, a quem te rendes,
Não sabe em molle verso harmonioso
Cantar-te as perfeições, com que me accendes;

Não

Não he constante, férvido, extremoso,
Pranto de amor aos olhos não lhe acode
Não conhece o que vale hum ai piedoso:

As redes, e os anzóes apenas póde
Introduzir no mar co' a mão bisonha,
E a isca preparar, que o peixe engode.

Oh quanto me envilece, e me envergonha
Esta amargosa idéa! Oh Ceos! E he crivel
Que Ulina hum torpe Amante me anteponha!

Ciume abrazador, paixão terrivel,
Deixa-me, ou tu, Razão, Razão sagrada,
Presta-me auxilio, torna-me insensivel.

Na mente por Amor incendiada
Apaga, desvanece-me os encantos,
As graças, e o poder da minha amada;

Rompe-me hum jugo tão penoso a tantos,
Corre. . . mas ai de mim! que em vão te imploro;
E's surda a minhas preces, a meus prantos.

Não, não me attendes, e a infiel, que adoro,
Se paga, e se gloria, e se recrêa
Com as perdidas lagrimas, que choro.

Oh

Oh tu, que lambes a ditosa arêa,
Onde gozei mil gostos, mil favores,
Mar, que a muda bonança agora enfrêa,

Propicio á minha dôr, e a meus clamores,
Sacode a mansidão. Tu, Rei dos Ventos,
Teus Monstros sólta, excita-lhes os furores;

Travem raivosa guerra os Elementos,
Em quanto no alto Pégo a sepultura
Escolho, por fugir aos meus tormentos.

Nocturnas aves da morada escura
Venhão, voando aqui, carpir de dia
Os rigores de Ulina ingrata, e dura:

Amor, que tantos bens me promettia,
Quebre os crueis farpões, que me abrazárão,
Lance hum ai de piedade, e de agonia:

Os Delfins, os Tritões, que me espreitárão
Mil vezes de sentidos, de invejosos,
Quando amorosas ditas me encantárão,

Agora enternecidos, maviosos,
Vejão como perece hum triste Amante
Por culpa só de huns olhos tão formosos.

Bri-

Brilhe alegre sorriso em teu semblante,
Origem do meu mal, doce inimiga,
Surge a ver-me entre as agoas fluctuante.

Graças ao Mar piedoso, á Morte amiga:
Ingrata, o seu poder (pois não te abrando)
Ao menos dos teus laços me desliga.

Disse, e com turvos olhos foi trepando
Ao agro pico de rochedo ingente,
Que as ondas porfiosas vão cavando.

Para os Ceos ergue a vista, e de repente
Se arroja, se despenha o desgraçado,
Victima da paixão, do mal que sente.

Eis que do seio do licor salgado
Salta a Ninfa gentil, mimosa, e núa,
Dos ternos olhos seus objecto amado.

Espera, caro Amante, inda sou tua:
(Exclama, e transportada as mãos lhe lança,
O infeliz arrancando á Morte crúa)

Espera, torna em ti, não ha mudança
No meu candido amor: de vãos ciumes
Com fingida traição tomei vingança.

Não commetto a perfidia, que presumes,
Sou qual fui, sou fiel... (e orvalha em tanto
De chorosa piedade os puros lumes.)

A' voz, e á vista do seu doce encanto
No ancioso Pescador, no Amante afflicto
Qual foi a confusão ! Qual foi o espanto !

De prazer desmaiou, soltando hum grito,
E a Ninfa padeceo no susto a pena
Do supposto, fantastico delicto.

Suspirando, o conduz á praia amena,
Onde lhe dá dulcissimos instantes.
De puros gostos ineffavel Scena,
Sempre te gozem corações amantes.

A SEPULTURA,
OU
A MORTE DE ADONIS.
IDYLLIO DE BION DE SMYRNA,

Vertido fielmente da traducção litteral em Latim.

CHoro Adonis, he morto o bello Adonis,
He morto Adonis, chorão-no os Amores.

Não

Não mais, envolta nas purpúreas vestes,
Não mais durmas, oh Venus, eia, acorda,
E luctuosos véos trajando afflicta,
Fere co' a mão de neve o lindo peito,
Dize a todos: he morto o bello Adonis:
Eu choro Adonis, chorão-no os Amores.
Jaz na montanha Adonis, o formoso,
Mordidas de alvo dente as alvas carnes:
A triste Venus esmorece ao vêllo
Ir exhalando os ultimos suspiros;
Sahe do golpe fervendo o rubro sangue,
Névoa da morte lhe entorpece os olhos,
Foge dos labios a punícea rosa,
Vão-se com ella os deleitosos beijos,
Em que de gosto desmaiava a Deosa.
Inda no Moço amavel, já não vivo,
Dar osculo amoroso he doce a Venus;
Mas Adonis (oh Ceos!) não vê, não sente
Que Venus infeliz o abraça, o beija:
Eu choro Adonis, chorão-no os Amores.
Adonis junto á candida cintura
Tem mortífero golpe, e tu, oh Venus,
Tu tens no coração maior ferida.
Os fiéis animaes á caça usados
Em roda ao gentil Dono uivárão tristes;
Nos montes as Oreades o chorão.
A anciosa Venus, soltos os cabellos,
Sem cor, sem atavio, e núa a planta,
Pelos bosques vaguêa, e corre, e geme.
Na rapida carreira agudo espinho

Lhe

Lhe extrahe dos tenros pés o sangue puro.
Ella com alta voz atrôa os valles,
Chama o terno Amador, o Assyrio Moço.
Ai! Entretanto o misero distilla
Rubicundo licor das rotas veias,
E purpúrea apparece a nívea carne.
Ah Venus! Venus! (os Amores gritão
Dos olhos, e da face os mil encantos
Perdeo Venus, perdendo o bello Amante.
Quando Adonis vivia, era das Graças
Venus a Deosa, Venus o modélo:
Toda a belleza della, o riso todo,
Quando Adonis morreo, morreo com elle.
Arvores, montes por Adonis clamão,
De Venus a tristeza os rios chorão,
Vão por Adonis suspirando as fontes,
Roxas as flores pela dor se tornão.
Delira a consternada Cytheréa
A gyrar, e a carpir de valle em valle.
Ah Venus! Jaz sem vida o meigo Adonis.
Ecco, de gruta em gruta resoando,
Repete: jaz sem vida o meigo Adonis.
Quem não lamentará da afflicta Deosa
O duro estado, os miseros amores!
Oh dor! Quando ella vio ser insanavel
Do seu mimoso Adonis a ferida,
E o sangue em borbotões correr do golpe,
Abrindo os braços, e arquejando: „ espera,
„ Espera, triste Adonis, (exclamava)
„ Dá-me que eu goze este prazer extremo,
„ Dei-

„ Deixa que me console hum terno abraço,
„ Que inda meus labios nos teus labios toquem.
„ Abre os olhos, Adonis, abre hum pouco,
„ Dá-me hum beijo, hũ só beijo, em quanto a Morte.
„ Não te extingue o calor nos molles beiços.
„ Tua alma acolherei na minha boca,
„ E della descerá para meu peito;
„ Doce amor beberei no beijo doce,
„ E o doce beijo guardarei saudosa,
„ Como se fosse Adonis, já que ingrato
„ A Venus desamparas, foges della
„ Para as medonhas margens de Aqueronte,
„ Para o feio, implacavel Rei do Inferno.
„ Eu, infeliz, sou immortal, sou Deosa,
„ Eu seguir te não posso, eu vivo, e morres!
„ Recebe, oh tu, Prosérpina, recebe
„ O meu formoso encanto, a gloria minha.
„ Ah! Quanto he superior ao meu teu Fado!
„ Tudo o que ha mais gentil, melhor no Mundo
„ Tudo possuirás, e eu desditosa,
„ Curtirei dor sem fim, saudade eterna:
„ Temo a Deosa Tartárea, choro Adonis.
„ Morreste, oh suspirado, e teus carinhos
„ Como hum sonho fugaz de mim voárão:
„ Em triste viuvez eis Venus fica,
„ E os Amorinhos seus em ocio triste.
„ Do meu cinto a virtude encantadora
„ Comtigo pereceo! Ah temerario,
„ Como, sendo tão lindo, e tão mimoso,
„ Ousaste accommetter sanhudas feras?

As-

Assim carpia a Mãi, e os Cupidinhos.
Ai Venus! Ai que he morto o bello Adonis.
De Venus tantas lagrimas corrêrão,
Quanto sangue correo do loiro Amante,
E em flores se mudárão sangue, e pranto:
Nasceo daquelle a purpurina rosa,
Deste nasceo a anémone brilhante.
Choro Adonis, he morto o bello Adonis.
Não mais no bosque, oh Venus, o prantêes;
Em sublime lugar já Mão piedosa
Digno tóro aprestou ao teu querido.
Sobre teu leito jaz o morto Adonis,
E morto, e descorado he bello ainda:
Parece nelle a morte hum brando somno.
Depõe seu liso corpo em lisas vestes,
Vestes nas quaes envolto elle gostava
De noite ou mimos teus, ou gratos sonhos.
Ama, posto que extincto, Adonis ama,
Tece-lhe as crôas, e os festões de flores,
Que depois que morreo, ficárão murchas.
Rega do çumo de amorosos mirtos,
Perfuma de gratissimos aromas,
Perfuma os frios, delicados membros;
Pereção, Venus, os perfumes todos,
Se Adonis pereceo, que era o perfume,
O suave perfume da tua alma.
Na purpura descança o tenro Adonis:
Em torno delle suspirais, Amores,
As lustrosas madeixas decotadas
Em honra funeral do extincto Amante.

Aquel-

Aquelle calca aos pés bicudas settas,
Este o arco desmancha, estoutro parte
A'ureo carcaz, de farpas abundante:
Hum lhe descalça o nítido cothurno,
Outro agoa cristallina em ricos vasos
Traz, carpindo, outro lava-lhe a ferida,
Co' as pennas outro em fim lhe agita os ares.
Os Amores lamentão Cytheréa,
E na porta Hymenêo seu facho apaga,
E a crôa nupcial desfaz saudoso...
Ah! Não mais Hymenêo, não mais seus hymnos;
Só lagrimas, só ais borbulhão, sôão.
Oh misero Hymenêo! Misero Adonis!
O filho de Cinyra as Graças chorão,
He morto Adonis (entre si clamando
Em mais aguda voz, que a tua, oh Venus)
As tres negras Irmãs, as mesmas Parcas
Chorão em flor cortado o Moço lindo,
E até com mago verso á vida o chamão:
Elle escuta, elle attende, e fica immovel,
Não por estar contente onde se occulta,
Mas Prosérpina o quer, e não permitte
Que elle goze outra vez a luz do Mundo.
Cessem, pois, Cypria Deosa, os teus suspiros: (*)
Hum terno suspirar não move os Fados.

DA-

(*) Este remate he meu, porque o do Original, relativo ás festas annuaes, celebradas em honra de Adonis, e Venus, me pareceo pouco interessante.

DÁFNIS,

QUINTA EGLOGA DE VIRGILIO.

MENALCA.

JA' que neste lugar nos encontrámos,
Eu versado no canto, e tu na flauta,
Mópso, porque razão nos não sentâmos
Entre estas aveleiras, cujas folhas
Quasi com as dos álamos se enredão?

MOPSO.

Tu és mais velho, que eu, e a ti, Menalca,
Me cumpre obedecer, ou descancemos
A' sombra destas arvores, que tremem
Co' as froxas virações, ou antes vamos
Para a gruta, que alli se nos offrece.
Olha, como verdejão dentro nella
De uvas agrestes pequeninos (1) cachos.

MENALCA.

Nos nossos montes disputar-te a gloria
Pertende Amintas só.

MO-

(1) Raros diz o texto.

MOPSO.

Não se presume
Capaz de até vencer no canto a Febo ?

MENALCA.

Eia, Mópso, começa, ou saibas versos
Aos amores de Filis alva, e loira,
Ou em louvor de Alcão, ou á contenda
De Codro, do bom Rei, começa : em tanto
Tityro cuidará dos nossos gados,
Que na vária planicie andão pascendo.

MOPSO.

Antes exprimentar huns versos quero,
Huns versos, que são meus, que inda outro dia
De huma Faia entalhei no verde tronco :
Ora os hia escrevendo, ora entoando.
Ouve, e dize depois ao fofo Amintas
Que ouse, que venha disputar-me o premio ?

MENALCA.

Quanto o molle salgueiro ás oliveiras,
Quanto o rasteiro arbusto da alfazema (1)
Céde á belleza do rosal corado,
Tanto, a meu parecer, te céde Amintas.

MO-

MOPSO.

Basta, Mancebo, já na gruta estamos.
Desgrenhadas as Ninfas, pranteavão
De morte lastimosa extincto Dáfnis (2)
Vós fostes de seus ais, de seus lamentos
Testemunhas, oh arvores, oh rios,
Quando a pállida Mãi, tendo nos braços
O misero cadaver de seu filho,
Crueis aos Ceos chamou, crueis aos Fados.
Naquelles dias ninguem houve, oh Dáfnis,
Ninguem que fartos bois levasse ao rio,
E quadrúpede algum naquelles dias
Não gostou agoa, nem bolio na relva.
Té n'Africa os Leões te deplorárão:
Dizem-no os montes, dizem-no as flores.
Dáfnis instituio, mandou que o jugo
Ao carro submettesse Armenios Tigres,
Em honra a Baccho introduzio coréas,
E a revestir de pâmpanos os thyrsos
Ensinou aos Pastores. Como as vides,
Trepando, são das arvores adornos,
E adornos são da vide os prenhes cachos;
Como servem de pompa, e de ufania
A's manadas o toiro, ao campo as messes.
Dáfnis, eras dos teus o amor, e a gloria,
Depois que os Fados negros te levárão,
Páles, e Apollo d'entre nós fugírão;
Estas nossas campinas, que abundavão
De barbadas espigas proveitosas,

Só

Só brotão jôio infesto, inuteis ervas:
Surge o cardo mordaz, a çarça aguda,
Onde a molle violeta roxeava,
E o purpúreo narciso. Oh vós, Pastores,
Mil folhas pela terra ide esparzindo,
As fontes assombrai co' a rama agreste:
Dáfnis quer que a memoria assim lhe honremos.
Hum tumulo erigi, gravai-lhe em cima
Estes saudosos versos: „ Eu fui Dáfnis,
„ Das selvas conhecido até aos astros,
„ De hum bello gado Guardador mais bello (3)

MENALCA.

He, divino Poeta, he o teu canto
Suave para mim, como he suave
O dormir sobre a relva aos fatigados,
Ou qual ao encalmado, ao sequioso
Matar a sede em limpido regato,
Que vai por entre seixos murmurando.
A teu Mestre és igual não só na flauta,
Mas no verso, e na voz. Feliz Mancebo!
Tu lhe has de succeder no dom, na fama.
Nós, com tudo, pastor, como podermos,
Algum verso tambem soar faremos,
Nelle ás estrellas ergueremos Dáfnis,
O teu Dáfnis aos Ceos irá com elle,
Que Dáfnis se dignou tambem de amar-nos.

MOPSO.

Que prazer me darás maior que ouvir-te?
Dáfnis he digno assumpto desses versos,
E ouvi a Stimicon louvallos muito.

MENALCA.

Do Olympo as aureas portas estranhando,
Pasma, em almo prazer, o ingenuo Dafnis:
Vê debaixo dos pés nuvens, e estrellas.
Eis a doce alegria occupa os bosques,
Os valles, as montanhas, os Pastores,
O Arcadio Pan, e as Dryades Donzellas.
Nem o lobo ao rebanho insidias tece,
Nem a rede traidora engana os cervos.
Dáfnis ama o socego. Intonsos montes,
Mil vozes de prazer soltais vós mesmos;
Proferem brando verso até rochedos,
E o trémulo Arvoredo está soando:
Oh Menalca! Elle he Deos, he Deos... ah Dáfnis,
Sê benefico aos teus. Eis quatro altares,
Ei-los, dois para ti, dois para Febo.
Aqui te sagrarei todos os annos
Dois vasos, em que espume o leite novo,
Com outros dois tambem, nos quaes loureje
Da placida oliveira o grato çumo.
Baccho, fervendo em prodigos banquetes,
Com fogoso prazer ha de espertar-nos,
E, á sombra no Verão, no Inverno ao lume,

As

As taças encherei de Arvisio nectar.
A Dametas, e Egon direi que entôem
Ledas canções, e os Satyros saltantes
Ao leve Alfesibêo direi que imite.
Sempre serás por nós dest' arte honrado,
Ou quando, amavel Dáfnis, consagremos
Votos solemnes ás formosas Nynfas,
Ou quando á roda dos ervosos campos
Co' as victimas andemos, como he uso.
Em quanto o javali na serra, em quanto
O peixe nadador folgar no rio,
Em quanto de tomilho a loira abelha,
E de orvalho as cigarras se abastarem
Háo de permanecer por estes montes
Teu nome, o teu louvor, tua saudade.
Como a Ceres, e Baccho os Lavradores
Todos os annos te faráo mil votos,
E obriga-os tu, se á risca os náo cumprirem.

MOPSO.

Que premio te darei, que valha os versos,
Os versos immortaes? que me encantáráo,
Tanto austral viraçáo me náo recrêa,
Nem de hum mar brando arêas açoitadas,
Nem o susurro de hum arroio ameno,
Que serpêa entre valles pedregosos.

MENALCA.

Eu te hei de preceder nos donativos;
Aqui tens esta flauta. He ella, oh Mópso,
Quem fez com que eu cantasse aquelles versos:
„ O Pastor Coridon, louco de amores,
„ Pelo famoso Alexis suspirava. „
E os outros: „ Esse gado a quem pertence?
„ Talvez a Melibêo?

MOPSO.

Pois tu recebe
Este cajado, tem de bronze o conto,
E iguaes os nós. Antígenes mil vezes
Mo pedio, (e era então crédor de amar-se)
Mas por mais que lidou, não pôde obtello.

AMOR

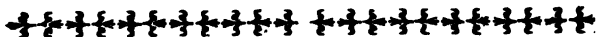
(1) Alguns traduzem salgadeira.
(2) Julio César, segundo as melhores opiniões.
(3) Traduzi este verso por dois modos; o segundo he assim: Bellissimo Pastor de hum bello gado, &c. Note-se o mal que Leonel da Costa verteo este difficultoso verso.

AMOR FUGIDO,

IDYLLIO DE MOSCHO.

VEnus chamava o Filho em altas vozes.
Se alguem vio pelo campo (a Mãi dizia)
Andar vagando Amor, esse he meu filho,
Meu filho, que fugio. Quem souber delle,
Quem noticias me der do meu Cupido
Premiado será, tem certo hum beijo
Nos proprios labios da amorosa Venus:
Porém, se mo trouxer, terá mais gloria,
Coisas mais doces, do que hum simples beijo.
Entre Meninos mil este Menino
Por diffrentes sinaes se reconhece.
Não tem candida a tez, mas cor de fogo;
São seus olhos espertos, scintillantes,
Meigo o fallar, o coração maligno;
Nunca sente o que diz; tem mel nas vozes,
Mas torna-se feroz, traidor, insano,
Apenas se enfurece. He mentiroso,
He sagaz, he cruel, até brincando;
Trança espessa, e formosa ao ar lhe ondêa,
Em doirados anneis lhe desce ao collo;
Nas faces lhe transluz o ardor, a audacia;
Tem pequenina mão, porém tão forte,
Que arroja muito longe as fataes armas:

A'

A' margem do Aqueronte ás vezes vôão,
E colhem descuidado o Rei do Inferno;
Seu corpo he nú, sua alma impenetravel;
Com azas como hum passaro, voltèa
Do sexo vigoroso ao debil sexo,
Pousa nos corações, e alli se aninha;
N'um arco delgadinho aponta as frechas,
As frechas, que, assim mesmo tenues, curtas,
Se entranhão pelos Ceos, alcanção Jove;
Pejão farpas subtis a aljava de oiro,
Que ao lado traz suspensa, e de seus tiros
Até eu, sua Mãi, sou alvo ás vezes;
Tudo o que lhe pertence, inclue estragos,
Mas nada do que he seu, produz mais damno,
Que hum curto, antigo, inextinguivel facho:
O Sol, o proprio Sol com elle abraza.
Mortaes, se o encontrares, eia, atai-o,
Atai-o, e muito bem, porque não fuja,
Se elle chorar, seu pranto vos não mova,
Antes desconfiai, seu pranto engana.
Se elle rir, apertai-lhe os nós do laço;
Se quizer abraçar-vos, longe, longe,
Fugi, não vos fieis; abraços, beijos
Nada, nada: seus labios tem peçonha,
Seus beijos enfeitição. Se elle acaso
Vos disser: „ aqui tendes estas armas,
„ Tomai, eu vo-las dou „ não pegueis nellas.
Mimos de Amor são pérfidos, e ardentes.

A ARMIA,

ENDEIXAS.

JÁ de illusões não vivo,
Meu bem, sou desgraçado:
Nenhum Mortal se esquiva
Do que lhe ordena o Fado.

Em vão com mil sorrisos
Os candidos Amores
Me affagão, me promettem
Dulcissimos favores;

Em vão meiga Esperança
Me diz que em brandos laços
Hei de expirar de gosto
Nos teus mimosos braços.

Suspeita roedora
Me gasta o froxo alento,
De imagens pavorosas
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,
Onde mil serpes cria,
Oiço-lhe em surdas vozes:
Não lograrás Armia.

Usa

Usa sonhar ventura
A credula Esperança,
Só entre mortas cinzas
No tumulo descança;

As lagrimas nos olhos,
No peito enfrêa os ais,
Doira crueis desastres
A miseros Mortaes.

Em rapidos momentos
Aos Deoses me igualou,
Fantasticas delicias
Na idéa me traçou.

Mil vezes, doce Amada,
Fingio ao meu desejo
Patentes os thesoiros,
Que recatava o pejo;

Mil vezes (ah! Foi sonho,
Mas sonho encantador)
Me fez voar comtigo
A' Gloria, ao Ceo de Amor.

Alli do terreo manto
Minha alma sôlta, e núa,
Filtrando-se em teus labios,
Hia aggregar-se á tua;

Alli teu brando peito,
De Amor altar sagrado,
De accezos pensamentos
Só visto, só tocado,

A' boca melindrosa,
Leda, suave, e pura
Suspiros te enviava
De gosto, e de ternura.

Mas eis que a luz se extingue
Da fúlgida illusão,
E escura, horrenda nuvem
Me abafa o coração.

Tenaz Desconfiança,
Que ás fibras se me afferra,
Garras mortaes vibrando,
Move aos Prazeres guerra.

Subito, abrindo as azas,
As azas cor de neve,
Foge de horror a instavel
Turba risonha, e leve.

Debalde a Companheira
Fiel dos desgraçados
Quer suspender o adejo
Dos Jubilos alados:

Por corações tranquillos,
Sôltos das leis de Amor
Te abrigas, te repartes,
Oh Bando voador.

Nos ais, Armia, em tanto
Minha alma se evapora,
Victima lamentavel
Da angustia, que a devora;

E além do turvo Lethes
Zelos temendo achar,
Frenetica deseja
Poder-se anniquilar.

Se o Racional tivesse
Do Irracional a Sorte,
Se as almas se apagassem
Ao halito da Morte,

Feliz de hum terno Escravo,
Feliz de hum triste Amante,
Remindo-se do jugo
No derradeiro instante!

Mas ai que a Turba insana
Dos mestos Amadores
Té lá no Reino escuro
Vai suspirar de amores.

Sobre os Elysios Prados
Inda a Sydonia Dido
Guarda as fataes memorias
Do Teucro fementido ;

Entre os formosos pomos
O golpe inda roxêa ,
Inda goteja o sangue ,
Que a neve purpurêa.

Tambem nas margens tuas ,
Oh rio somnolento ,
Sem demandar o abysmo
Do eterno esquecimento ,

Carpindo à bella Esposa ,
(Ah ! Que não póde Amor !)
Arde , suspira o Thracio ,
Miserrimo Cantor.

Alli , aos olhos d'alma
Lhe retrocede o dia ,
Em que applacára os Monstros
Da Região sombria ;

Alli, no pensamento
O estygio Rei figura ;
Vê-lhe os terriveis olhos ,
A tôrva catadura :

Vê-o

Vê-o fervendo em raiva,
Troando em ameaços,
Porque hum Vivente ousára
Tocar-lhe os negros Paços.

Eis fere a maga lyra,
Que infunde o Ceo no Inferno:
De assombros assaltado,
Céde o Tyranno eterno:

Acode aos igneos olhos
Doce, invencivel somno,
Baquêa o ferreo sceptro
Sobre os degráos do Throno.

Até que em si volvendo
Do subito lethargo,
Contempla Orfêo saudoso,
Desfeito em pranto amargo.

Soffrendo hum ar benigno
No carrancudo aspecto,
Mostra sentir piedade
Do mavioso objecto.

Co'a fera mão, que firma
Dos reos a eterna pena,
Para indagar seus males
Em fim ao Vate acena.

In-

Inquire a causa ignota,
Pergunta o grão motivo
De lhe invadir o Imperio,
De ir aos Infernos vivo.

Mal que as razões lhe escuta,
Quebranta a lei da Morte,
Manda que á luz do dia
Volva a gentil Consorte.

Mas ai, que o vingativo,
Terrifico Plutão
Une á maior das graças
Pezada condição!

Nas férvidas entranhas
Feroz despeito occulto
Quer da amorosa audacia,
Quer despicar o insulto.

„ Vai, (diz ao triste Amante)
„ Que hum não sei que me obriga
„ A permittir que os passos
„ Eurídice te siga;

„ Mas nega-lhe teus olhos,
„ Em quanto profanares
„ Co' a temeraria planta
„ Meus horrorosos lares.

„ A' clausula, que imponho,
„ Se execução não dás,
„ Sem a chorada Esposa
„ Rever o Mundo irás.

Ah malfadado! Acceitas
O rigoroso artigo,
Mas subito exprimentas
Hum barbaro castigo.

Pela mordaz saudade
Roto o cruel preceito,
Olhas, e vês em sombras
Teu júbilo desfeito.

Sumindo-se a teus olhos
A cara Esposa vai,
E a teu inutil grito
Responde ao longe hum ai.

Soltando-se, apôs ella
Te vôa o coração,
Para alcançalla emprendes
Tudo, mas tudo em vão:

A's ferrolhadas portas
Do amplo Salão ruidoso
Tomas de novo, e queres
Entrar-lhe o seio umbroso:

Extrahes hum som da lyra
Mais tentador, mais terno,
Mas o divino encanto
Não move o surdo Inferno.

Dest'arte a meiga Esposa
Do mísero Amador
Foi por amor ganhada,
Perdida por amor.

Ah brando Orfêo! Não chores,
Supprime os ais, que lanças,
Turbado o pensamento
Com tão crueis lembranças.

Eu sou mais desgraçado,
Tu não padeces tanto,
Tu logras, tu desfructas
O premio de teu pranto:

Aquella, que soava
Na tua doce lyra,
Qual suspirava d'antes,
Inda por ti suspira:

Eu, miserando objecto
De dor, e de piedade,
Junto á fatal balisa
Da triste Humanidade,

Qui-

Queimando o veo dos Fados,
Co' a luz da fantasia,
Vejo futuros males,
Vejo traições de Armia.

Dura expriencia antiga
No coração me diz
Que o lacrimoso Elmano
Jámais será feliz.

Oh domador das feras! (1)
A doce, a bella ingrata,
Que o laço da existencia
Me solta, me desata,

Eurídice he nas graças,
Mas na paixão, na fé,
No affago, nos extremos
Eurídice não he.

Votos de amor lhe escuto,
Mas no benigno rosto
Hum animo lhe observo
Para a traição disposto.

Os bens instaveis préza
Da lubrica Ventura,
E o desvelado Elmano
Não tem senão ternura.

Na

(1) Orféo.

Na mente a cada instante
Diviso (oh Ceos ! Que horror !)
Volver a Ingrata os olhos
A novo Adorador ;

Sacrificar excessos
Aos dons da varia Sorte,
Sumir-me os tristes dias
Na escuridão da Morte,

E, ainda não contente
Da enorme aleivosia,
Co' presumpçoso Amante
Pizar-me a campa fria :

Alli, entre seus braços,
Para o cruel fartar,
Do extincto Elmano as cinzas
De imprecações manchar.

Mas trema a deshumana,
Se desleal me for,
Trema, que até na Morte
Terá dominio Amor.

Fará surgir do Averno
Meus Manes vingadores,
Para terror, e exemplo
De corações traidores.

Qual o afanoso Orestes,
Das Furias acossado,
Sempre terás, oh fera,
O meu fantasma ao lado;

Como a contínua sombra
Perseguirei teus passos:
Não folgarás ao menos
Do meu rival nos braços.

Irei lá no silencio
Da erma noite escura
Turbar-te os deleitosos
Mysterios da ternura.

Quando (ai de mim!) sentires
Teu coração tremer,
Voar tua alma ao cume
Do rapido prazer,

Perjura! (Hei de gritar-te
Com pavorosa voz)
Eu sou Elmano, e venho
Punir teu crime atroz.

Verei de horror gelar-se
Teu animo infiel,
E o nectar de teus gostos,
Impia, mudar-se em fel:

Teu

Teu complice odioso
Verei, dando hum gemido;
Fugir-te d'entre os braços,
Convulso, espavorido.

Armia, ah não te exponhas
De hum Numen ao furor:
Se as leis de Amor não cumpres,
Teme o poder de Amor.

A GRUTA DO CIUME.

HA hum cerrado bosque
A'quem do Abysmo eterno,
Vê-se o vapor do Inferno
Nos ares negrejar;

Alli rebentão, crescem
Mil plantas venenosas,
Mil serpes tortuosas
Ouvem-se alli silvar;

Rochedos escabrosos
As nuvens ameação:
Raios por elles passão,
Medrosos de os tocar;

Alli tremúla a rama
Do teixo, e do cypreste,
Fermenta estygia peste,
Que as almas vem danar,

De infestas, roucas aves
O bando alli se acoita,
Que está de moita em moita
Desastres a agoirar;

As azas não meneias
Alli, Favonio brando,
Tufões de quando em quando
Só se ouvem rebramar.

Alli humas com outras
As arvores se feixão,
De sorte que não deixão
Do dia a luz entrar;

A custo alli respira
Cercada a Natureza
De horror, e de tristeza,
Capaz de a suffocar;

Alli, sempre aclarado
Pelo Tartareo Lume,
Jaz do cruel Ciume
O temeroso lar.

Na aborrecida entrada
Vela a mordaz Suspeita,
Continuamente affeita
A crer, e a recear;

No seio da caverna
A torpe Inveja escura
Frenetica murmura,
Venenos a espumar;

Sente-se lá no fundo
Da estancia sinuosa
Caterva pavorosa
De Monstros ulular;

N'um ferreo Throno em braza
Reina o Ciume horrendo,
Angustias mil tecendo,
Para os Mortaes tragar;

Na mão tem negra taça
Cheia do fel da Morte,
Com rábido transporte
Não cessa de arquejar;

Ara fatal ao Mundo
Terror n'um canto inspira,
Sulfúrea, ardente pyra
Nella se vê fumar;

Nella milhões d'Amantes
Vão por destino infausto
Ser misero holocausto,
As veias esgotar;

Ministro carrancudo
Frio cutelo amola,
E as victimas degolla
Sobre o medonho altar.

Vós deveis crer, Humanos,
Que a descripção, que ouvistes,
He de quem foi tão tristes
Objectos contemplar.

Ah! sim, já tenho sido
Pelo tyranno alado
Mil vezes arrastado
Ao horrido lugar;

E se eu, Mortaes, não pude
Como poderão tantos,
Em sangue, em ais, em prantos
O espirito soltar,

Foi porque Amor cruento
Não quiz que extincto eu fosse:
Achou que era mais doce
Morrer, do que penar.

QUEI-

QUEIXUMES DE AMOR, E DA AMIZADE.

Oh vós, emanações da Divindade,
Prazer, consolação das Almas grandes,
Vós, que em suaves, em mimosos laços
Prendeis os corações, e os pensamentos;
Vós, que não só de asperrimos costumes
Usais purificar a Humanidade,
Que a é dos Tigres, que na Hircânia rugem,
Das Serpes, dos Leões, que a Libya infestão,
Mitigais o voraz, o fero instincto:
Oh divinos Irmãos! Oh Par celeste!
Oh doce Amor! Oh candida Amizade!
Vingai-vos de nefandos sacrilegios,
De mil profanações, mil torpes crimes,
Mil horrores, que fervem, que negrejão
Sobre vossos Altares sacro-santos.
Jove, Jove immortal, Senhor do raio,
Porque na rubra dextra o tens em ocio?
Se as fezes, se o peor de quantos vicios
O abrasado, espantoso Abysmo eterno
Pelos igneos vulcões arroja á terra;
Se a vil ingratidão, se a vil perfidia
Soffres em muda paz, e não te acordão
A somnolenta colera meus brados,

Pa-

Para que nova especie de maldade
Reservas teu furor? Se és Deos, és justo,
E deves, como tal, vingar teu nome,
As tuas leis vingar, vingar meus males
Nas almas desleaes, crueis, infames,
Que o Ceo com falso voto assoberbárão.
Pune, oh Deos, pune o perfido Mirtilo,
Pune a traidora Isméne, objectos sejão
Da suprema vingança inevitavel
Dois infiéis espiritos corruptos.
Em teus sacros Altares inda jazem,
Fumégão inda as cinzas venerandas
Do immaculado incenso, que a teu Nume
Votárão minhas mãos, e as mãos da Ingrata;
Inda nas ermas grutas deste bosque
Resoa a voz dos ecos falladores,
Que em opprobrio da perfida repetem
Promessas, que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.
Sim, por teu nome, oh Deos, sim, por teu nome,
Por teu nome ineffavel a traidora
(Tintas de pejo as faces, orvalhados
De lagrimas de amor seus olhos meigos,
E absortos para o Ceo) jurou ser minha,
Jurou que em deleitoso, em aureo laço,
Em laço que Hymenêo tece á Virtude,
Na torrente de candidos prazeres
Comigo engolfaria o pensamento;
Que para sempre então na sua idéa
Se havião de sumir, voltar ao nada
O Mundo, a Natureza, excepto Elmano.

Não

Não paga, de ardentissimos protestos,
Em doces, em furtivos caractéres
Imprimio, renovou tão ternos votos.
Eu os conservo; oh Jove, elles accusão
A maior das traições, a mais infame,
No teu grão Tribunal justiça implorão:
Tu deves aterrar com alto exemplo
As almas, que propendem para o crime,
E firmar na innocencia os virtuosos
Pelo estrago dos reos, deves vingar-me:
Quem offende os Mortaes, os Ceos offende.
A Monstros, que, sacrilegos, profanão
De Amor, e da Amizade as Aras santas,
Não bastão, não convem, não correspondem
Esses males communs, communs flagellos,
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,
Ou attentados de remota origem
Fulminas da estellifera Morada.
Castigos cria, inventa, e cáião, chovão
Sobre os crueis Artifices perversos
Da desesperação, que me atassalha;
Sim, chovão mil, e mil, porém teus golpes
Não sejão tão mortaes, que matem logo:
Gradúa-lhe o veneno, e dobra as forças,
Engrossa o vital fio aos dois Ingratos.
Teimosa, penosissima existencia,
Transcendente em tristeza, em amargura
Aos damnos da Tartárea Eternidade,
Lhe arranque d'alma horrisonas blasfemias,
Que avivem teu furor, e os seus effeitos.

Or-

Ordena, summo Deos, á torva Morte
Que súbito em mil mortes se converta,
Que manso, e manso os perfidos consuma:
Seculos gyre o Sol, milhões de vezes
Negando-se aos Antipodas, aclare
O Clima, que dois Monstros enxovalhão,
E inda os ache a morrer. Com tudo, oh Jove,
Se na cadea de horrorosos dias
Queres, para afagar-lhe o soffrimento,
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,
Algum menos fatal, seja esse dia,
Qual este, em que as entranhas me devora
Ciume abrazador, porção do Inferno.
Eia, ao som dos meus ais acode, acode,
Eterna, pavorosa Omnipotencia....
Mas ah! Que em preces vãs a voz fatigo!
Oh Jove, ensurdeceste! Eu não te rogo
Que da fecunda terra me franquêes
As madidas entranhas, prenhes de oiro,
Não dou meu culto aos Idolos do Avaro,
E o loiro dos Heroes, dos Reis o sceptro
Tambem com fátua luz me não deslumbrão:
Não quer elevação quem teme a queda:
O que exijo, o que espero he que exercites
Da Justiça o terrivel attributo,
Faze o dever d'hum Deos, e estou contente...
Mas, Ceos! Que sinto em mim! Que surdas vozes
No coração chagado me susurrão!
Eu lhes oiço dizer: „ perdido Amante,
„ Frenetico Mortal, para que invocas

„ O

„ O tremendo poder da Divindade
„ Contra o doloso amigo, e contra a fera,
„ Por quem morres de Amor, por quem suspiras?
„ Socega, volve em ti. Crês, por ventura,
„ Que para a punição de enormes crimes
„ Cumpre aos Ceos arrojar fysicos males
„ Sobre a fronte odiosa dos culpados?
„ A Morte para os reos não he tormento,
„ Dos reos a maior pena he o remorso;
„ O remorso te vingue: assim defere
„ A's preces dos Martaes o grande Jove.
Oh vozes da Razão, vozes celestes,
Oraculo divino! Eu vos adoro,
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,
Affeitos longamente ás meigas frases
Do engano, da lisonja, e da ternura,
A salutar dureza vos estranhem.
Basta, já torno a mim, não mais, oh furias,
Não mais, imprecações. Perdôa, oh Jove,
Perdôa á minha dôr, e ao meu delirio;
Fui louco, errado andei nas preces minhas:
O crime, sem que as victimas te implorem,
Por si mesmo justiça está bradando.
Traidor, que em falsas mostras de virtude
Envolveste a baixeza, a tyrannia,
A cavilosa intriga, a torpe inveja,
Da fraca Humanidade os vicios todos,
Negros enxames, que te fervem n'alma;
Amigo desleal, que me arrancaste
Do terno coração segredos ternos.

Se-

Segredos que nas trevas do sepulcro
Irião com meus dias abysmar-se,
Se a mascara fallaz não me illudisse
Da vil simulação, da astucia feia,
Se a minha alma fiel, ingenua, pura
Podesse conceber a idéa horrenda
Do teu crime aleivoso, e detestavel;
Presumes-te feliz? E's desgraçado
Mais que o reo, quando em mãos do Algoz sanhudo
Já piza o cadafalso, ou mais que eu mesmo.
Esse infame prazer, que tens comprado
A' custa de meus ais, de teus deveres,
Esse infame prazer em breve, oh Monstro,
Corrompido será pela vileza
Da lisonjeira Isméne, e mais que tudo
Pelas pungentes garras do remorso.
Não te cegues, traidor, não te allucines:
O merito não foi, foi fortuna
Quem chamou para ti de Isméne os olhos,
Quem de hum férvido amor me arranca o premio.
O sofrego Interesse, a mais indigna
De todas as paixões, e a mais teimosa;
Envenenou de Isméne o peito ingrato.
Se aos Fados como tu devesse Elmano
Os momentaneos dons, que adora o Mundo,
Frenetico de inveja, a grenha hirsuta,
Quaes as Furias do Inferno, arrepeláras,
Vendo-me em almos extasis de gosto
Suspirando entre os braços da Perjura.
Fraudulento, infiel, não és amado,

Não

Não compra corações a vã riqueza,
Cedo, cedo o verás. De longe observo
C'os olhos da prespicua fantasia
A catastrofe atroz dos teus prazeres.
Lá vejo a refalsada, injusta Isméne
Ante as aras de Pluto, (1) os olhos fitos
Com feiticeiro agrado em outro objecto,
Como tu desprezivel, tosco, indigno,
Mais pomposo, porém, mais carregado
Dos bens, que ás cegas dá Ventura errante.
Lá te vejo cahir, victima triste
Do desdem, da cobiça, e da inconstancia.
Então conhecerás meu duro estado,
De zelos infernaes então raivando,
Sentirás mais acerbo, e mais agudo
O remorso enterrar-se-lhe no peito;
Então co' pezo enorme do teu crime
Esse vil coração todo esmagado,
Saberá que invisivel Mão suprema
Pune, flagella os Máos ou cedo, ou tarde.
Accelera o teu vôo, absorve, oh Tempo,
Este enfadoso espaço, que divide
O dia, em que lamento a minha sorte,
Do dia, em que meu mal será vingado.
Arda, espume, blasfeme, arqueje o Monstro,
De minhas afflicções fatal principio,
Sobrepuje o seu mal aos males todos,
Nem hum só dos Mortaes o attenda, o chore:

Dos

(1) Pluto, Deos das riquezas.

Dos ciumes crueis no ardor, na raiva
Se ensáie para os horridos tormentos,
Com que pelo Traidor no Averno esperão
As tres Filhas da Noite, as negras Furias.

A' TRAGICA MORTE
DA
R. DE FRANÇA,
ELEGIA.

SEculo horendo aos seculos vindoiros,
Que hias inutilmente accumulando
Das Artes, das Sciencias os thesoiros,

Seculo enorme, seculo nefando,
Em que das fauces do espantoso Averno
Dragões sobre Dragões vem rebentando,

Marcado foste pela Mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da Humanidade amavel, terno.

Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos Campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue, ou lagrimas enxutos!

Que

Que horrores pelas Furias propagados
Mais, e mais esses ares ennevôão,
Da Gloria longo tempo illuminados!

Crimes, soltos do Inferno, a Terra atrôão,
E em torno aos cadafalsos luctuosos
Da sedenta Vingança os gritos sôão:

Turba feroz de Monstros pavorosos
O ferro de ímpias leis, bramindo, encrava
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.

A brilhante Nação, que blásonava
De exemplo das Nações, o Throno abate,
E de hum Senado atroz se torna escrava;

Por mais que o sangue em ondas se desate,
Nada, nada lhe acorda o sentimento,
Que as insanas paixões prende, ou rebate;

Vai grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento:

Não céde, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente Liberdade
Ergue no punho audaz sanguinea palma.

Bar-

Barbaro Tempo! Abominosa Idade,
A's outras Eras pelos Fados preza
Para labeo, e horror da Humanidade!

Flagellos da Virtude, e da Grandeza,
Reos do infame, e sacrilego attentado
De que treme a Razão, e a Natureza!

Não bastava esse crime? Inda o damnado
Espirito, que em vós está fervendo,
A novos parricidios corre, ousado!

Justos Ceos! Que espectaculo tremendo,
Que imagens de terror, que horrivel scena
Vou na assombrada idéa revolvendo!

Que Victima gentil, muda, e serena
Brilha entre espesso detestavel Bando,
Nas sombras da Calumnia, que a condemna!

Orna a paz da innocencia o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantárão,
Se volvem para o Ceo de quando em quando:

As mãos, aquellas mãos, que semeárão
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincárão,

Ludibrio do furor, e da arrogancia
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza, e da constancia.

Oh Justiça dos Ceos! Oh Mundo! Oh Gente!
Vinde, acudi, correi, salvai da morte
A malfadada Victima innocente...

Mas ai! Não ha piedade, que reporte
A raiva dos terriveis Assassinos:
Soou da Tyrannia o duro córte.

Já cerrados estais, olhos divinos,
Já voando, cumpriste, Alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos Destinos.

Do Rei dos Reis na Corte luminosa
Revês o pio Heroe, por nós chorado,
Que da excelsa Virtude os lauros goza.

Na mente vos observo: ei-lo a teu lado
Implorando ao Senhor, que os Máos flagella,
Perdão para seu Povo allucinado.

Despido o véo corporeo, oh Alma bella,
No seio de immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a élla;

Em quanto aos Monstros de horrída maldade
Murmura, a seu pezar, no peito iroso
A voz de vingadora Eternidade.

Desfructa súmma gloria, oh Pàr ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o Mundo consternado, e respeitoso
Te aprompta as Aras, te dispõe o incenso.

ELEGIA.

HE todo o Mundo hum carcere, em que a Morte
Os míseros Viventes guarda, encerra,
Para nelles cumprir-se a lei da Sorte:

Ou baça Enfermidade, ou tôrva Guerra
Vão co' as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco hum ermo a Terra:

De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas luctuosas:

Males, e males em terrivel bando
Vagão por toda a face do Universo,
Peste, veneno, horrores derramando:

Cahe o eximio Varão como o perverso,
A Morte pelo effeito os dois iguala,
O modo, com que os fere, he que he diverso.

A'quelle a voz de hum Deos dos Ceos lhe falla;
O Remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpêa, e rala:

Da chamma divinal affogueado
Hum, cravando no Empyreo os olhos ternos,
Ergue de almo futuro o véo doirado:

Outro, mordido de aspides internos,
Se entranha em feio abismo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.

A Mão, que as frageis vidas desenlaça,
Ao pio he, pois, suave, ao impio dura,
Traz o flagello a hum, ao outro graça.

Que importa que na terrea sepultura
Baquêe o corpo, a victima do Nada,
Se triunfa nos Ceos huma Alma pura?

Se na radiante, olympica Morada
Co' fulgor, que do Eterno reverbera,
Como o Sol resplandece illuminada!

Vê negrejar ao longe a tenue Esfera,
Onde o cego Mortal vaguêa ufano,
Nota quanto differe o que he, e o que era:

Por entre a cerração de antigo engano
Contempla como nutre, e como céva
Vão tropel de illusões o orgulho humano;

Como o barro servil se abstrahe, se eleva,
Como a allucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva;

Como o bem, como a paz, como a ventura
No Mundo não são mais que hum fatuo lume;
Que doira mal o horror da vida escura.

Graças, graças ao bom, propicio Nume,
Que aliza com a Dextra omnipotente
A' foice matadora o ferreo gume.

Dos Ceos, oh Morte, és dadiva eminente,
E's precioso balsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz Vivente.

Morte, se padecer he seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dôr aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino,

Se

Se hum salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tão penoso estado,
Dita não he que tua mão lhe acuda?

He sim. Pela afflicção desacordado,
Hia affrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!

Sumido na tristeza o pensamento;
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perennal contentamento,

Estrada, que a Virtude aos Astros guia,
Guia ao Reino immortal, ditoso, e puro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia;

Chave, e porta do incognito Futuro,
Doce Amiga fiel, que nos franquêas
Dos Ceos lustrosos o invisivel muro;

Já voou meu terror, já não me ancêas,
Em risonhas idéas se trocárão
Carrancudas visões, imagens fêas;

Razão, verdade a mente me aclarárão,
E de teus mil fantasticos horrores
A medonha apparencia em mim doirárão;

Ah!

Ah! Verta o meu pincel vistosas cores
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os férvidos clamores.

Oiço gemer a filial piedade,
Ferem meu peito os écos da tristeza;
Ingenuas expressões da Humanidade.

Deixemos suspirar a Natureza,
E os Estoicos, ou Barbaros, embora
Se paguem de huma apáthica dureza.

Labeo da Especie humana he quem não chora;
Por Leões devorado em selva escura,
Aprenda a conhecer a dôr, que ignora.

Solta te em ais, dulcissima ternura,
De hum virtuoso Pai tu, Prole amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura;

Mas não seja a paixão tão dominante,
Que insulte a sacra Mão, que já da Terra
O attrahio luminoso, e triunfante.

Se o Mundo he campo de contínua guerra,
E os Ceos habitação da Paz serena,
Mingúe o dissabor, que em vós se encerra;

A força da Razão sujeite a pena;
Na vontade de hum Deos consiste o Fado;
Louvem-se o mal, e o bem, que o Fado ordena.

O semblante cahido, e consternado
Erguei da terra, erguei, Filhos saudosos
De hum respeitavel Pai, amante, e amado.

Recordai seus diçtames proveitosos,
A mão, que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.

Em vez de pompa vã, que attrahe, que illude
Inchados corações, e enfeita a Morte
Na cega opinião do Povo rude,

Hum ardor firme, hum ávido transporte
De alcançar o que os Sábios chamão gloria,
E que he no mar da vida o fixo norte,

Honrem as cinzas, honrem a memoria
Desse, que do mundano, atroz conflicto
No Ceo desfrucia singular victoria.

Isto exige de vós, e n'alma escripto
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem prescripto.

Com

Com os olhos em vós do ethéreo Templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que, absorto em extasis, contemplo;

Como que ao Ente excelso, ao Deos que adora;
Ao Senhor mais que os seculos antigo
Amplos favores para vós implora.

Oh tu, meu Bemfeitor, meu caro Amigo;
Que contra o desprazer no affavel seio
D'alta Filosofia achaste abrigo,

De hum grato coração de magoa cheio
Acolhe o terno, o candido tributo;
Que a Musa, gloria minha, e meu recreio,
Te offrece, envolta no funéreo luto.

Offerecida ao Senhor Joaquim Pereira de Almeida; na morte de seu Pai.

ELEGIA.

O Sábio não vai todo á sepultura,
Não morre inteiro o Justo, o Virtuoso,
Na memoria dos Homens brilha, e dura;

Em

Em quanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas Victimas da Morte,
Sumir-se no sepulcro tenebroso.

Jonio feliz, bom Pai, fiel Consorte,
Neste dia, em que o véo mortal despiste;
Dias eternos te confere a Sorte.

Se longe do Universo errado, e triste
Triunfa teu espirito fulgente,
Immortal entre nós teu nome existe.

Da etherea Habitação do Omnipotente
Reflecte o resplendor da gloria tua
Na tua Prole honrada, e descontente.

Em lagrimas no peito lhe fluctúa
O coração de angustias macerado,
Posto que o ledo Empyreo te possúa.

Eis o caracter, que aos Mortaes foi dado:
Como que o bem do Amigo nos magôa,
Quando o gosto de o ver nos he vedado.

Na dextra a palma tens, na fronte a crôa,
Tens, (assegura a Fé) porque a virtude
De jus nos almos Ceos se galardôa;

Mas,

Mas, por mais que se esmere, e lide, e estudé,
Quem á dôr accommoda o soffrimento?
Quem ha que á Natureza o genio mude?

Corra o pranto de amor, sôe o lamento,
Té que a paixão, nos ais evaporada,
Deixe livre folgar o entendimento.

Então tua Familia consternada
Vendo na idéa teus serenos dias,
Alma, vinda do Ceo, e ao Ceo tornada;

Vendo as dignas acções, virtudes pias,
Com que assombros, e exemplos semeaste
Na carreira vital, quando a seguias;

Vendo que os Sábios, que a Sciencia honraste,
Que o mundano esplendor tiveste em pouco,
Que os perversos carpiste, os bons amaste,

Enfreados seus ais no peito rouco,
De ineffavel prazer sentindo o encanto,
Dirá: quem te lamenta, he cego, he louco.

Perdôa á nossa dôr, e ao nosso pranto,
Soffre as mostras fiéis do amor mais terno,
E, orando pelos teus, que amavas tanto;
Graças lhes adquire do Monarca eterno.

ME-

A' morte do Senhor João dos Santos Bressane.

MEDÉA,

CANTATA.

JA' de Colcos a fera, ardente Maga
Horridos versos murmurado havia,
Ao som de atroz conjuro, e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia;
Já co' a força do encanto
Os implacaveis Monstros subjugára
Na feia Habitação do eterno pranto,
E á voz terrivel, ao potente aceno
A triforme carranca em fim curvára
Do Rei das Sombras a feroz Consorte.
Embebidas n'um férvido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que hia disfarçada, alegre a Morte,
Instrumentos da raiva, e do ciume,
Punindo a vil traição do Esposo ingrato,
O invisivel por arte aereo lume
Pouco a pouco ateavão
Nas lisas carnes da real Donzella,
E a preferida, a bella,
Miseranda Rival desesperavão.
Descendente do Sol, do Deos fogoso,
Tu, zelosa, frenetica Medéa,
Foste colher ao carro luminoso
Tenue, fatal porção da luz Febéa,

Talhaste fulvo annel da ígnea trança,
E delle urdiste asperrima vingança.
Estás desafrontada? Estás contente?
Nas garras da afflicção Creusa expira:
Jason sem alma a sente,
Jason, que te offendeo, Jason delira,
Brama de horror, de angustia desfalece,
E mais que teu furor teu dó merece:
Eis o envolve, o consterna amargo lucto,
Foi falso, foi traidor, foi réo sem fructo.
Que novo crime, insolito, execrando,
Que atrocidade insana
Vás contra a Natureza aparelhando?
Poupa os Filhinhos, barbara, inhumana,
Poupa os meigos Filhinhos:
Elles são innocentes,
Elles inda tem jus aos teus carinhos.
Não vês que, descontentes,
Não vês que, enternecidos,
A teu Fado, a teu mal dão mil gemidos,
Solução, tremem, chorão,
Se lamentão do Pai, e a Mãi deplorão?
Oh Ceos! No coração da Maga horrenda
Natureza, e Vingança
Armão fervente, pertinaz contenda:
Ora a Ternura suspirando amansa
Dos Zelos a raivosa tempestade,
Ora de agro despeito
Ao vigoroso impulso
Céde a benigna, maternal piedade:

Em

Em fim do irado peito
Foge, vôa carpindo Amor expulso.
Eis a Mãi, (já não Mãi) qual ímpia Furia,
Medonha, e desgrenhada,
Te faz, oh Natureza, atroz injuria.
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
Com mimoso pincel, com varia tinta
Aureos instantes, scenas deleitosas,
Nos Meninos gentis em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas:
Co' as imagens brilhantes
Se assanha do divorcio a crua affronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
Já lança mão dos candidos Infantes,
E empunhando mortifero instrumento,
Com que a Ternura espanca,
No cerrado aposento
Estas vozes crueis do peito arranca:
„ Longe, affectos piedosos,
„ Longe, materno amor: estes, que eu mato;
„ São Prole de Jason, são criminosos,
„ Detestavel porção de hum peito ingrato.
„ Morra, morra com elles a memoria
„ Do perfido Consorte.
„ Justiça, Indignação, dai-me a victoria,
„ Cessa de murmurar, oh Natureza,
„ Recebe as tenras victimas, oh Morte.
Nisto, em chammas do Inferno a Maga acceza;
Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,

La-

Lacrimosos Filhinhos:
Ao acto de os ferir lhe cahe por terra:
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infancia, formosura, a dôr, e o pranto
Nada o terrivel impeto embaraça,
Hum apôs outro os miseros traspassa:
Tu, Ciume cruel, tu pódes tanto!
No horror da morte as victimas arquejão,
E, inda sentindo a filial ternura,
A Mãi, o Algoz acarinhar desejão.
Ella, mais que rochedos seca, e dura,
Denso véo luctuoso
Sobre os rotos cadaveres estende,
E aos olhos tristes do culpado Esposo
A triste scena renovar pertende...
Ei-lo, ah! Ei-lo, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da horrorosa estancia
No lizo pavimento ensanguentado:
Ferro mortal brandindo,
Corre a Medéa com terrivel ancia.
Ao vêllo, em novas furias se affoguêa,
Relampagos dos olhos sacudindo
A torva Maga, e súbito menêa
Com rapido susurro a tenue vara,
Que ás longas vestes do perjuro applica:
Elle treme, elle pára,
Calado, immovel, qual estatua fica;
Porém se perde a voz, e o movimento,
Conserva illesos vista, e sentimento.
Logo o fúnebre veo Medéa aç ando,

Do

Do falsario Jason a angustia dobra,
Aponta ao espectaculo nefando,
Mostra-lhe os Filhos, e a traição lhe exprobra;
Depois, abominando os ímpios lares,
Theatro de seus horridos furores,
As soberbas abobadas atrôa
Com mil imprecações, com mil clamores,
E em leve salto se arremessa aos ares,
E pelos ares vôa
De aligeros Dragões n'um carro enorme,
Dádiva de Proserpina triforme.
Das Górgonas, das Furias negro bando
Retorce os olhos, que arremedão brazas,
A segue, e vai correndo, e vai crestando
Com rubro facho ardente ao vento as azas.
Unísono alarido
A sanhuda Caterva aos Ceos levanta,
E da brutal fereza
O triunfo atrocissimo decanta.
O Sol na escuridão fica sumido,
Negreja horrorisada a Natureza,
Montanhas ergue o Mar, vulcões a Terra
Aos sons, que o Coro estygio desencerra;
E entretanto o misérrimo Consorte
Jaz entre os Filhos, a luctar co' a Morte.

Triunfe, (os Monstros clamão,
E a Compaixão suspira)
Triunfe, reine a Ira,
Caia, pereça Amor.

Teus

Teus raios, oh Vingança,
Jámais, jámais se apaguem,
Sempre o altar te alaguem
Ondas de rubra cor.

Pasmai, Tartáreas Hydras,
Pasma, infernal Tyranno:
Inda o furor humano
Transcende o teu furor.

Da atroz Medéa o nome
Em perennal memoria
Será do Averno a gloria,
E dos Mortaes o horror.

Tropel de acerbos males
O Mundo assalte, e fira;
Reine, triunfe a Ira,
Caia, pereça Amor.

A MORTE DE IGNEZ DE CASTRO,

CANTATA.

As Filhas do Mondego a Morte escura
Longo tempo, chorando, memorárão.

Camões, Lusiad. Cant. 3.

A ULINA
SONETO.

DA miseranda Ignez o caso triste
Nos tristes sons, que a mágoa desafina,
Envia o terno Elmano á terna Ulina,
Em cujos olhos seu prazer consiste.

Paixão, que se a sentir, não lhe resiste,
Nem nos brutos certões Alma ferina,
Belleza funestou quasi divina,
De que a memoria em lagrimas existe.

Lê, suspira, meu bem, vendo hum composto
De raras perfeições anniquilado
Por mãos do Crime, á Natureza opposto.

Tu és copia de Ignez, encanto amado,
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto....
Ah! Defendão-te os Ceos de ter seu Fado.

A MORTE
DE
IGNEZ DE CASTRO
CANTATA.

LOnge do caro Esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, candidos Penhores
Do Thalamo furtivo,
Os Filhinhos gentis, imagem della,
No regaço da Mái serenos gozão
O somno da Innocencia.
Coro subtil de aligeros Favonios,
Que os ares embrandece,
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o Par mimoso,
Ora, solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela Amante saudosa,
Pelos tenros Meninos se reparte,
E com tenue murmurio vai prender-se
Das aureas tranças nos anneis brilhantes.
Primavera louçã, Quadra macia
Da ternura, e das flores,

Que

Que á bella Naturéza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao Mundo apuras
O prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrimosa
As mágoas não distrahes com teus encantos.
Debalde o Rouxinol, cantor de amores
Nos versos naturaes os sons varía,
O limpido Mondego em vão serpêa
C'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doira o Sol de luz mais viva,
Os Ceos de mais pureza em vão se adornão
Por divertir-te, oh Castro:
Objectos de alegria Amor enjôão,
Se amor he desgraçado.
A meiga voz dos Zéfyros, do rio
Não te convida o somno:
Só de já fatigada
Na luta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos;
Mas não ha para ti, para os Amantes
Somno placido, e mudo;
Não dorme a fantásia, Amor não dorme:
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na idéa, espertão, rompem
O silencio da Morte.
Ah! Que fausta Visão de Ignez se apossa!
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe afigura aos olhos d'alma!
Em marmoreo salão de altas columnas

A Solio magestoso, e rutilante
Junto ao regio Amador se crê subida;
Graças de neve a purpura lhe envolve,
Pende augusto Docel do tecto de oiro;
Rico Diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle;
Nos luzentes degráos do Throno excelso
Pomposos Cortezáos o orgulho acurvão;
A Lisonja sagaz lhe adoça os labios,
O Monstro da Politica se atterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.
Ella escuta os extremos,
Os vivas populares, vê o Amante
Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta;
O prazer a transporta, Amor a encanta;
Premios, dadivas mil ao Justo, ao Sabio
Magnanima confere,
Rainha esquece o que soffreo Vassalla:
De sublimes acções orna a Grandeza,
Felicita os Mortaes, do Sceptro he digna,
Impera em corações... mas Ceos! Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece!
Ignez sobresaltada
Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministros do Furor, tres vis Algozes,
De buidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella Infeliz bramando avanção.
Ella grita, ella treme, ella descora,
Os Fructos da ternura ao seio aperta,

In-

Invocando a piedade, os Ceos, o Amante;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
A' suave attracção da formosura,
Vós, brutos Assassinos,
No peito lhe enterrais os impios ferros.
Cahe nas sombras da Morte
A Victima de Amor, lavada em sangue,
As rosas, os jasmins da face amena
Para sempre desbotão.
Dos olhos se lhe some o doce lume,
E no fatal momento
Balbucia, arquejando: „ Esposo, Esposo. „
Os tristes Innocentes
A' triste Mãi se abração,
E soltão de agonia inutil chôro.
Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa Extincta
Os Amores acodem.
Mostra a Prole de Ignez, e a tua, oh Venus,
Igual consternação, e igual belleza:
Huns dos outros os candidos Meninos
Só nas azas differem,
(Que jazem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes de oiro)
Súbito vôão dois do Coro alado:
Este, raivoso, a demandar vingança
No Tribunal de Jove,
Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado Amante.
Nas cem tubas da Fama o grão desastre

Irá

Irá pelo Universo:
Hão de chorar-te, Ignez, na Hircânia os Tygres;
No torrado Certão da Libya fera
As Serpes, os Leões hão de chorar-te.
Do Mondego, que attonito recua,
Do sentido Mondego as alvas Filhas
Em tropel doloroso
Das urnas de crystal eis vem surgindo,
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos labios vibrão
Aos Monstros infernaes, que vão fugindo.
Já crôão de cypreste a Malfadada,
E, arrepelando as nitidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.
Tu, Eco, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim resôão
Nos concavos penedos, que magôão:

Toldão se os ares,
Murchão-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Ignez morreo.

Misero Esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Ja não he teu.

Sua

Sua alma pura
Nos Ceos se encerra:
Triste da Terra
Porque a perdeo!

Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeo.

Tem roto o seio,
Thesoiro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreveo.

De dôr, e espanto
No carro de oiro
O Numen loiro
Desfaleceo.

Aves sinistras
Aqui piárão,
Lobos uivárão,
O chão tremeo.

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores:
Morrei, Amores,
Que Ignez morreo.

A MORTE
DE
LEANDRO, E HERO
CANTATA.

De horrenda cerração croada a Noite,
Surgíra ha muito da cimeria Gruta;
Tapando o longo Ceo co' as azas longas,
Reina em meio Universo:
Occupão-lhe os degráos do negro Throno
A Tristeza, o Silencio,
O Medo, a Solidão, o Amor, e o Crime;
Vôão lhe em roda lúgubres Fantasmas,
Aves sinistras pousão lhe no gremio.
Eis manso, e manso as nuvens se entumecem,
Eis o liquido pezo
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes susurra, e cahe na Terra.
Rebentão furacões, flammejão raios,
O estrondoso trovão no Ceo rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve, e ronca.
Tu, Abydêno Amante,
Tu vé'as neste horror com a Saudade.
Já corres insoffrido ás ermas praias,
Donde he teu uso arremessar-te ao pego,
E, destro Nadador, talhando as vagas,

Teus

Teus gostos demandar na opposta margem.
Ao longe em celsa Torre, estancia cara
De Héro, Sol dos teus dias,
O brilhante sinal, o amigo lume
(Que he no facho de Amor por ella accezo)
Vês entre as sombras scintillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o Mar bramindo, o Ceo troando,
Teu impeto ameaçáo;
Ardem-te n'alma os sofregos desejos,
Fulgurante Illusáo, doirando as trevas,
N'um quadro tentador te offrece aos olhos
Glorias a furto, vívidos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.
A sagaz Esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas,
Dar-te aos suspiros da suave Amada.
Attento á meiga voz, que attrahe, que mente,
No montuoso Pelago te arrojas:
A' queda repentina altêa hum grito
O Corvo grasnador na dextra parte,
E os Ecos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agoiro te arripia as carnes,
Teus cabellos erriça;
Mas prevalece Amor, e, expulso o medo,
Fórças a equorea, tumida braveza.
Metade já do transito afanoso
Industria, e robustez vencido haviáo:

Nis-

Nisto a Procella horrísona recresce,
Tingem sombras do Inferno os véos da Noite,
Que o súbito relampago retalha;
Braveja o Mar, aos Astros se remontão
Serras, e serras de fervente espuma:
Carrancudos Tufões arrebatados
Dobrando a força, a raiva, lutão, berrão,
E revolvem do Pelago as entranhas:
Rochedo immovel, afferrado á Terra,
Rebate apenas o horroroso assalto...
Ah Leandro infeliz! Tu já fraquêas,
A destreza, o vigor nas mãos, nas plantas
Já, misero Amador, já te falecem.
Procuras o distante, o caro lume,
Astro benigno, que te influe, e guia,
Olhas, vês que te falta,
Que desappareceo, que jaz extincto:
Suspiras, esmoreces,
Da tua doce luz desamparado.
Invocas o grão Deos, que rege os Mares:
De teus rogos não cura, immoto, e surdo.
Invocas de Nerêo potente as Filhas:
Ellas ardem por ti, mas, invejosas
Do objecto encantador, que lhes preferes,
A's maritimas furias te abandonão.
Héro invocas, e Amor, e os Ceos, e a Sorte:
A Sorte he implacavel,
Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias sinalou de hum termo infausto.
Debalde te auxilia o Deos mimoso,

O

O alado Creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructaste;
O facho luminoso em vão menêa
Para encurtar-te as sombras,
E mais facil tornar a undosa estrada;
Em vão co' as azas brandas
Tenta arrazar os orgulhosos Mares.
Sobre altos esçarcéos o Fado escuro
Folga, triunfa, e reina,
Punge, ameaça, desespera os Ventos,
Enrola a Morte nas horrendas vagas.
Ella, prompta a seu mando, ella accommette
O deploravel Moço:
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume;
O tardo movimento eis lhe sopêa,
Pelas agoas o embebe, e de Héro o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima co' as cavadas ondas
Vai, vem mil vezes o infeliz Mancebo....
Ai! Já sem vida aqui, e alli vaguêa
A' discrição do Mar, e o Mar com elle
De Sésto ás praias súbito arremete;
Dá contra a Torre de Héro, alli rebenta,
E deixa o triste Corpo á margem nua.
Tu entretanto, carinhosa Amante,
Que fazias, (oh Ceos!) que imaginavas?
Solitaria, anhelando,
Nas trevas espantosas,
Nos soltos Ventos, alterosos Mares
Lias de feio azar presagios feios.

Em

Em torno á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Em torno á viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zunio tres vezes,
E á terceira apagou a esperta chamma;
(Foi no ponto funesto, em que o Mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco)
Do repentino assombro espavorida,
Attonita, convulsa,
O agoirado clarão não renovaste.
Em ancias implorando os Deoses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do affoito, desvelado Amante
Ao Numen indulgente, á Mãi piedosa
Mil incensos, mil victimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa idéa
Em terriveis imagens,
Ora do Moço audaz o usado arrojo
Reprovavas comtigo,
Ora a cega imprudencia maldizias,
Com que em tão desabrida, horrivel noite
A perigosa senha aventuráras...
Ah triste! Contra ti não te conjures:
Foi lei dos Fados a imprudencia tua.
Héro desanimada,
Mettida em profundissimo lethargo,
Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta
A purpúrea manhã no Ceo já ledo.
Fatto o cruel Destino,

Adelgaçára os ares,
Ao pego a mansidão restituíra
Depois que a terna Victima saudosa
Foi suffocada nas voragens feras.
Elle, o duro Oppressor dos desditosos,
Elle do almo prazer, que os dois gozárão,
Está vingado em parte, e da vingança
A' Desesperação commette o resto.
Héro, ah Héro infeliz! Tu pelas agoas
Humida vista, suspirando, alongas.
Não vês o Nadador, por quem desmaias,
O teu bem não fluctua
Pelas ondas desertas.
Eis a consternação te inclina os olhos
A' pedregosa arêa
Onde o Desventurado está sem alma.
Que vista! Que terror! As alvas carnes,
Rôtas nas rochas pelo embate undoso,
Inda gotejão sangue, aberta a boca,
Parece que inda quer, que inda procura
Chamar-te, oh Héro, murmurar teu nome.
No espectaculo horrendo,
Misera, tu reparas,
Tu ... Ceos! Não lhe acudis! Tu reconheces
O querido semblante, o corpo amado,
Entre as sombras da Morte inda formoso:
Com pallidez, que a pinta,
Gritas, arquejas, desesperas, fremes,
Deitas as mãos de neve ás tranças de oiro,
E as tranças de oiro, delirando, arrancas.

Lei

Levada em fim de hum impeto raivoso,
Te arremessas da Torre, e d s, e entregas
O teu ai derradeiro ao mudo Amante.
Lá jazem sobre a arêa luctuosa
As victimas do Fado;
Nas angustias mortaes a linda Moça
Inda, estendendo os amorosos braços,
Tenta apertar o suspirado Objecto.
Apiedados Delfins nas ondas surgem,
E altos sons (oh prodigio!) derramando,
Lamentão junto á praia o duro caso:
As mesmas Nynfas invejosas de Héro
Solução de pezar nos vitreos lares.
Hum marmoreo padrão se erige em breve;
Compadecidas Mãos a historia triste
Gravão na lisa pedra: a pedra existe;
Mas o Monstro voraz, que roe penedos,
Comendo em parte a fúnebre escritura,
Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lyra:
Inda agora de ouvillo Amor suspira.

Aos dois Amantes
De Abydo, e Sésto
Ardor funesto
Deo negro fim.

Fc-

Forão-lhe Algozes
Os seus extremos:
Mortaes, amemos,
Mas não assim.

AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR
MARQUEZ DE POMBAL,
&c. &c. &c.

EPISTOLA.

Seigneur, si jusqu'ici par un trait de prudence
J'ai demeuré pour toi dans un humble silence,
Ce n'est pas que mon coeur, vainement suspendu,
Balance pour t'offrir un encens qui t'est du.

Boileau.

SÓ conheço de ti grandeza, e nome,
Magnanimo Pombal, jámais teus olhos
Com doce, amavel, usual brandura
De meus destinos a humildade honrárão;
Sempre Fortuna, do meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o canto além dos Tempos,
E em premio fosse de te dar meus hymnos
Comtigo reluzir na Eternidade:

De-

Declive espaço, que entre nós se estende
Froxo alento abatia o Vate ancioso,
Quando apenas tentava o cume excelso,
Onde, recta huma vez, não caprichosa,
Te ergueo, te amima, te laurêa a Sorte.
Hoje, porém, Senhor, que má Ventura
Golpes, e golpes sobre mim desfecha,
Hoje que ferrea lei de negros Fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dôr se arroja,
Lenitivo benefico implorando,
Vence o longo intervallo, a ti se eleva.
Dá-me tão alto jus tua alta Fama,
Minha tribulação tem jus tão alto:
Perante as Almas, que a Virtude accende,
He grave intercessor a Adversidade:
O Mortal infeliz, o Desvalido
Invoca o Generoso, o Pio, o Grande,
O Grande, o Pio, o Generoso abriga
Das furias do Destino o Malfadado.
Carcere umbroso, do sepulcro imagem,
Caladas sombras de perpetua morte
Me ancêão, me suffocão, me horrorisão.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do Solio, da Moral, da Natureza
Neste profundo horror me tem submerso.
A Calumnia fallaz, de astucias fertil,
Urdio meus males, affeou meu nome,
Mil, e mil vicios extrahio do Averno,

Mi-

Minha Fama, Senhor, que, honrada, illesa,
Vagava o seio de Ulissea altiva,
Foi pelo estygio Bando assalteada:
Bramindo, lhe ennegrece a tez lustrosa,
Torna-lhe a nivea cor da cor do Abysmo:
Doira Zelo impostor paixões danadas,
Delatores crueis com arte envolvem
Vis interesses no exterior brilhante
Da Razão, da Justiça, e da Verdade;
Cahe a Innocencia, victima da Inveja,
Dos Zoilos o rancor de mim triunfa.
Eis-me vedado ao Sol, vedado ao Mundo,
Eis a reminiscencia apenas traça
O quadro do Universo á minha idéa,
Que, se aos olhos illusos dera assenso,
Julgára que inda os Ceos, que inda as Estrellas
Não tinhão rebentado á voz do Eterno,
Que a antiga escuridão, que o Cáos informe
No que hoje he Natureza inda reinava,
Que na mente immortal do Rei dos Fados
Inda em mudo embrião jazia a Terra.
Memoria, e dôr minha existencia provão,
Porém dôr, e memoria o ser me azedão,
E a Desesperação, desfeita em pranto,
Inutil vida aborrecendo, anhela
A paz, e o somno do insensivel Nada.
Sobre meu coração tormentos fervem,
E pela fantasia exacerbados,
Se embebem no pavor da Morte horrenda:
D'hum lado em trage infame a vil Affronta,

Sordido Espectro, me affoguêa o rosto,
A doce Patria de outro lado afflicta
Hum doloroso a Deos me diz carpindo:
Aqui, e alli mil pallidos Fantasmas,
Prole do Medo, com visagens feias
Série me agoirão de amargosos damnos.
Nestes horrores a existencia pasma,
O exercicio vital em ocio fica,
Sentidos, forças o terror me absorve.
Tal he, Genio preclaro, a ordem triste
De meus funestos, nebulosos dias,
Dias marcados no volume eterno
Pela torrida mão da Desventura.
Ah! No maligno seculo corrupto,
Em que o duro Egoismo abrange a Terra,
Inda restão, Senhor, ao desditoso
Benignos corações, que se repartão,
Que para os seus prazeres só não vivão,
Que sintão, que venerem, que pratiquem
Lei no Altar da Razão por Jove escripta,
Lei na infancia do Mundo ao Mundo imposta:
= O Homem favor, e asylo ao Homem preste,
= Mutua beneficencia os Entes ligue =.
Teu grande coração colheo taes dotes
No thesoiro, onde os zela a Natureza,
Mesquinha de seus dons co' a Terra ingrata.
Além da condição o heroico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se erguêrão generosos fructos.
O Varão providente, o Pai da Patria,

O assombroso Carvalho, o Luso Atlante,
Cuja vista mental descortinava
Os sumidos arcanos tenebrosos,
Onde sagaz Politica se entranha:
O decantado Heróe, que d'entre as cinzas,
D'entre os dispersos, lúgubres estragos,
Effeitos de Fenomeno terrivel,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bella
A vasta Fundação dos Gregos duros,
Que de soberbas Torres magestosas,
De ingentes, sumptuosos Edificios
Os hombros carregou d'alta Lisboa:
O Politico excelso, a cujo aceno
Vinhão, prenhes de fúlgidos thesoiros,
Alterosos Baixeis arfar no Téjo,
E a risonha Abundancia dadivosa
Da fausta Lusitania enchia os lares;
O Zelador fiel do Altar, do Throno,
O Escudo, o Creador das Léis, das Artes;
Aquelle, em fim, Senhor, que, o véo soltando,
Em que etherea porção luzia envôlta,
Vive nos Corações, nos Ceos, na Fama,
Teu memoravel Pai te abrio a estrada,
Por onde foste ao Pólo, em que és Luzeiro.
Nos Elysios curvada a Sombra illustre,
Olhos fitos em ti, de lá te acena,
De lá te influe espiritos sublimes,
Prestante emulação, com que o renovas.
Heróe, fructo de Heróe, protege, ampara
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre,

Lava-lhe as manchas da Calumnia torpe,
Ao Throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirige, altêa
Do misero Bocage os ais, e as preces;
Desfaze a treva, que lhe espanca o dia,
Rompe as correntes, cujo som medonho,
De Febo os gratos sons lhe descompassa,
Tremendo ao feio estrondo a voz, e a dextra.
Já tocaste, Senhor, da Gloria o cume,
Socios (inda que raros) tens com tudo:
Delles póde isolar-te hum grão mais alto,
Grão onde o Fado occulta o bem, que imploro.
Das avarentas mãos sobe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
Nisto he virtude transcender o extremo:
Remindo hum Triste de oppressão tão crua,
As balisas transpõe da Heroicidade.

AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR
MARQUEZ DE PONTE DE LIMA,
&c. &c. &c.

EPISTOLA.

Se aos miseros, Senhor, não he vedado
No abysmo, em que os confunde a Desventura,
Seus males exprimir, chorar seu Fado:

Mi-

Minha consternação, minha amargura
Vai demandar em ti sagrado asylo,
A colheita efficaz em ti procura.

Tem as Angustias enfadoso estylo,
Mas tu, attento ás leis da Humanidade,
Tu não te has de enojar, Senhor, de ouvillo.

Outros querem louvor, eu só piedade,
Piedade, que a perder o gosto á Fama
Até já me ensinou a Adversidade.

De ethereo Dom, que espiritos inflamma,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.

Dos loiros, que cingi, não cuido agora:
He meu unico objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o Sol medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dôr me diz que vivo:

Na idéa, com que apenas sei ha-dia,
Encarando, Senhor, tua grandeza,
Tua alma generosa, affavel, pia:

D'en-

D'entre as sombras da Noite, e da Tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a Ventura
Se unio por gloria tua á Natureza,

A Sorte se me antolha menos dura,
Pondero o teu favor saudavel Porto
Contra os horrores de Procella escura:

Por vil calumnia moralmente morto,
A' fysica extinção darei o alento,
Se imaginario for este conforto.

O rumor, que me ultraja, he fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o Falso, o Ingrato, o Dissoluto,
Do Triste, do Infeliz não olho ao damno
Com ferreo desamor, com rosto enxuto:

Vejo a copia de hum Deos no Soberano,
Curvo-me ás Aras, em silencio adoro
D'alta Religião o eterno arcano:

Sim erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta Hypocrisia ardis ignoro.

O brilhante caracter da Virtude,
Arma contra os asperrimos Destinos,
Tem cultos meus: o imparcial me estude.

Na Quadra das paixões, dos desatinos
Se deixei de cumprir, fiel, e exacto
Preceitos veneraveis, sáos, divinos:

Não sou para com Deos só eu o ingrato;
Muitos, que me ennegrecem, que me affêão,
São talvez meu modélo, ou meu retrato.

Remorsos devorantes não me ancêão:
Mais fraqueza do que indole, meus vicios
As forças da Razão me não sopêão.

Eis, Senhor, porque espero achar propicios
Teus influxos comigo, e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.

De mordazes Insectos vis enxames
Me ferem, me envenenão, vão lançando
Sobre o caracter meu labéos infames.

Embebe o coração flexivel, brando
Na maviosa dôr, que em mim suspira,
Que em mim por teu soccorro está chamando.

O Deos, a que hum só ai remove a ira,
O Eterno, o Bemfeitor, o Omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira.

Se apraz aos Ceos hum animo innocente,
Tambem he grato aos Ceos o arrependido:
Huma lagrima extingue o raio ardente.

Deixa pousar, Senhor, no attento ouvido
A queixosa, tristissima linguagem,
As súpplicas, e os ais de hum perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage
Sólta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage;

Teu Braço, teu Poder, meus Fados vença,
Como atras nuvens de vapor maligno
Rebate o Sol co' a fulgida presença;

Ganha-me a compaixão do Heróe benigno,
Do Principe immortal, que em nós impéra,
Não só de hum Throno, de mil Thronos digno:

Tolhe-me ás furias da Calumnia fera,
Que o premio singular, premio sublime,
O que o Mundo não dá, nos Ceos te espera:

Teu

Teu peito de meus males se lastime;
Erros tenho, não crimes commettido;
O erro exige perdão, castigo o crime.

Inda que da Ventura és tão querido,
Inda que o Ceo te ergueo a excelso estado,
Mais he valer, Senhor, ao desvalido,
Mais he tornar feliz hum desgraçado.

AO ILL.MO, E EX.MO SENHOR
MARQUEZ DE ABRANTES,
Mordomo Fidalgo da Misericordia.
&c. &c. &c.

EPISTOLA.

Tu, de antigos Heróes Progenie excelsa,
Ramo, de regia Planta derivado,
D'acudir ao Pequeno, ao desvalido
Tens, benigno Marquez, dever sagrado.

Depois de conferir-te hum grão sublime
Ainda não contente a Divindade,
Une-te á posse de inclyta grandeza
O santo ministerio da piedade:

Oc-

Occasião te dá para exerceres
Affavel, paternal beneficencia
Na estancia da Oppressão, cá onde o crime
Caminha par a par com a Innocencia.

Afferrolhada, miseravel Turba,
A quem cinge o grilhão, e a fome abate,
Já cuida que te vê na mão prestante
Dádiva pia, e próvido resgate.

Qual por ermos incognitos perdido
O lasso Caminhante o dia anhela,
Deseja d'entre sombras triste Chusma
Ver luzir teu favor nos males della.

Do número infeliz, que te suspira,
Lastimosa porção me fez a Sorte,
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus Cortezãos preside a Morte.

Que he Morte? Solidão? Silencio? Trevas?
Tudo isto occupa o lúgubre aposento:
Silencio, trevas, solidão me abrangem,
E horrores multiplica o pensamento.

De atroz perfidia as nodoas não me infamão,
Remorsos me não fervem na tristeza,
Em barbaras acções, em negros crimes
Não tenho profanado a Natureza;

Com

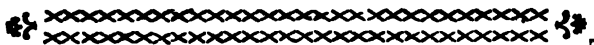
Com ferro abominavel entre as Furias
Impio golpe não dei no patrio seio:
Sempre a cauta Razão me tem sustido
Reluctantes paixões com util freio.

Desventurado sou, não sou perverso,
Ao jugo de altas leis o collo inclino,
E no humano Poder contemplo, adoro
Augusta imagem do Poder divino.

Torpe, invejosa, perfida Calumnia,
Monstro devorador da honra alhêa,
Não me prostra o valor de todo ainda,
Com vêlla tão cruel, com ser tão fêa.

Os damnos, que me urdio, baldar-lhe espero,
Nos sentimentos meus, e em ti fiado;
Tu, Grande, tu, Benefico, tu, Forte,
Emprende a gloria de vencer meu Fado:

Protege a causa do Infeliz, que invoca
Teu nome, o teu fervor, tua piedade,
Guia os suspiros meus, e as preces minhas
Ao Throno, onde reluz a Humanidade.

A' Grandeza, e Virtude asylo imploro;
Tu gozas da Virtude, e da Grandeza;
Estes brilhantes dons comigo apura:
Terá mais hum triunfo a Natureza.

EPIS-

EPISTOLA IMPROVISADA.

A Ti, (que ás outras leis da Humanidade
Cumprindo-as, antepões a mais formosa
De todas as Virtudes, a Piedade)

A ti cá de erma estancia pavorosa,
Onde ferreo Poder o some ao dia,
Vôa do ancioso amigo a voz queixosa:

A voz de Elmano, a voz, que te attrahia,
Quando em mimoso verso eternizava
Graças, encantos, perfeições de Armia.

Meus puros dias o Prazer doirava,
Em quanto contra mim fatal Procella,
No bojo da Calumnia fermentava.

Onde crime não ha, não ha cautela;
Por não temer-me da brutal crueza,
Qual victima succumbo ás furias della.

Fera, ardente aversão, no Inferno acceza,
Em grave Tribunal ousou pintar-me
Escandalo do Ceo, da Natureza;

Dos

Dos vicios, que levava, ousou manchar-me;
Foi escutada a vil, a vil foi crida,
Dura força correo a agrilhoar-me.

De feroz Conductor mão desabrida
Eis me arremessa em horrida masmorra,
Onde co' a morte se parece a vida.

Aqui, longe de haver quem me soccorra,
Na solidão funesta, em que desmaio,
Sem que importe ao Rigor que eu viva, ou morra:

Neste da sepultura escuro ensaio,
A que ás vezes o Sol compadecido
Dirige a furto, a medo hum tenue raio:

Volvendo-te, meu Chaves, no sentido;
Os beneficios teus chamando á mente,
E os males, de que fui por ti remido,

Surge d'entre as angustias de repente,
Desenrugando as faces a Tristeza,
Huma doce esperança me consente.

O soberano Author da Redondeza
Parece que te quer, piedoso amigo,
Da minha redempção fiar a empreza.

De

De Bocage infeliz sê prompto abrigo;
Estorva que se mirre hum desgraçado
Neste mal, neste horror, neste jazigo.

Do crime corruptor não fui manchado,
Alta Religião me attrahe, me inflamma,
Amo a Virtude, o Throno, as Leis, o Estado.

Acima de meus Zoilos me ergue a Fama:
Eis porque o negro Bando, atroz, maldito
Sobre minhas acções seu fel derrama.

Só erros commetti, (he este o grito
Da ingenua Consciencia) mas padeço
As penas, com que a Lei fere o delicto.

Depois que nestas sombras esmoreço,
Duas vezes brilhando a plena Lua
Tem roubado ás Estrellas o aureo preço.

Ah! Funde-se o teu nome, a gloria tua
No pio intento de romper-me o laço,
Que a Sorte me lançou raivosa, e crua.

Do benigno Laurénio invoca o braço,
O braço protector dos desditosos,
Jámais em dons beneficos escaço.

El-

Elle aos ouvidos faceis, e piedosos
Do sublime Varão, do Egregio Lima
Conduza meus suspiros lastimosos;

Que eu, a quem Febo acolhe, accende, estima,
Da honrosa Gratidão arrebatado,
Ornarei seu louvor de eterna rima.

Os Ceos na sua mão depõe meu Fado:
Alma heroica, imitando-lhe a clemencia,
Me arranque deste carcere enlutado,
E me reforce a languida existencia.

Ao Senhor Joaquim Rodrigues Chaves.

AOS FELICISSIMOS ANNOS

DO ILL.MO, E EX.MO SENHOR

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA,

Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c.

VERSOS SOLTOS.

In te spes omnis... nobis sita est:
Te solum habemus: tu es patronus, tu parens.
Terent. Comæd. Adelph. Act. 3. Sc. 5.

COstume de chorar, tenaz costume,
Horas dadas ao pranto, eia, doirai-vos;
Hum dia de prazer por tantos dias
De amargura, e de horror me cabe ao menos.
Memoria, e coração, despindo o luto
De antigos males, de recentes damnos,
Em honra da Virtude exultem, deixem
Azas libertas ao Furor sagrado.
O que he das Musas digno, as Musas cantem,
O que he digno dos Ceos, aos Ceos mandemos,
E se o calor Febêo morrer na mente,
Tu, brilhante Razão, serás meu estro.
Renasce hum dia, que em caracter de oiro

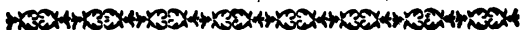
Há de sobresahir nos Lusos Fastos,
Renasce hum dia parecido áquelle,
Que ao sorriso de hum Deos surgio do Nada,
E he symbolo do Ceo, symbolo d'Alma,
Em quem mil claros dons meu canto exigem.
Salve, oh grande Natal, que em gloria cedes
Sómente ao portentoso, aureo momento,
Em que attonita vio a indigna Terra
No véo da Humanidade hum Nume occulto:
Salve, Dia immortal, que, rebentando
D'entre os fusis da temporal Cadeia,
Serás co' a Eternidade encorporado,
Sabendo-te a diffrença apenas Jove.
Que ufano ergueste no Horizonte a face!
Que insolito pavor pozeste á Noite!
De vulgares nataes ao lume affeita,
Altamente estranhou a tua Aurora.
Vio nella os Risos, vio as Graças nella,
Não Risos, e não Graças da Molleza:
A Virtude, a Razão robustas, graves
N'um ar viril, sisudo as envolvêrão.
A Deosa carrancuda, estremecendo
No carro, que dos Astros se rodea,
Sólta os negros cordões aos negros Brutos,
Co' a dextra sobre os dorsos amiúda
De atro flagello horrísonos estalos,
E o Medo a rapidez multiplicando,
Quasi de hum salto pelo Inferno a some.
Serena, e pura a Natureza fica,
Fica digna de ti, dia risonho,

Dia em que ethereo dom luzio no Mundo.
Foi Seabra este dom, nasceo com elle
De insignes attributos copia immensa,
Os que nunca os Mortaes em dote houverão;
Da Mão suprema n'um só Ente unidos.
No horóscopo do Heróe sorrio-se o Fado,
As rugas aplanou da fronte horrenda,
Olhos, que de huma vez contemplão tudo,
Na recente fitou candida face,
E d'entre as sombras dos Mysterios fundos
Taes Destinos predisse ao caro Infante:
„ Serás da Patria, do Universo a gloria,
„ Cem tubas, com que a Fama o Globo atrôa,
„ Hão de apenas bastar para teu nome;
„ Verás d'alta Politica os arcanos
„ A' perspicacia tua escancarados,
„ Tua mente lustrosa, e veladora,
„ Arduas combinações sagaz travando,
„ Fará sobre a altivez, sobre a grandeza
„ Do Tâmisis, do Sena alçar-se o Téjo:
„ Teu espirito ao Mundo assombros novos
„ Apercebendo irá, e inda maiores
„ Teu coração promette á Natureza.
„ Piedade, rectidão, beneficencia,
„ A magnanimidade, os dons sagrados,
„ Almos effluvios do Luzeiro eterno,
„ Que do eleito Mortal ao seio emanão,
„ Todos mistos em ti, farão que passes
„ Os exemplos não só, té as idéas,
„ Amplas idéas da virtude humana.

,, Ao Desvalido, ao Triste, ao Malfadado
,, Mil vezes teu favor será guarida,
,, E por ti vezes mil de inexoravel
,, O atroz caracter despirei com elles:
,, Virtude até commove, altera o Fado;
,, Se Virtude se exalta ao grão da tua.
Dest'arte a voz fatal, e omnipotente
Teus futuros abrio, Seabra Illustre,
E entre todos os titulos fulgentes,
De que em ti se compôz moral gandeza,
Tão sublime nenhum, nenhum tão raro
Como o de Amigo, e Pai dos não ditosos,
Daquelles, cujo mal não vem do crime,
Cujo mal tem raiz nas mãos da Sorte.
Eu, aggregado ao número funesto
Das victimas chorosas do Infortunio,
Que trago na cerviz, na frente, e n'alma
Seu pezo esmagador, seu nome acerbo,
Em vão com teu formoso, egregio dia
Em vão quero illudir, corar meus males.
Por entre os turbilhões de altas idéas,
Que abala o teu natal, e a gloria tua,
Na mente alvoroçada imagens tristes,
Negras, medonhas como d'antes surgem.
Para gemer, Senhor, para chorar-me
Tenho, além da razão, tenho o costume;
Segunda Natureza em nós se torna,
Só força mais que humana he que o remove:
Tu, que em summa virtude és mais que humano,
Converte a guerra em paz, e em riso o luto,

Que do Vate infeliz envolve a mente;
Arranca-me ao penoso, ao ferreo jugo
Da Sorte avessa, da tenaz Desgraça;
Compassivo a meus ais, exerce, e cumpre
O que de ti soou na voz do Fado;
Quasi hum Deos para mim, renova esta alma,
Esta alma, que em suspiros se evapora,
Torna-me cysne em fim com teus influxos,
Que eleve o canto, sem que a Morte o siga.
São raros os Camões, o Dom divino
Em raros póde mais, que a desventura:
Nestas sombras se apaga o sacro fogo,
Nas garras da Indigencia as Musas morrem.
Ah! Destes males não pereça a minha,
A minha, que subio aos teus louvores.
E's magnanimo, és grande, os Ceos, os Fados
Da Fortuna os thesoiros te doárão,
Tens o jus, e o poder, ambos augustos,
De tornar venturoso o desgraçado,
E's orgão da suprema Authoridade,
Puro, e vasto canal, por onde as graças
Manão do Throno excelso ao curvo rôgo.
Doce, tenue porção dos dons immensos,
Que o Ceo te conferio, confere ao triste,
Cuja voz lamentosa a ti se eleva,
Cuja fama, Senhor, purificaste
Das nodoas torpes da mordaz Calumnia,
E a quem já vezes mil n'um teu sorriso
Déste amavel penhor de bens vindoiros.
Realiza, effeitua o grato annuncio:

As-

Assim teu dia, sobranceiro á Morte,
Tome sempre a brilhar, como hoje brilha;
Assim da clara Esposa as brandas graças
Sempre enfeiticem teus benignos olhos,
E o florecente Par, delicias tuas,
A Dadiva celeste, a digna Prole,
Prole, em que te revês, com que te encantas,
Táo grande como tu, produza, anime
Longa série de Heróes, que leve a gloria
Ao termo do Universo, ou do teu Nome.

RETRATO.

EM quanto os gados
Pascem dispersos
Cazem-se á lyra
Meus brandos versos.

Tirso, que adoras
Nise engraçada,
Ouve o retrato
Da minha Amada.

Em seus cabellos
Soltos, e ondados
Mil Cupidinhos
Estão pousados.

Lá,

Lá, convertidos
Em viraçoes,
Ordenão laços,
Armão traições.

Os olhos della
São como o Ceo,
Depois que a Noite
Desdobra o véo,

Tem tal virtude,
Tal movimento,
Que encolhe as azas
Ao pensamento:

Na linda face
De neve pura,
Onde entre as rosas
Brilha a candura,

Ha certa graça,
Certa viveza
Mais attractiva,
Que a gentileza:

Nos doces labios
Qualquer sorriso
Aviva déas
Do Paraiso:

Or-

Ornão-lhe o seio
De eburnea cor
Por fóra as Graças,
Por dentro Amor:

Alli assaltos
De audaz desejo
Move a Ternura,
Rebate o Pejo:

Das melindrosas
Mãos transparentes
Os alvedrios
Ficão pendentes:

Lisas columnas,
Taes como as creio,
De obras divinas
Candido esteio,

Guardão thesoiro
De alta valia,
Que só se goza
Na fantasia.

Ah! Que, attrahido
Da imagem bella,
Meu pensamento
Se absorve nella!

Tirso, não posso
Pintar o mais,
Meus brandos versos
Tornão-se em ais.

Já tu conheces
A formosura,
Que foi objecto
Desta pintura.

Quem do retrato
Não ajuiza
Que ou he de Venus,
Ou de Felisa?

RETRATO.

Vive na margem
Do Téjo loiro
Candida Ninfa,
De Amor thesoiro.

Ma-

Madeixas bellas
Ao ar lhe ondeão,
Que os pensamentos
Soltas enleão:

Seus olhos ternos
De alta belleza
São dois milagres
Da Natureza:

A Liberdade
Morre de os ver,
Mas tem na morte
Doce prazer:

Em suas lindas
Faces lustrosas
O pejo enfeitão
Jasmins, e rosas:

Nos puros labios
De acceza cor
Mudado em riso,
Triunfa Amor.

Hum véo lhe some
Globos de neve,
E a Fantasia
Só se lhe atreve.

Nas

Nas mãos formosas
Mudos desejos
Dão-lhe invisiveis,
Sofregos beijos.

De mil delicias
Cofre sagrado,
Tão escondido,
Quão suspirado,

Recebe della
Virtude tanta,
Que até na idéa
Gozado encanta.

O Deos terrivel,
O summo Jove,
Que os Ceos occupa,
Que os Astros move,

Hum dia os olhos
Volvendo á Terra,
Vio esta Nynfa,
Das Almas guerra.

Sentio de gosto
Doce desmaio,
Mudou de aspecto,
Cahio-lhe o raio.

Pas-

Pasmou de humano,
Raro portento,
Fugio-lhe Venus
Do pensamento;

De novo em Cysne
Foi transformar-se,
Mas a Virtude
Soube o disfarce.

Ah! Se até Jove
Ferve em ternura,
Vendo os encantos
De Armânia pura,

Se elles o ferem,
Que mal, que damno
Farão no peito
Do terno Elmano!

ODE ANACREONTICA.

Formosa Marilia,
Modelo das Graças,
Que mil pensamentos
Accendes, e enlaças,

Aquelle que animão
Teus doces agrados,
Terror dos Amantes,
Mimoso dos Fados,

Se folgas de ouvillo
Por ti suspirar,
Ao Ceo dos Amores
Não deixes voar.

Dos Homens ignoras
A indole errante!
Quem he muito amado,
Não he muito amante.

OUTRA.

DO vasto Abysmo,
Do Eterno horror
Surgio a Angustia
De negra cor.

Logo apôs ella
Veio o Queixume,
E o delirante,
Feroz Ciume.

Determinavão
Em crua guerra
De pranto, e sangue
Banhar a Terra:

Eis que Amarilis,
Idolo meu
Entre mil Graças
Lhe appareceo.

Oh milagroso
Dom da Belleza!
No mesmo instante
Rio-se a Tristeza;

O

O agro Lamento
Mudo ficou:
Só o Ciume
Desesperou.

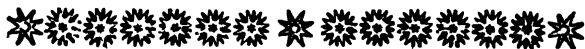
OUTRA.

POupando votos
A' loira Isbéla,
Se Amor fallasse
Nos olhos della,

De almos Prazeres
Me pousaria
Candido enxa-me
Na fantasia.

Outros, que as Almas
Tambem têm prezas,
Se regosijão
De ouvir finezas;

Eu antes quero
Muda expressão:
Os labios mentem,
Os olhos não.

OU-

OUTRA,

Imitada de huns versos de Mr. Parny.

SE os Deoses me conferissem
A suprema faculdade
De espraiar a luz do dia,
E a nocturna escuridade,

Tarde no roxo Horizonte,
Candida Aurora, assomáras,
Tarde as viçosas boninas
Com teu pranto rociáras.

O Deos, de que és precursora,
Só duas horas não mais
Vibrára neste Hemisferio
Seus raios, a Amor fatais.

Mais longa seria a noite,
Mais felices os Amantes,
E eu, a sabor dos prazeres,
Dividíra os meus instantes:

A quarta parte do tempo
Ao grato somno a daria,
Outra igual ás brandas Musas,
E ametade á minha Armia.

OUTRA,

Imitada do mesmo.

BRando leito de verdura,
Linda alcatifa de flores,
Formoso vergel, plantado
Pelas Graças, e os Amores,

Recebe estas frescas agoas,
Que te deve hum grato Amante,
Crôa-te de nova ervinha,
Viceja, lugar fragrante.

Quando lá no ethereo cume
Raios o Sol dardejar,
Almos, benignos Favonios
Te venhão desafrontar.

As debruçadas alfenas,
Prezas n'um confuso enleio,
Miudo pranto da Aurora
Distillem sobre teu seio.

Dobra-te ao suave pezo
Da minha Armia engraçada,
Dobra-te, relva mimosa,
De boninas matizada.

Mas

Mas depois ergue-te á pressa,
Que se os brincos amorosos
Amarrotada indicares,
Não faltão invejosos.

CANÇONETA.

ARmania, de alvo rosto,
Encantador, divino,
Vagava junto á margem
Do Téjo crystallino.

Em torno á branda Nynfa
Se ria a Natureza,
Ufana em ter creado
Tão nova gentileza:

Zefyro, enchendo as rosas
Da mágoa, e de ciume,
Hia nos labios della
Gozar melhor perfume:

Lindos, subtis insectos
A' roda lhe adejavão,
E os loiros Amorinhos
De inveja os enxotavão:

Sobre o matiz dos prados
O deleitoso Abril
Tornava-se de vêlla
Mais ledo, e mais gentil:

A flor, que pelo vento
Jazêra debruçada,
Erguia o tenro collo,
Dos tenros pés tocada:

Com rapidos gorgeios
O rouxinol, que encanta,
Para seguir-lhe os passos
Hia de planta em planta:

A' Nynfa, que o pizava,
O chão se amollecia;
Cada sorriso della
Abrilhantava o dia:

Dobrando a graça, o lustre
Do azul, ethereo véo,
No maior bem da Terra
Se recreava o Ceo:

O Téjo namorado
Cedêra a urna de oiro,
Se Amor lhe désse em troca
Tão singular thesoiro;

Tudo prazer sentia
Ao ver hum tal portento;
O Ceo, a Terra, as Aves,
O Rio, o Sol, e o Vento;

Mas o amoroso Elmano,
Notando occulto a Bella,
Colhia outros effeitos
Dos attractivos della;

Vibravão-lhe seus olhos
Envenenado tiro:
Por onde a frecha entrava,
Sahia-lhe hum suspiro.

Eis-que o Menino Idalio,
Que aos tristes Amadores
Cruentas serpes guarda
Entre mimosas flores,

Ao som de hum ai, que exhala
O mavioso Amante,
Encara, vôa, e diz-lhe
Com rispido semblante:

Dos Fados no volume
Este Decreto está:
„ Quem for mais extremoso,
„ Mais infeliz será.

Nisto revôa o Nume
Na Nynfa para o lado,
Deixando em amarguras
Submerso o desgraçado.

Ah lastimoso Elmano!
O que ao Traidor ouviste
Desterra vãos desejos
Para o silencio triste.

Mas sempre ardor interno,
Muda paixão te rale,
Que a perfeição de Armânia
Os teus martyrios vale.

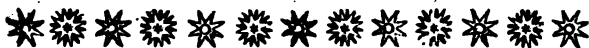
E se entre agudas garras
De acerbos desprazeres
A mil fataes combates
Teu coração renderes,

A linda mão, que adóras,
Em fim compadecida,
Talvez te doire a morte,
Se te escurece a vida.

Póde a teu ponto extremo
Illuminar o horror
A bella, a doce Armânia,
Astro do Ceo de Amor.

Di-

Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais,
Que antes morrer por ella,
Do que viver co' as mais.

✱✱✱✱✱✱✱✱✱✱✱✱✱

QUADRAS.

„ DEos de Amor, (a Amor eu disse)
„ Sou feliz, venci meu Fado,
„ Quebrei de antigas tristezas
„ O jugo, a que estive atado;

„ Achei piedade em Felisa,
„ Entre as mais bellas tão bella,
„ Que nem tua Mái possue
„ Olhos como os olhos della.

„ Aquelles Astros benignos,
„ Com que influes teu poder,
„ Me derão candidas mostras
„ De ternura, e de prazer.

„ Tenro Deos, (eu proseguia)
„ Tenro Deos, sou venturoso....
„ Eis-me interrompe o Menino
„ Em tom suave, e piedoso:

„ Meu

„ Meu fiel, submisso Escravo,
„ Triste exemplo dos Amantes,
„ Não folgues, não te allucines,
„ E's infeliz como d'antes.

„ Tenho em vão lidado, Elmano,
„ Por melhorar teu destino:
„ Hum poder mais formidavel
„ Destroe meu poder divino.

„ Irrevogavel sentença
„ He a sentença do Fado:
„ Eu desejo-te ditoso,
„ Elle te quer desgraçado.

„ Ah servo meu! Vê, repara
„ Se de ti doído estou:
„ Teu grilhão romper quizera
„ Com esta mão, que o forjou;

„ Mas, infeliz, eu não posso
„ Desatar teu coração:
„ O jus de remir Amantes
„ He do Tempo, e da Razão.

„ Sabe que vens illudido,
„ Felisa não te acarinha;
„ A compaixão, que notaste,
„ Não era della, era minha.

„ Eu, quando louco de amores
„ A seus pés foste gemer,
„ Jazia em seus lindos olhos,
„ Sem a Tyranna o saber.

„ Comigo alli se abraçava
„ A affagadora Esperança,
„ Mas no coração da Ingrata
„ Velava a fera Esquivança.

„ Por mais que instantes de gosto,
„ Ou de descuido lhe espreito,
„ He baldada a vigilancia,
„ Não posso invadir-lhe o peito.

„ Se de novo contemplares
„ Seus olhos, que n'alma tens,
„ Donde affagos mil brotárão
„ Verás brotar mil desdens.

„ Abate o vão pensamento,
„ A tanta gloria exaltado,
„ E sejão teu desafogo
„ Imprecações contra o Fado.

Aqui soluço ancioso
A doce voz lhe enleou,
E as rosas das tenras faces
Miudo pranto aljofrou.

Eu desconsolado, eu mudo,
Quando d'antes ledo, ufano,
Offrendas, que a Amor levava,
Fui levar ao Desengano.

****

A ARMIA,

Quadras imitadas de Mr. Parny.

OCculte-se, doce Armia,
Negue-se, minha Deidade,
A scena dos nossos gostos
A' nociva claridade.

Nunca os segredos da noite
Contemos, meu bem, ao dia,
Frios corações ignorem
Nossa mutua sympathia.

Amor em sendo ditoso
Costuma ser imprudente,
E nos gestos de quem ama
Logo o vê quem o não sente.

Por ti receio a viveza
De esperta Mãi vigilante,
E o Argos, que tem no peito
Hum coração de diamante:

Es-

Esse espia encanecido,
Alma rispida, e sombria,
Cuja espinhosa virtude
Só com oiro se amacia.

Em quanto luzir de Apollo
O importuno resplandor
Não rutilem nos teus olhos
Desejos, que accende Amor;

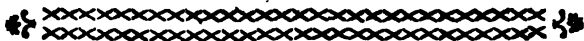
Se te apparecer Elmano,
Não córes as lindas faces;
Nem o mais leve suspiro
Do coração desenlaces;

Mostra-me hum ar distrahido,
Como quando os outros vês,
Não haja no teu semblante
Turbação, nem languidez....

Mas ai! Que de quanto disse
Quasi arrependido estou.
Minha Armia, ah não abuses
Dos conselhos, que te dou.

Em nome de Amor te rogo
Que nunca em minha presença
Com perfeição arremedes
A descuidada indiffrença.

» Aquil-

„ Aquillo he brinco, he disfarce „
Diria... mas oh tormento!
Receoso da verdade
Me deixára o fingimento.

MOTE.

Que eu fosse em fim desgraçado
Escreveo do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda:
Triste do meu coração!

GLOSA.

I.

TRes vezes sobre meus lares
Vozeou, quando eu nascia,
Ave, que aborrece o dia,
Que prevê crueis azares.
Amor dividíra os ares,
De seus tormentos cercado;
A' funda Estancia do Fado
O vôo havia abatido,
E ambos tinhão resolvido
Que eu fosse em fim desgraçado.

II.

„ Esse, que os primeiros ais
„ Vai soltar triste, e choroso,
„ Seja á Fortuna odioso,
„ Seja prezado aos Mortais.
„ Dos mimos de Amor jámais
„ Desfructe a consolação;
„ Ame, porém ame em vão,
„ Ferva-lhe n'alma o ciume.
Isto no horrendo volume
Escreveo do Fado a mão.

II.

Cresci, crescêrão comigo
Meus damnos, e n'um transporte
Curva Maga a lêr-me a sorte
Com roucas preces obrigo.
Eis-que toma hum livro antigo,
Abre, vê, folhea, estuda,
Té que me diz, carrancuda:
„ Nos caractéres, que olhei,
„ Fim ào teu mal não achei:
„ *Lei do Fado não se muda.*

IV.

Absorto, convulso, e frio,
Deixo de erriçada grenha
A Furia em concava penha,
Seu lar medonho, e sombrio,
Debalde luto, e porfio
Contra a Sorte desde então.
Ceos! Não achar compaixão!
Ceos! Amar sem ser amado!
Barbara lei do meu Fado!
Triste do meu coração!

O ZEFYRO, E A ROSA,

Allegoria, tirada de huns versos de Mr. Parny.

LInda Rosa sobre a margem
De hum regato crystallino
Hia abrindo o rubro seio
Ao doce humor matutino.

Acaso hum Zefyro, errante
Nas amorosas paixões,
A vio, e quiz dos prazeres
Dar-lhe as primeiras lições.

Po-

Porém não foi attendido
Da florinha esquiva, e bella.
„ Por quem sois voai; deixai-me,
„ Não posso amar, (lhe diz ella.)

„ Ainda sou pequenina,
„ Ainda apenas vos vejo;
„ Tomai á tarde, e de ouvir-vos
„ Talvez terei menos pejo.

Nisto o Zefyro, adejando,
Vai cuidar de outros amores,
Que o que vos succede, oh Nynfas,
Succede tambem ás flores.

Indo já longe, eis hum Euro (1)
Para a Rosa se encaminha,
E com rusticos affagos
Lhe desprende huma folhinha.

Cahe no arroio, e vai com elle,
(oh grosseiro, oh fatal brinco!)
Apôs esta segue-se outra,
Depois tres, e quatro, e cinco.

Finalmente o rude Amante
Mimosas graças desfaz,
Que meigos Deoses lográrão,
Se a Rosa fôra sagaz.

Vol-

(1) Vento Leste.

Volta o Favonio ancioso
Por gozar ternos carinhos,
Mas ai que em lugar da Rosa
Não acha mais do que espinhos.

„ Armia, observa este exemplo,
„ Desterra illusões, e enganos,
„ Segue Amor, antes que o Tempo
„ Te desfolhe a flor dos annos.

EPIGRAMMA.

DIzem que Flavio glotão
Em Bocage afferra o dente:
Ora he forte admiração
Ver hum cão morder na gente!

EPI-

A hum Mulato comilão, que murmurava de mim.

EPIGRAMMA.

PEdio pelo amor de Deos
Dez reis hum Mendigo a hum Nobre.
Respondeo-lhe o Cavalheiro
Que nunca trazia cobre.

Eis por excellencia o Triste
Súpplica nova começa.
Enternece-se o Fidalgo:
Pôe-lhe nas mãos huma peça.

EPIGRAMMA.

COnheces hum certo Albano,
Homem de raro primor?
(Perguntou Fileno hum dia
A Silvio, grão jogador)

Oh! (Responde-lhe o gatuno,
Que aos mais tafues pede meças)
Eu sou seu íntimo amigo:
Hontem lhe ganhei cem peças.

EPIGRAMMA.

A Morte se enfastiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando: não estou
Para tornar mais ao Mundo.
Disse hum Medico, eu lá vou.

ENTRE ELMANO, E ALCEO
EPIGRAMMA,

Imitado de huma anecdota.

ALCEO.

PErdôa, tu tens, Elmano,
Hum defeito, entre diversos,
Que cheira muito a doidice.

ELMANO.

Sim! Qual he?

ALCEO.

Fazeres versos.

EL-

ELMANO.

Oh! Pois tu tambem tens outro,
E folgára de o não teres,
Que está mui perto da asneira.

ALCEO.

Eu! Qual he?

ELMANO.

Não os fazeres.

EPIGRAMMA.

DOutor, até do Hospital
Te sacode enfermo bando.
Que será disto a causal!
He porque em tu receitando,
Qualquer doença he mortal.

A hum máo Medico.

EPIGRAMMA.

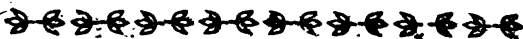
DIzes que Fileno he tosco,
Molle, feio, e semsabor,
Não levas á paciencia
Terem-lhe as Moças amor.

Nenhum merito lhe encontras,
Porque o devão attender:
Que mais merito lhe queres?
Agradar he merecer.

EPIGRAMMA.

EStando enfermo hum Poeta,
Foi visitallo hum Doutor,
E em rigorosa dieta
Logo, logo o mandou pôr.

„ Regule-se, coma pouco.
(Diz-lhe o Medico eminente)
„ Ai Senhor! (acode o louco)
„ Por isso he que estou doente.

EPI-

EPIGRAMMA.

LOnge estás de ser pateta,
Flavio, tens varias noções,
Entendes bem a selecta,
Lês, estudas, e compões:
Por hum tris não és Poeta.

A hum enfronhado em Poeta.

EPIGRAMMA.

HUm Homem, que toda a vida
Passou fomes por querer,
Co' a muita debilidade
Pôz-se em termos de morrer.

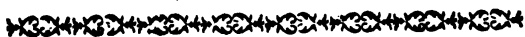
Doutor, que de graça o via,
E co' a doença atinava,
Offreceo-lhe huns certos doces,
Para ver se o melhorava.

„ Obrigado, (eis lhe responde
O enfermo, estendendo a mão)
„ Dê cá. Bom será guardallos
„ Para maior precisão.

EPIGRAMMA IMITADO.

LEvando hum velho avarento
Huma pedrada n'um olho,
Pôz-se-lhe no mesmo instante
Tamanho como hum repolho.

Certo Doutor, não das duzias,
Mas sim Medico perfeito,
Dez moedas lhe pedia
Para o livrar do defeito.

„ Dez moedas! (diz o Avaro)
„ Meu sangue não desperdiço.
„ Dez moedas por hum olho!
„ O outro dou eu por isso.

EPITAFIO TRADUZIDO.

AQui jaz hum Escrivão,
Que já na provecta idade
Tomou o habito de Frade:
Só merecia o cordão.
Deos tenha delle piedade.

EPI-

EPIGRAMMA.

Conferes nas senhorias,
Fofo Alcêo, mais fofos bens,
E fazes nisso hum milagre,
Porque dás o que não tens.

A hum enfatuado em nobreza.

EPIGRAMMA.

Concluio Pintor famoso
Hum certo retrato humano,
E a Taful sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando;
Lhe disse: amigo, que tal?
Deveis gaballo, que vós
Conheceis o original.

Foi ditosa a pincelada,
Nunca retratei tão bem,
Nunca pintei como agora,
Pergunta o Poeta: a quem?

EPI-

EPIGRAMMA.

HUma terra dizem que ha,
Onde a Fome acerba, e dura
Cabo dos Medicos dá:
Porque he isto? He porque lá
Pagão sómente a quem cura.

EPIGRAMMA.

IMITADO DE MARCIAL, EM DIALOGO.

CORIDON.

ELmano, lê-me os teus versos.

ELMANO.

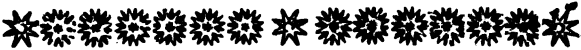
Melhor sorte me dê Deos;
Tremo disso.

CORIDON.

E porque tremes?

ELMANO.

Porque pódes lêr-me os teus.

EPI-

EPIGRAMMA.

DE que he só de seu marido
Laura tem reputação:
Este merito subido
A quem o deve? Eu duvido
Se á cara, se ao coração.

EPIGRAMMA.

DA feiȧ Mulher Andronio
Com zelos arde, e rebenta;
Nisto o não julgo bolonio:
A Mulher he hum Demonio,
Porém o Demonio tenta.

DEFINIÇÃO DO OIRO.

FAço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doutos, e a rudes,
Gero vicios, e virtudes,
Torço as leis, domino a Terra.

EPIGRAMMA.

IMITADO DE DANCHET.

HUm tempo breve, urgente
As rosas tem sómente
Para ostentarem bellas
O seu aroma, e cor:
Para agradar como ellas
Tem hum só tempo Amor.

TRADUCÇÃO.

De hum Episodio da Henriada.

EM quanto fera Chusma de rebeldes
A's portas de París vai conduzindo
O desleal, fanatico Mancebo, (1)
Sobre o successo de arrojada empreza
Os Dezeseis (2) sacrilegos intentão
Dos Fados aclarar a escuridade.
Curiosa de Medicis (3) a audacia,
Mysterios de tão lôbrega sciencia
Já outr' hora indagou, já quiz outr' hora
Entranhar-se nas trevas, nos horrores
Desta arte superior á Natureza,
Quasi sempre quimera, e sempre crime.
Por todos foi seguido o feio exemplo,
E o Povo insano, que imitar costuma
Com animo servil dos Reis os vicios,
Amador do que he novo, e do que assombra,
Em multidão corria aos sacrilegios.

Pá-

---

(2) Fr. Jacob Clemente, assassino de Henrique III.

(2) Assim chamados pela influencia, e authoridade que tinhão em 16 Bairros de París no tempo da Liga.

(3) Catharina de Medicis, Rainha de França, deda a mil superstições desta natureza.

Para o centro de abobada horrorosa
Pelas nocturnas sombras o Silencio
Guiava a detestavel Assemblea.
Ao pállido clarão de maga tocha
Ara vil sobre hum tumulo se erige,
Onde as imagens dos dois Reis collocão,
Objectos de seus odios, seus terrores,
De suas maldições, de seus insultos.
Alli por voz sacrilega se annexa
A nomes infernaes de hum Deos o Nome;
Cruas fileiras de aguçadas lanças
Luzem debaixo dos medonhos tectos,
Tingem-se as pontas em sanguineas taças,
Horrida pompa de horrido mysterio!
O Ministro do Templo de hum daquelles,
Que, odiosos, dispersos, e proscriptos,
Gyrão, vaguêão, Cidadãos do Mundo,
Levão de mar em mar, de terra em terra
O seu abatimento, a sua affronta,
E de superstição montão damnoso
Tem por todos os Climas desparzido.
Uivándo os Dezeseis em torno delle,
A's ímpias ceremonias dão principio,
As parricidas mãos no sangue ensopão,
De Valóis (1) vão no Altar ferir o peito,
E inda com mais terror, com mais insania
A effigie de Bourbon (2) derribão, calcão,
Cren-

(1) Henrique III. Rei de França.
(2) Henrique IV. Rei de Navarra, e depois de França.

Crendo que a Morte, a seu furor ligada,
Vai co' a dextra fatal, e inevitavel
Taes golpes transmittir aos dois Monarcas.
O Hebrêo profanador com turvo aspecto
Une entretanto as preces ás blasfemias:
Os Abysmos, os Ceos, o Eterno invoca,
Invoca esses Espiritos impuros,
Do Universo invisiveis turbadores,
E o fogo dos Infernos, e o do raio.
Tal foi o infando, occulto sacrificio,
Que fez em Gelboé lá n'outra Idade
Aos Numes infernaes a Pythonissa,
Quando perante hum Rei feroz, e injusto
Chamou de Samuel a horrivel Sombra:
Assim contra Judá de váos Profetas
Troava em Samaría a ímpia boca;
Ou tal se ouvio Atéio (1) entre os Romanos,
Invocados os Deoses em seu nome
Agoirar, maldizer de Crasso as Armas.
Aos escuros, aos magicos accentos,
Que profere o maligno Sacerdote,
Resposta os Dezeseis do Fado esperão;
Cuidão que hão de forçallo a descobrir-se:

O

(1) Atéio, Tribuno do Povo, não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os Parthos, correo com hum brazeiro para a porta da Cidade, por onde sahia o mesmo Crasso, lançou dentro varias ervas, e amaldiçoou a empreza em nome dos Deoses de Roma.

O Ceo para os punir quiz attendellos.
Eis interrompe as leis da Natureza,
E do fundo da tacita caverna
Eis sahe lugubre som, murmurio triste.
Cem vezes o relampago espantoso
Na densa escuridão se accende, e apaga.
Entre a fulminea luz, de gloria accezo,
Em triunfal carroça Henrique (1) assoma
Ante os olhos do attonito Congresso.
Cinge-lhe marcio loiro a fronte augusta,
O sceptro venerando a mão lhe adorna.
Nisto o fogo do raio inflamma os ares,
O altar cahe abrazado, a Terra o sorve,
E os Rebeldes, o Hebrêo vão assombrados
Seu crime, e seu pavor sumir nas trevas.

O COMBATE DE AILLY

COM O FILHO NA BATALHA DE IVRI,

Extrahido da mesma Henriada.

O Indomito valor do grão Turena
Já de Nemours as Tropas atterrava.
D'Ailly, veloz quàl raio, hia esparzindo
Por entre os Batalhões espanto, e morte,

O

(1) Henrique IV.

O valente d'Ailly, todo orgulhoso
Com seis lustros de gloria, e de combates,
Que da Guerra no ardor sanguinolento
Sente, a despeito da rugosa idade,
Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.
Com elle hum só Guerreiro ousa affrontar-se,
Hum destemido Heróe na flor dos annos,
Que neste matador, e illustre dia
Os horrores mavorcios encetára.
De hum suave hymenêo gozando apenas,
E mimoso de Amor, a Amor se esquiva,
Com pejo de que só na gentileza
Soasse, consistisse a fama sua,
Vôa aos conflictos, sôfrego da Gloria.
Lamentando-se aos Ceos a linda Esposa,
Os Rebeldes maldiz, maldiz a Guerra;
Resolvendo aggregar-se aos Combatentes
O seu terno Amador, convulsa, e triste
Lhe une ao corpo gentil o arnez pezado,
E humida a face de amorosos prantos,
Em capacete precioso esconde
Semblante, que devia ás graças tanto,
Olhos, em que seus olhos se revião.
Eis ufano, raivoso, arrebatado
Parte contra d'Ailly o audaz Mancebo
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte.
Ambos, de igual braveza estimulados,
Os ardidos ginetes esporêão,
Das feras Legiões ambos se arredão,
E correm ambos á planicie ervosa,

To-

Toda córada de purpureos lagos.
Carregados de ferro, em sangue envoltos,
Com pavoroso assalto os dois se encontrão:
Resôa a terra, as lanças arrebentão,
Assim como n'um Ceo tempestuoso
Duas pejadas nuvens carrancudas,
Que, no bojo encerrando ignea materia,
E de enorme encontrão, de horrendo embate
Rôtas nos ares, pelos ares vôão:
Gera o choque relampagos, e raios,
Estrondêa o trovão, e assusta o Mundo.
Mas por súbito impulso, e nova sanha
Ei-los dos Brutos férvidos se arrojão,
Escolhendo outro genero de morte.
Já lhes reluz nas mãos o liso alfange,
A cevar-lhes o furor corre a Discordia,
E o Genio tôrvo, que preside á Guerra;
Segue-os a Morte pállida, e sanguenta.
Miseros, esperai; detende os golpes...,
Mas negro Fado os animos lhes inflamma.
Este áquelle, raivando, aquelle a este
Tenta no coração cravar o alfange,
No exposto coração, que não conhece.
Do retalhado arnez faiscas saltão,
Golfando o sangue, as mãos lhes purpurêa;
O escudo, o capacete, á força oppostos,
De cem golpes crueis alguns malogrão,
Alguns aparão, rechaçando a Morte.
Os Rivaes entre si, como assombrados
De tão alto valor, se respeitavão,

Mas

Mas o annoso d'Ailly c'um golpe infausto
Lança em terra o magnanimo Guerreiro.
Seus olhos para sempre á luz se fechão,
Cahe-lhe o elmo descobre-se-lhe o rosto,
D'Ailly o vê, o abraça... ah! he seu filho...
Oh desesperação! Oh desventura!
O deploravel Pai, banhado em pranto,
As armas contra si voltar intenta,
Mas compassivas mãos no duro lance
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privão.
Tremendo, soluçando, o triste Velho
Foge daquelle horror, amaldiçôa
Seu criminoso, e barbaro triunfo;
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,
Desejando esquecer-se de si mesmo,
E em solitarias brenhas vai sumir-se.
Alli, quer surja o Sol, doirando os montes,
Quer se mergulhe nos ceruleos mares,
De seu filho infeliz o triste nome
Com lamentosa voz ensina aos ecos,
Aos ecos, de escutallo enternecidos.
Do bello Moço extincto a doce Amante,
Levada do terror, fria, saudosa,
Em passo vacillante ao sitio corre,
Por onde borbulhára o sangue em rios,
Aqui, e alli caminha, indaga, observa,
E da Guerra entre as victimas cruentas
Distingue em fim o Esposo. Ao vêllo a Triste
Cahe sem acôrdo na sanguinea terra,
Nos olhos se lhe estende o véo da Morte.

„ E's

„ E's tu, meu caro Amante?... Estas palavras
Cortadas pela dôr, estes suspiros
Que sólta, desmaiando, ah! não se escutão.
De novo os olhos abre, une de novo
Os labios seus aos labios, que idolátra,
Os ternos beijos ultimos lhe imprime,
Aperta o corpo misero entre os braços,
Entre os mimosos braços cor de neve,
Os olhos nelle põe, suspira, e morre.
Pai infeliz, miserrimos Esposos,
Lastimosa Familia, exemplo triste
Dos crimes, do furor daquella Idade,
Ah! Praza aos Ceos que a horrida lembrança
Deste medonho, e tragico successo
A commiseração, a humanidade
Excite em nossos derradeiros Netos,
E aos olhos uteis lagrimas lhes arranque,
Para que o rasto dos Avós não sigão.

O TEMPLO DE AMOR,

Outro Episodio extrahido do mesmo Poema.

SObre o campo feliz da antiga Idália,
Lá no principio d'Asia, e fim de Europa,
Alto Edificio magestoso assoma,
Do Tempo assolador vedado aos damnos.
Lançou-lhe a Natureza os alicerces,
E tu, Arte subtil, depois brincando
A simples, moderada architectura,
Lidaste, e transcendeste a Natureza.

Al-

Alli de verdes myrtos povoadas
As circumstantes selvas inda ignoráo
Os insultos do Inverno enregelado;
Alli por toda a parte amadurecem,
Por toda a parte alli formosos nascem
Os fructos de Pomona, os dons de Flora;
Alli para outorgar ampla colheita
Nunca esperas, oh Terra, oh Mái fecunda,
Nem pelas estações, nem pelos votos
Do tostado Cultor; alli parece
Que os Mortaes n'um igual, sereno estado
Gozáo tudo o que dava à Natureza
Lá na ditosa infancia do Universo:
Aturado socego, alegres dias,
A doçura, os prazeres da abundancia,
Os bens, os gostos da primeira Idade,
Menos a mansa, e limpida innocencia.
Nenhum, nenhum rumor alli se escuta,
Senáo doce harmonia encantadora,
Molle harmonia, que amollece o peito;
Vozes do Amante, canticos da Amada,
Que a deshonra, os delirios, as fraquezas
* Em verso adulador lhe vai doirando.
Vê-se Turba amorosa à cada instante,
Toucada de odoriferas boninas,
As graças implorar do Deos, que adora,
Concorrer sequiosa à seus altares,
E nelles á porfia ir-se ensaiando
No methodo suave, e perigoso
De attrahir corações, ligar vontades.

A risonha Esperança a mão lhe offrece,
E os guia dois, e dois ás aras de oiro;
As tres lindas Irmãs, as brandas Graças,
Fagueiras, quasi mudas, e defronte
Das francas portas do soberbo Alcaçar,
Unem veloz coréa a som divino.
A perguiçosa, a placida Molleza,
* A socia dos Amantes, encostada
Sobre a relva subtil, e as tenras flores,
Alli de ver, e ouvir se apraz, e enleva.
* Dorme a par della o tacito mysterio,
Jazem-lhe em roda os magicos Sorrisos,
O pontual Desvelo, a Complacencia,
Jaz o Prazer, e os sofregos Desejos,
Inda mais que o Prazer encantadores.
Tal he na entrada o Templo sumptuoso;
Mas quando além das portas, e debaixo
Da rutilante abobada sagrada
Passo audaz se encaminha ao santuario,
Que espectaculo horrendo aterra os olhos!
* Alli não resplandece, alli não vôa
* Nitido enxame de louçãos Prazeres,
* A celeste Harmonia alli não ousa,
* As azas transparentes meneando,
* Nos tristes corações insinuar-se.
* Queixas, Tormentos, Desvarios, Sustos
* Em densa multidão, tropel confuso
* Chorão, blasfemão, desatinão, tremem,
* Gerão neste lugar o horror do Inferno.
O carrancudo, e livido Ciume

Se-

Segue n'um passo tremulo a Suspeita;
Odio, Raiva, entornando o seu veneno,
Armados de punhaes, lhe vão na frente.
Malicia, tu os vês, e satisfeita
C'um sorriso traidor a insania approvas!
Eis o Arrependimento os vai seguindo,
E em seus ais condemnando-lhe a fereza,
De lagrimas inunda os olhos baixos.
Em meio desta Chusma pavorosa,
Companheira fatal dos vãos prazeres,
Tem conservado Amor seu domicilio
* Desde que lá no azul, no ethereo Vácuo
* Cahio das mãos de Jove o Sol recente.
Da Terra os Fados tem na tenra dextra
O cruel, tentador, gentil Menino!
Dá c'um sorriso a paz, com outro a guerra.
Seu nectar derramando em toda a parte,
Seu nectar, que depois torna em peçonha,
He alma do Universo, e vive em tudo.
* Do Throno, em que dá leis á Natureza,
Contemplando a seus pés milhões de Escravos,
Orgulhosas cabeças piza, esmaga:
Mais pago do rigor, que da piedade,
Dos males, que produz, se desvanece.
* Mortaes, tristes Mortaes, que horrivel quadro!
* Mas os males de Amor tem recompensa,
* Tem doce galardão: Mortaes, amemos.

Os lugares, em que me afastei do texto, pelo que toca á expressão, vão assignalados com asteriscos: os tres versos, que rematão, são meus.

Outro Episodio tirado do mesmo Poema.

VAgueava em París feroz Caterva
De Estrangeiros crueis, de horrendos Tigres,
Tigres pela Discordia apascentados,
Mais terriveis, que a fome, a guerra, a morte.
Huns das Campinas Belgicas vierão, (1)
Outros lá das Helveticas Montanhas, (2)
Barbaros Corações, á guerra usados,
Que vivem de matar, que fazem prompto
Sacrificio venal do proprio sangue.
Destes novos Tyrannos a Cohorte
Em sofrego tropel derriba as portas
Dos tristes Cidadãos, e lhes presenta
Mil mortes, mil tormentos, mil horrores;
Não já para os privar de vãos thesoiros,
Não já para arrancar aos ternos braços
De espavorida Mãi Filha chorosa:
Faminta precisão consumidora
As demais sensações lhe impede, e abafa.
Pesquizar, descobrir qualquer sustento,
Por escasso, por máo, por vil que seja,
He a sua intenção, seu fim, seu gosto:
Attentado não há, não ha martyrio,
Que para o conseguir não excogitem.
Indigente Mulher. . . oh Ceos! E eu devo
Urdir a narração da fêa historia,
Do horrivel caso escurecer meus versos!

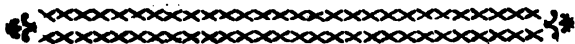
In-

(1) Flandres. (2) Suissa.

Indigente Mulher perdido havia
Por violencia dos Monstros esfaimados
Unico, parco, e misero alimento.
Invadindo seus bens a negra Sorte,
Apenas lhe deixára hum tenro filho,
Proximo a perecer do mal, que a mata.
Raivosa, desgrenhada, hum ferro empunha,
Corre, bramindo, ao candido Innocente,
Que estende as debeis mãos para affagalla.
Do Triste a infancia, a graça, a voz, o estado
A frenetica Mãi de dôr traspassão.
Põe nelle os espantados, turvos olhos,
Tintos de amor, de raiva, e de piedade.
O cutelo da mão lhe cahe tres vezes,
Mas a Raiva triunfa, e detestando
O fecundo Hymenêo, com voz tremente:
„ Oh desta alma infeliz porção mimosa!
„ Caro filho! (ella exclama) em vão teus dias
„ Produzi, conservei com tanto affago.
„ Em breve ou da penuria, ou dos Tyrannos
„ Foras talvez a victima, o despojo
„ Se a Mãi piedosa te poupasse a vida....
„ A vida! E para que? Para vagares
„ Do deserto París entre as ruinas,
„ Desfazendo-te em ais, em dôr, e em pranto?
„ Morre, antes que o meu mal, e o teu conheças,
„ Restitue-me, oh filho, o sangue, a vida,
„ Que te deo tua Mãi, vem sepultar-te
„ Nas entranhas crueis, que te gerárão,
„ E veja-se em París hum crime novo.

Is-

Isto dizendo, attonita, e convulsa
No peito do Filhinho embebe o ferro,
Leva o corpo sanguento ao lar fumante,
E, sofregas as mãos co'a fome horrenda,
A funesta iguaria alli preparão.
A' força de voraz impaciencia
Volvem, raivando, os barbaros Soldados
Ao Theatro do crime atroz, e infando,
Semelhantes na horrida alegria
Aos ursos, e aos leões, que a prêa afferrão,
Apostados correndo, a porta arrombão;
Entrão ... Ceos! Que terror! Q'assombro! A' vista
Carrancuda Mulher eis se lhes offrece,
Molle corpo infantil despedaçando,
Abrazada em furor, e em sangue envolta:
„ Sim, feras, sim, crueis, meu filho he este,
„ Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,
„ Sejão vosso alimento a Mãi, e o Filho.
„ Vinde, as sagradas leis da Natureza
„ Ultrajar, mais do que eu temeis acaso?
„ Que susto vos detem, vos desalenta?
„ Oh tigres! Este pasto a vós pertence.
Frenetica, e sem tino, assim fallando,
Aguçado punhal no seio enterra.
Súbito, da Tragedia horrorisados,
Confusos, e ululando, os Monstros correm:
Não ousão para traz volver os olhos,
* Cuidão que os ameaça, os segue o raio;
E o Povo, por findar tão triste sorte,
Alçando as mãos aos Ceos, implora a morte.

O

O CÃO, E A CADELLA,

FABULA I.

Em verso alexandrino.

TInha de huma cadella hum cáo fome canina,
Elle bom perdigueiro, ella de casta fina.
Mil foscas lhe fazia o tenro maganáo,
Mas gastava o seu tempo, o seu carinho em váo.
Dando no chichisbeo dentada, e mais dentada,
A femea parecia huma cadella honrada,
E incapaz de ceder ás pertenções de amor;
Mas o amante infeliz em fim foi sabedor
De que a mesma, em que via acções tão desabridas,
Era c'um torpe cáo faguèira ás escondidas.
Se és sagaz, meu Leitor, talvez que tenhas visto
Cadellas de dois pés, que tambem fazem isto.

O CORVO, E O PAVÃO,

II.

PAsseando o pavão com ufania,
He fama que dissera ao corvo hum dia:
„ Repara quanto devo á Natureza,

„ Olha

„ Olha que lindas cores, que viveza,
„ Que adorno, que matiz! Olha este rabo!
„ Em mim não ha senão, e tu, diabo,
„ Negro como hum carvão, como hum bisoiro,
„ Inda és, de mais a mais, ave de agoiro.
O corvo, que na lingua não tem papas,
Lhe responde: „ essas pennas são mui guapas,
„ Mas, para refrear teu desvario,
„ Observa dessas pernas o feitio.
Ainda (quem dará credito a isto!)
As pernas o pavão não tinha visto;
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem huma trave?

O CÃO DE FRALDA, E A RAPOSA,

III.

N'Um dos pés arranhado, hum cão fraldeiro
Temeo chegar ao trance derradeiro,
O Medico chamou, pôz-se de cama;
E a dôr encareceo como huma Dama,
(Porque neste melindre, ou nesta balda
Huma Dama equivale a hum cão de fralda)
Era então a raposa arteira, e fina
Entre os brutos Doutora em Medicina.
Entrou, n'um passo grave, hum ar sisudo,

E

E em tom de quem dizia: „ eu saro tudo „
Tendo-lhe visto o pé, que lhe doia,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalfar com fofa prosa,
Concluio: „ a doença he perigosa,
„ Mas hei de conseguir a grande empreza
„ De ajudar, ou vencer a Natureza.
He certo que logrou tão alta sorte;
He certo que a venceo, mas foi co' a morte.
Tendo emplastos, e purgàs decretado,
E com mil beberagens misturado
Mil gordos aforismos de Avicena, (1)
Ou de Averróes, seguio-se-lhe gangrena;
Que, tornando mortal a arranhadura,
O cãozinho encaixou na sepultura.
Assim que o duro Medico feroz
O Mandou visitar a seus Avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais
A paga foi pedir aos tristes Pais.
Clamárão: inda a Terra te não traga!
„ O Filho nos mataste, e queres paga!
„ Que! (responde. á raposa) ora essa he bella!
„ E o trabalho, que eu tive, he bagatella?
„ Dar vida não está na nossa mão:
„ Tanto nos rende o morto, como o são.

O

(1) Dois Medicos célebres.

O MACAÇO DECLAMANDO,

IV.

Hum mono, vendo-se hum dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deo na cabeça
Fazer huma prégação.

Creio que seria o thema
Indigno de se tratar,
Mas isso pouco importava;
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca chêa
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legoa e meia.

Isto acontece ao Poeta,
Orador, e outros que taes:
Nescios o que entendem menos
He o que celebrão mais.

OS DOIS BURROS, E O MONO,

V.

HUm burro lançado á margem
Ostentava de talentos,
Moia hum seu camarada,
Exemplar dos paxorrentos.

Zurrando conceitos graves,
Como quem falla, e não pensa,
Cumpria o rifão do vulgo:
Tal cabeça, tal sentença.

O trombudo companheiro,
A longa orelha abaixando,
Sem lhe responder palavra,
Hia ouvindo, hia pastando.

„ E's bruto! Não me respondes!
(Diz o orelhudo Doutor)
„ Envergonho-me de sermos
„ Iguaes na fórma, e na côr.

Estranhando-lhe a basofia
Hum mono dos mais astutos,
Que, n'uma arvore trepado,
A alliviava dos fructos,

„ C'u-

C'uma gargalhada, esclama:
Não verão quem alardêa!
„ Burro com fumos de mestre!
„ Isto he cousa que se crêa!

„ Não zombes desse coitado,
„ Bem faz em não responder:
„ Hum tolo só em silencio
„ He que se póde soffrer.

✻✻✻✻✻✻✻ ✻ ✻✻✻✻✻✻✻

OS CÃES DOMESTICOS, E O CÃO MONTANHEZ,

VI.

AFfirma Escritor antigo
Que lá n'um grande certão
Tres cães perdidos na caça
Vírão sózinho outro cão.

Que este era côr de azeviche,
Aquelloutros côr de neve
(Porque isto faz muito ao caso)
Primeiro notar-se deve.

Nas-

Nascêra de lãs forrado
O tal cão, e era montez:
Tinhão pelo muito fino,
E erão da Cidade os tres.

Hum delles, o mais disposto
A fazer qualquer aggravo
Disse para o bom camponio:
„ Oh amigo, és nosso escravo.

Ao som do termo affrontoso,
Que os ouvidos lhe offendeo,
O rustico alçou a orelha,
Rosnou, e se enfureceo.

Queria lançar-se a elles,
Mas tinha ouvido huma vez:
„ Nem Hercules contra dois,
„ E inda menos contra tres.

Em fim c'hum ar espantado
Lhes disse o pobre lapuz:
„ Eu cativo! Porque crime?
„ Vós, senhores! Com que jus?

O valentão já citado
Dá hum pulo, e de repente
Ao miseravel responde,
Arreganhando-lhe o dente:

„ O

„ O nosso jus he a força,
„ O teu delicto he a côr.
De Homens pretos, e Homens brancos
Cuido que falla este Author.

O LOBO, A RAPOSA, E A OVELHA,

VII.

ESTando o lobo doente,
Sem se poder arrastar,
E em necessidade urgente
De exercer, de ensanguentar
O rijo, faminto dente,

Ao vêr entrar pela gruta
A raposa a visitallo,
Lhe disse: „ ai, comadre astuta!
„ A' mingoa esmoreço, estalo,
„ A fome comigo luta.

„ Tu conheces a amizade,
„ Com que ha dois annos te trato.
„ Vale-me por caridade,
„ Vai buscar por esse mato
„ Allivio á minha anciedade.

„ Eu

„ Eu vou cuidar no teu bem.
(Responde o falso animal)
E parte: menos, porém,
Para livrallo do mal,
Que para o fazer a alguem.

De serra em serra caminha,
Até que vê desgarrada
Huma innocente ovelhinha.
„ Topar-te (diz a malvada)
„ Foi bem teu, e he gloria minha.

„ Crê que a raposa não manga,
„ Sou de ingenua condição,
„ Nenhum vivente me zanga,
„ Todos amo, á excepção
„ De gallo, gallinha, ou franga.

„ Tanto, amiga, póde em mim
„ O dó de expostas vos vêr
„ Aos crueis lobos, que vim
„ Felizmente hoje a obter
„ De vossos males o fim.

„ Dos lobos o Rei voraz
„ Quasi em artigos de morte
„ Carpio suas acções más,
„ E com piedoso transporte
„ Jurou; ás ovelhas paz.

„ Fez

„ Fez este promettimento
„ Por si, e seus adherentes.
„ Não receies fingimento:
„ Personagens eminentes
„ Não fazem vão juramento.

„ Agora pede a razão,
„ Quer da cortezia o termo
„ Que venhas sem dilação
„ Visitar o illustre enfermo
„ Em sinal de gratidão.

„ A sua cova não dista
„ Muito aqui deste lugar,
„ Daquelle oiteiro se avista.
„ Toca, pois, a caminhar,
„ Vem tu seguindo-me a pista.

Aquillo, que se deseja,
Quão facil se conjectura!
A ovelha de gosto arqueja,
E, graças dando á Ventura,
Vai seguindo a malfazeja.

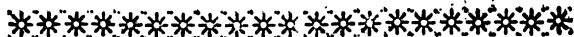
Entrão por aquelle horror,
E a conductora ladina
Vendo da ovelha o terror,
Lhe disse: „ chegai, menina,
„ Beijai a pata ao Senhor.

A

A repugnancia vencendo
Com bem custo a coitadinha,
E calada estremecendo,
Pouco a pouco se avizinha
Ao bruto feroz, e horrendo.

Vibrando os olhos centelhas,
O tyranno lhe afferrou,
Dente, e garra entre as orelhas:
Dest' arte se confirmou
A paz dos lobos, e ovelhas.

Ingenuo, tem conta em ti.
No Mundo ha muitos enganos,
(Eu os sei, porque os soffri)
Os bons padecem mil damnos,
Julgando os outros por si.

****

O TIGRE, E A DONINHA,

VIII.

PEzou sempre o beneficio,
Porque a vaidade offendeo,
Principalmente se hum Grande
De hum Pequeno o recebeo.

Lembra-me agora huma historia
Succedida entre animaes,
Huma historia, que se applica
Bellamente aos Racionaes.

Hia hum tigre muito ufano,
Fiado na garra, e preza,
Crendo que a tudo excedia
No Reino da Natureza.

Desta idéa allucinado,
Incauta planta foi pôr
Em pérfida rede, armada
Por experto Caçador.

Prezo, luta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se;
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz he apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,
Perdida em fim a esperança,
Cessa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha
Demandando agrestes fructos
A leve, esperta doninha.

Es-

Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar:
Foge, porém curiosa
Põe-se de longe a olhar.

O tigre, que a vê, que sabe
Quanto he versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha alli soccorrer.

Tanto adoça o tom pezado
Da rude, estrondosa voz,
Que segura a desprendêllo
Parte a doninha veloz.

Affinca o subtil dentinho
No tenaz, urdido laço,
Róe aqui, róe acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prizões apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino,
Fraco animal se envergonha;

E acceza em feroz orgulho,
Carregando-se na fronte,
(Com receio de que a triste
O caso nas selvas conte)

Deita-lhe a garra damnosa,
A debil vida lhe extrahe.
Ninguem acuda ao malvado,
Se no precipicio cahe.

OS DOIS CÃES

IX.

TInha dois cães perdigueiros
Certo Moço caçador,
Hum excellente no faro;
Outro no feitio, e côr.

Aquelle pela esperteza
Do prompto, do agudo olfato
A rôla, a perdiz sumida
Desencantava no mato,

E apenas, soando o tiro,
Cahia a caça no chão,
Com pasmosa ligeireza
Do dono a trazia á mão:

O

O segundo inerte ,. e molle,
Que o primeiro acompanhava,
Por costume, ou arremedo,
Não por genio farejava;

Té as aves muitas vezes
Ao venatorio ruido
D'entre os pés lhe rebentavão,
E não as tinha sentido.

Mas, sendo incapaz, ao socio
Excedia na ventura,
E o nescio dono prezava
Mais que o prestimo a figura.

Assim succede, Leitores,
A hum semsabor Narciso
N'uma Assembléa com outro
De má cara, e bom juizo.

Diz hum dalli: „ esse amigo
„ He de graça, e prendas cheio.
Respondem a isto as Damas:
„ Aprelá! Que homem tão feio!

Diz outro: aquelle paralta
„ Põe mil asneiras n'um dito.
Acodem logo as Meninas:
„ Que importa, se he tão bonito?

O ELEFANTE, E O BURRO

X.

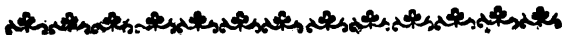
NO tempo, em que inda fallavão
Os animaes como a gente,
He tradição que tiverão
Conferencia em caso urgente.

O burro, que, não sei como,
Se introduzio no conselho,
Quiz, fingindo-se estadista,
Tambem metter seu bedelho.

Eis n'um tom, que differia
Bem pouco do que hoje he zurro,
Foi revolvendo a questão,
Discreteou como hum burro.

Depois de lhe ter ouvido
Alguns conceitos de arromba,
O carrancudo elefante
Lhe disse, torcendo a tromba:

„ Esse tempo, que tens gasto
„ Inutilmente em clamar,
„ Insensato, não podias
„ Aproveitallo em pastar?

„ Vens affectar eloquencia,
„ Animal servil, e abjecto!
„ Hum tolo nunca he mais tolo,
„ Que quando quer ser discreto.

A MONA, E O FILHO,

XI.

Em verso alexandrino.

MOna tão horrorosa, ou mais do que o Diabo,
Com calos o trazeiro, e sem cabello o rabo,
N'um moninho brincão, que tinha dado ao prélo,
Cegamente empregava o maternal desvelo,
E era a sua ternura, o seu amor tão fino,
Que nunca d'entre as mãos largava o pequenino.
Se alguma sua amiga hia fazer-lhe festa,
Dizia-lhe „ não, não, deixe-mo, que o molesta.
Se lhe pegava ao collo até o proprio Pai,
A Mãi gritava logo: „ ai! não mo esmagues, ai!
E com mimo importuno a rustica entretanto

Ao

Ao tenrinho animal desafiava o pranto,
Pois em beijo, e mais beijo, abraço, e mais abraço
Anciava, opprimia o filho a cada passo,
E hum dia o abraçou com tal contentamento,
Que no apertão fagueiro elle exhalou o alento.
Tal (me diz a experiencia) he o zeloso amante:
Por amor importuna, enfada a cada instante,
O que quer para si do mesmo Sol recata,
Por amor atormenta, e até ás vezes mata.

O PAPAGAIO, E A GALLINHA.

XII.

LOquaz papagaio
Secava a goela,
Soltando mil gritos
Á huma janella.

Olhou para a rua,
Por onde vagava
Gallinha de popa,
Que depenicava.

Na lingua das aves
C'um ar superior
Lhe deo estes chascos
O vão palrador;

„ De-

„ Devéras, vizinha,
„ Que pódes campar
„ Co' a prenda galante
„ De cacarejar!

„ Deixando ironias,
„ Sempre és cousa pouca,
„ Não tens outro chiste
„ Senão essa touca.

„ Depois de defunta
„ Só causas prazer,
„ Para te comerem
„ Te dão de comer.

„ Eu em alma, e corpo
„ Sou ave excellente.
„ Não pasmas de ouvir-me
„ Fallar como a gente?

„ Não pasmo (responde
Dos gallos a amiga)
„ Villão, carioca,
„ Mordaz de huma figa.

„ Da lingua, que allegas,
„ Basofia concebes?
„ Que importa que a falles,
„ Se não a percebes?

„ Com

„ Com isso te abates
„ No meu parecer.
„ Os tolos só dizem
„ O que ouvem dizer.

A MACACA,

XIII.

Em verso alexandrino.

NOs serros do Brasil diz certo Author que havia
Huma namoradeira, huma sagaz bugia.
Milhões de chichisbeos pela taful guinchavão,
E por não terem aza, o rabo lhe arrastavão.
Qual cahindo-lhe aos pés, de amores cego, e louco,
Nas cabelludas mãos lhe apresentava hum couco,
Qual do assucar brilhante a çumarenta cana,
E qual hum ananás, e qual huma banana.
Ella com riso astuto, ella com mil caretas
Lhes entretinha a paixão, lhes hia doirando as petas,
Os olhos requebrava ao som de hum suspirinho,
A todos promettia o mais fiel carinho,
E se algum lhe rogava especial favor,
A' terna petição dizia: „ sim, senhor;
Mas com muita esperança, o fructo era nenhum,
E os pobres animaes ficavão em-jejum.
Leitores, ha Mulher tão destra, e tão velhaca,
Que nisto lhe não ganha inda a melhor macaca

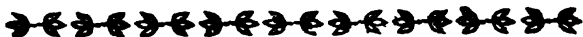
O

O LEÃO, E O PORCO,

XIV.

Em verso alexandrino.

O Rei dos animaes, o rugidor leão
Com o porco engraçou, não sei porque razão.
Quiz empregallo bem para tirar-lhe a sórna:
(A quem torpe nasceo nenhum enfeite adórna)
Deo-lhe alta dignidade, e rendas competentes,
Poder de despachar os brutos pertendentes,
De reprimir os máos, fazer aos bons justiça,
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça,
Mas em vão, porque o porco he bom só para assar,
E a sua occupação dormir, comer, fossar.
Notando-lhe a ignorancia, o desmazelo, a incuria,
Soltavão contra elle injuria sobre injuria
Os outros animaes, dizendo-lhe com ira:
„ Ora o que o berço dá, sómente a cova o tira;
E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,
Ficava muito enxuto. Attenção nisto, oh pais,
Dos filhos para o genio olhai com madureza;
Não ha poder algum, que mude a natureza:
Hum porco ha de ser porco, inda q̃ o Rei dos bichos
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

OS

OS DOIS GATOS,

XV.

DOis bichanos se encontrárão
Sobre huma trapeira hum dia.
(Creio que não foi no tempo
Da amorosa gritaria)

De hum delles todo o conchego
Era dormir no borralho,
O outro em leito de Senhora
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com exquisitos manjares
O segundo se engordava.

Miou, e lambeo-o aquelle
Pelo ver da sua casta:
Eis que o brutinho orgulhoso
De si com desdem o affasta.

Aguda unhada vibrando,
Lhe diz: „ gato vil, e pobre,
„ Tens semelhante ousadia
„ Comigo opulento, e nobre!

„ Cui-

„ Cuidas que sou como tu?
„ Asneirão, quanto te enganas!
„ Entendes que me sustento
„ De espinhas, ou barbatanas?

„ Lógro tudo o que desejo,
„ Dão-me de comer na mão,
„ Tu lazéras, e dormimos
„ Eu em cama, e tu no chão.

„ Poderás dizer-me a isto
„ Que nunca te conheci,
„ Mas para ver que não minto
„ Basta-me olhar para ti.

„ Ui! (Responde-lhe o gatorro,
„ Mostrando hum ar de estranheza)
„ E's mais que eu! Que distinção
„ Pôz em nós a Natureza?

„ Tens mais valor? Eis-aqui
„ A occasião de o provar.
„ Nada, (acode o cavalheiro)
„ Eu não costumo brigar.

„ Então (torna-lhe enfadado
O nosso vilãoruim)
„ Se tu não és mais valente,
„ Em que és superior a mim?

„ Tu

„ Tu não mias ? „ Mio. „ E sentes
„ Gosto em pilhar algum rato ? „
„ Sim. „ E o comes ? „ Oh se o como ! „
„ Logo não passas de hum gato.

„ Abate, pois, esse orgulho,
„ Intratavel creatura :
„ Não tens mais nobreza que eu,
„ O que tens he mais ventura.

A MORTE DE LUCRECIA,

Extrahida do Livro II. dos Fastos de Ovidio.

CErcada pelo Exercito Romano,
Hum sitio pertinaz soffria Ardéa. (1)
Em quanto a dura Guerra está pendente,
Em quanto aventurar feroz combate
Teme a Prudencia, os Chéfes, e os Soldados
Folgão nos arraiaes em ocio ledo.
Nisto o Filho do Rei, Tarquinio o moço,
A esplendido festim convida os Socios,
E, reinando a alegria, assim lhes falla :
„ Agora que de Ardéa o vagaroso
„ Assedio nos detem, nos não permitte

As

(1) Cidade então sitiada pelo Rei de Roma Tarquinio Soberbo.

„ As armas conduzir aos patrios lares,
„ Dos toros conjugaes a fé mantendo,
„ As Esposas gentis, que suspiramos,
„ Suspiraráõ por nós, seráo quaes somos?
Já cada qual sem termo a sua exalta;
Accezo pelo amor, cresce o debate,
Nos brindes do licor fogoso, e puro
A mente, o coração, e a lingua fervem;
Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle
A quem de alto appellido honrou Colacia, (1)
„ As palavras são vás, crêa-se em cousas;
„ A noite nos sobeja, esporeemos
„ Os robustos cavallos, eia, a Roma.
O dito agrada, enfrêão-se os ginetes,
Os sôfregos Mancebos partem, vôão.
Vão da estancia real primeiro ás portas,
Onde Guarda nenhum velando encontrão.
Entrão, colhem de subito engolfada
Em festivo prazer, e em rubro nectar,
Nas tranças com mil flores desparzidas
A que ao Filho em consorcio o Rei ligára:
Promptos caminhão logo a ver Lucrecia.
Alvejavão da candida Matrona
No fuso luzidio as mãos de neve:
Dispostos ante o thálamo se olhavão
De industriosa têa os brandos fios;
Em torno á luz sollicitas Escravas

A

(1) Hum como bairro de Roma, donde Colatino, Marido de Lucrecia, tomou o nome.

A nocturna tarefa promovião.
Lucrecia em tom macio, em voz mimosa
Dest' arte lhes dizia, as incitava:
„ He para Colatino, eia, appressai-vos,
„ Cumpre mandar em breve ao meu Consorte
„ Isto, em que a nossa industria exercitâmos.
„ Vós, que tanto indagais, e ouvis, soubestes
„ Quanto ainda se crê que dure a Guerra?
„ Vencida cahirás, Ardéa iniqua,
„ Que de nossos Espósos nos separas.
„ Tornem, tornem, oh Ceos! ... Mas ai! Que idéa!
„ O meu he destemido, he temerario,
„ Tem genio de arrojar-se ao fogo, ao ferro.
„ Foge-me a luz, o alento, esfrio, e morro
„ Quando entre os Inimigos o afiguro.
Nisto o pranto amoroso a voz lhe corta,
Cahe-lhe o fio da mão, e o lindo gesto
Sobre o molle regaço inclina a triste:
Dobrão-lhe a graça as lagrimas pudícas,
E mostra hum coração igual ao rosto.
Eis o Esposo apparece, e „ não receies,
„ Aqui me tens. (lhe diz) Ella revive,
Ella os braços lhe lança, e longo espaço
Pende do collo amado o doce pezo.
Em tanto de amor cego o regio Moço
Arde, morre, e lhe attrahe, lhe enleva os olhos
A fórma, a nivea côr, e a loira trança,
E o grave adorno, limpido, e sem arte;
A falla o prende, as expressões o encantão,
E o que á vil seducção não he sujeito:

Quan-

Quanto menos esperas, mais desejas,
Mais te affoguêas, sequioso Amante.
Cantára o nuncio da risonha Aurora,
E aos fortes arraiaes os Socios volvem.
Attonito, em paixão Tarquinio ferve,
Gozando na revolta fantasia
A bella imagem de Lucrecia ausente,
E alli tudo o que vio mais lindo observa.
„ Assim (diz entre si) a achei sentada,
„ Era o seu trage assim, e a mão suave
„ O longo, tenue fio assim torcia;
„ Desta arte lhe cahião no alvo collo
„ Aureas madeixas, ao desdem lançadas;
„ Tinha este modo, estas palavras disse,
„ Este o semblante, a graça, a côr, e a boca.
Como se vê no mar, depois que os ventos,
As azas sacudindo, o flagellárão,
Que, já puros os Ceos, inda esbraveja
Co' a rispida impressão do horrendo assalto:
Tal, posto que tão longe a Bella estava,
O incendio, que ateou no Amante, ardia.
Penando, e de paixão desesperado,
Projecta macular com força, e dolo
O Thalamo sagrado, o casto Objecto.
„ O effeito he duvidoso, (eis diz o insano)
„ Porém não se fraqueje, ousemos tudo;
„ Audaces corações protege a Sorte:
„ Os Gabios (1) sujeitei co' atrevimento.

(1) Póvos que Sexto Tarquinio submetteo por huma astucia atrevida.

Cala-se, e já pendura ao lado a espada,
Já de hum rapido bruto opprime as costas.
Corre, e chega a Colacia o Moço ardente,
Quando o Sol mergulhava o carro de oiro.
O Inimigo como hospede nos lares
Do ausente Colatino he logo acceito,
(Que o vinculo do sangue os dois prendia)
A Dama com primor o acolhe, o trata;
Ai que enganada está! Manda que aprompte m,
Sem suspeita do crime, a lauta meza.
Contente do alimento, o somno exiges,
Oh lassa Natureza. Era alta noite,
Na Estancia lume algum não scintillava:
Levanta-se o Traidor, hum ferro empunha,
Vai, manso, e manso, ao thalamo pudico.
Mal que o toca: „ hum punhal comigo trago,
„ Lucrecia, (elle lhe diz) „ eu sou Tarquinio,
„ Sou o filho do Rei. Nada responde,
Nem póde responder Lucrecia absorta:
De assombro, de terror jaz fria, e muda;
Mas, como a lamentavel cordeirinha,
Que no tosco redil desamparado
Entre as garras se vê do lobo infesto,
Ante o fero Amador Lucrecia treme.
Que fará? Contender, lutar com elle?
Ella he debil Mulher, será vencida.
Gritará? Tem na dextra hum ferro o Monstro.
Fugirá! Dura mão lhe aperta o peito,
Não manchado atéli de toque infame.
Insta com rogos o Inimigo amante,

Com

Com premios, e ameaços, mas seus rogos,
Seus premios, e ameaços nada alcanção.
„ Não cedes, inhumana, a meus transportes?
„ Pois (o Barbaro diz) hei de arrancar-te
„ Com este ferro a vida, apregoando
„ Que em adulterio vil c'um torpe Escravo
„ Te colhi: a teu lado o porei morto,
„ E horrenda ficará tua memoria.
A Matrona infeliz, temendo a Fama,
A' furia succumbio do Fementido.
Indigno Vencedor, para que exultas?
Será tua ruina essa victoria:
Ai! Quanto ao solio teu custa huma noite!
Dissipando-se as trevas, apparece
Lucrecia desgrenhada, e qual costuma
Ir lacrimosa Mãi do Filho á pyra.
O Consorte fiel, e o Pai longevo
Chama do Campo: os dois acodem logo,
Vem-lhe o lucto, e do lucto a causa inquirem,
Perguntão-lhe que mal, que dôr a ancêa,
E as honras funeraes a quem consagra?
Ella fica em silencio hum longo espaço,
E no véo luctuoso esconde a face,
Sôltas em fio as lagrimas formosas.
Consolando-a co' a voz, e com o affago,
Daqui lhe roga o Pai, dalli o Esposo
Que falle em fim, que exprima o que padece,
E chorão, temem com pavor incerto.
Tres vezes começou, parou tres vezes,
E á quarta se atreveo a declarar-se,

Mas sem a vista erguer: „ Tarquinio a isto
„ Me' obrigará tambem! (profere a Triste)
„ Eu mesma hei de narrar a injuria minha!
„ Eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me!
Conta o que póde... resta o mais... e chora,
E o pejo lhe affoguêa a face honesta.
O Pai, e Esposo o crime involuntario
Perdoão. „ Perdoais! Eu não. (diz ella)
E aguçado punhal, que traz occulto,
Co'a melindrosa mão no seio embebe.
Cahe aos paternos pés ensanguentada,
E olhando para si, já moribunda,
Para ver se o pudor na queda offende:
Este o cuidado da Infeliz, morrendo.
Eis junto ao corpo amado o Pai, e Esposo,
Deslembrados da gloria, e do decoro,
Jazem carpindo seu commum desastre.
Bruto, que a scena infausta presencêa,
O nome com o espirito desmente,
Do peito semivivo arranca o ferro,
E alli na mão com elle, que distilla
Da Victima formosa o puro sangue,
N'um ar ameaçador taes vozes sólta
Do affoito coração: „ por este honra-lo;
„ Por este varonil, egregio sangue,
„ E por teus Manes, que serão meus Numes;
„ Juro ao feroz Tarquinio hum odio eterno,
„ Juro de o proscrever, e á Próle infame;
„ Seus crimes infernaes serão punidos:
„ Tens, oh Virtude, assaz dissimulado.

Ao

Ao som destes impavidos protestos
Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia:
Meneando a cabeça, approva, e morre.
Sobre funereo leito se colloca
O gentil corpo da Heroina excelsa.
O espectaculo triste expõe-se a todos,
E deve a todos lagrimas, e inveja;
Vai patente a ferida, o denodado
Bruto, vociferando, incita o Povo;
E do Mancebo audaz lhe narra o crime.
Com a Estirpe cruel Tarquinio foge:
Foi aquelle o famoso, ultimo dia,
Em que o duro Oppressor deo leis a Roma.
Cessa o Reinado, os Consules se crião,
E as redeas tomão de annual Governo.

A MARCIA,

Imitação de huns versos de Mr. Parny.

Tu, de meus amorosos pensamentos
Secretaria fiel, tu, que mil vezes
Affagas, adormeces os desgostos,
De que semêa Amor meus tristes dias;
Oh lyra, em que estes dedos preguiçosos
Gerão sem arte a languida harmonia,
Effeito da ternura, e da saudade,

Ho-

Hoje teus sons patheticos se apurem
Da Amizade leal no casto Seio.
Candida amiga (1) do extremoso Elmano,
Minha Marcia gentil, se eu a teu lado
Te entretenho os ouvidos, e te influo
Por elles no formoso, eburneo peito
O encanto da suave melodia,
A maga sensação das almas bellas;
Se te aprazem meus versos innocentes;
Se teus olhos brilhantes como os Astros
Volves benignamente ao grato amigo,
* Que extremas perfeições, de que és tão rica,
* Que o virgineo candor te não profana
* Com torpes, sequiosos pensamentos,
* E, nos dons da tua alma embellezado,
* Como se ama no Ceo, no Mundo te ama;
Se a teus mimosos labios, quando as Musas
Nas ternas afflicções vem consolallo,
Sorriso approvador merece Elmano;
Se no molle regaço deleitoso
Acolhes do teu Vate a doce lyra,
Quando os sons lhe falsêa a mão dormente:
Que tenho com os mais, que tem comigo?
Que me importão, querida, a voz da Fama,
* As criticas do Sabio, as invectivas
* Dos Zoilos vis, dos Bavios de Ulyssea,
* Gralhas, que entre pavões se não confundem,
In-

(1) Esta palavra deve entender-se em sentido honroso, como no original.

* Inda que astutas, illudindo os Nescios,
* Vestem pomposas, fulgurantes plumas?
Ou que me importa o público juizo?
Amante, e não author, desdenho, oh Marcia,
Huma inquieta gloria, hum arduo nome;
Nada sou: minha Musa, ás vezes leda,
Leda, ou antes cançada de carpir-se,
Cuida sómente em adoçar meus males,
Os seculos por vir, e o seu não teme.
Pungidos de fantastica vaidade,
Outros lidem, padeção, velem, suem,
Matem-se, por viver além da morte;
Que eu não quero comprar, como elles comprão,
Imaginarios bens por males certos.
Fagueira, linda Marcia, quando o Fado
Vier co'a negra mão tocar meu rosto,
Sumir-me para sempre a luz do dia,
Quando teus braços melindrosos derem
Suave encosto á languida cabeça
Do descorado, moribundo Amigo,
E os froxos olhos seus, metade abertos,
Turvo clarão vital forem perdendo;
Quando em fim minhas mãos em vão tentarem
Secar teus prantos, serenar teus olhos,
Fitos no leito da benigna Morte,
E, á boca o solto espirito acodindo,
Colher nessa, que adoro, o derradeiro
Osculo teu, dulcissimo, e piedoso,
Não, não permittas que funerea pompa
Me alumie a serena escuridade,

Nem

Nem que, por mãos venaes alvoroçado
O bronze atroador, publique a todos
Que mais hum dos Mortaes volveo á terra.
No meu asylo incognito, e seguro
Vivendo para os outros indiffrente,
Sobre as minhas acções hum véo lhe corto.
Qual fui na vida, quero ser na morte,
Com tanto que a fiel, a affavel Marcia
Dê honra ás cinzas do amoroso Elmano
Com suspiros, com lagrimas, e habitem
Memorias minhas na memoria della.
Tu, dos cuidados meus primeiro objecto,
Anália desleal, encantadora,
Que do vario Martinio te cegaste,
Ouvindo que morri, talvez que folgues.
Depois que a Morte amiga houver talhado
De meus dias fataes a debil têa,
Depois que mudo, e fúnebre jazigo
Meus males encerrar, e os meus extremos,
Ide, Amores gentis, onde verdeja
A amena, salutifera Colares,
De mil benignos zefyros lavada,
E ante a falsa, que adoro, alli pousando,
Dizei lhe: „ exulta, ingrata, Elmano he morto,
„ Mas o Ceo tem poder, justiça, e raios,
„ O Ceo castigará teu vil perjurio,
„ O Ceo... não, summo Jove, eu lhe perdôo,
Eu perdôo ao meu bem, não, não me vingues,
Antes aos puros, luminosos dias,
De que ella goza em paz, antes, oh Nume,

Une

Une os dias de gosto, e de ventura,
Que eu desfructára, se a cruel não fosse.

A DESCRIPÇÃO DO DILUVIO,

POR GESSNER.

AS Torres de estranhissima grandeza
Estavão pelas agoas já cobertas,
E a triste, malfadada Humanidade
Já não tinha outro asylo, outra guarida
Mais que o cimo de hum monte alcantilado,
Que ainda além das ondas assomava.
Soar em torno delle os ais se ouvião
Dos miseros Mortaes, que em vão lidavão
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se
Da insaciavel Morte, que, enrolada
Na espumosa torrente, os perseguia.
Eis que desaba em parte a grão montanha,
Eis que a rôta porção no mar se abysma,
E na queda fatal comsigo abate
Quantos ao vão refugio se acolhêrão.
O Filho cahe dalli precipitado,
Lançando pias mãos ao Pai caduco;
Das maviosas Mãis no seio amigo
Tenros Meninos suffocados morrem;
Pavoroso motim retumba ao longe

Dos

Dos Homens, e dos Brutos, que perecem
Juntos no horrivel bárathro dos mares.
Já não restava então mais do que hum pico
Altissimo da serra ainda illeso
Do estrago universal. Fanor, mancebo,
* Heróe no coração, Pastor no officio,
Para alli conduzíra a doce Amante,
Semira d'entre as ondas arrancára,
E, a pezar do furor das vagas todas,
O triunfante Amor, Amor piedoso
A Donzella infeliz salvou da Morte.
Tinhão nascido os dois nos ferteis campos,
Que banha o longo, celebrado Eufrátes.
Fanor, entre os que alli se distinguião,
Era o mais abastado, o mais amavel;
Semira a mais gentil, mais virtuosa
Das suas companheiras: os desejos
Tu hias, Hymenêo, satisfazer-lhes,
E o dia de vingança, o dia horrendo,
Em que Deos castigar determinára
Do Mundo os negros, os nefandos crimes,
Era o mesmo, em que havião de ligar-se
N'um laço deleitoso os dois Amantes.
Jazia tudo o mais no bôjo immenso,
Nos abysmos do mar: Fanor, Semira
Sós ao geral naufragio sobrevivem.
Em montes a seus pés as vagas mugem,
Por cima das attonitas cabeças
Lhes rebomba o trovão, reina-lhes em roda
Pezada escuridão, cujos horrores

O

O clarão dos relampagos não rasga
Senão para offrecer-lhes aos olhos tristes
O medonho espectaculo dos mortos,
O miseravel tumulo da Terra.
Estreitava Semira o terno Amante
Ao peito esmorecido, e melindroso;
Junto a seu coração, trémula, e fraca,
Ella o quer, ella o tem, e assim modera
O terror, em que a põe seus duros Fados.
„ Meu querido Fanor, (lhe diz Semira)
„ Já não ha para nós nenhum refugio,
„ He forçoso morrer, já, já nos cerca
„ A vingança dos Ceos por toda a parte.
„ Não ouves o fragor, não vês as serras
„ Do tormentoso mar! Não vês, não ouves
„ Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!
„ Já não ha para nós nenhum refugio,
„ He forçoso morrer... oh Morte! Oh Morte!
„ Eras tu quem devia unir-nos hoje?...
„ Oh meu Deos! Meu Juiz! Ei-la bramindo...
„ Ei-la que se arremessa a devorar-nos...
„ Ai! Como se revolve em cada vaga!...
„ Sustenta me, Fanor... entre os teus braços...
„ As ondas... me arrebatão... me arrebatão...
„ Sustenta-me, querido... eu caio... eu morro...
Ditas estas palavras, cerra os olhos,
Congela-se-lhe a voz, e cahe sem forças
Entre os braços do Amante. Elle, sem tino,
Já não vê serpear o ethereo fogo,
As ondas já não vê fervendo em serras,

Não

Não vê mais que Semira entregue á Morte.
A lassa robustez no mesmo instante
A Desesperação, e Amor lhe innovão:
Em seus braços aperta a doce Amada,
D'entre as ondas a arranca, e de mil beijos
Cobre as macias, delicadas faces,
Co' a triste pallidez inda formosas,
E frias, e alagadas dos chuveiros.
,, Semira, (elle lhe diz) meu bem, desperta,
,, Esta scena de horror contempla ainda,
,, Volve ainda huma vez a mim teus olhos,
,, Dize ainda huma vez que has de, oh querida,
,, Amar-me até morrer, dize-o, repete-o,
,, Antes que as bravas ondas nos engulão.
Diz: ella torna em si, lança-lhe os olhos,
Cobertos de agonia, e de ternura;
Sobre a destruição depois os firma:
,, Oh meu Deos! Meu Juiz! (exclama a Triste)
,, Já não ha para nós, não ha piedade?
,, Ai! Com que furia as ondas vem rolando!
,, Que horrorosos trovões!... Oh Deos eterno!
,, Meu Pai! Meu Creador! Não te commoves!
,, Não deixas abrandar vinganças tuas!
,, Ah! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,
,, Os annos de Fanor, e os de Semira
,, Hião correndo envoltos na innocencia.
,, Oh tu, claro exemplar de mil virtudes,
,, Tu, dos filhos dos Homens o mais justo,
,, Como em fim mereceste... ai desgraçada!
,, Eu vi, vi perecer todos aquelles;

,, Que

„ Que fazião tão doces os meus dias;
„ Eu te vi perecer, meu Pai, (que angustia!)
„ (Que amargosa lembrança!) Eu te apertava
„ Em meus convulsos braços, tu erguias
„ Para a filha os pezados, ternos olhos,
„ E para abençoalla as mãos piedosas,
„ Quando as terriveis ondas te sorvêrão.
„ O que era para mim de mais estima
„ Me foi roubado, oh Ceos! Porém, com tudo,
„ Nos abysmos, Fanor, sumida a Terra,
„ Presentára a meus olhos as delicias,
„ As graças do terrestre Paraiso,
„ Se o Ceo me concedêra o possuir-te...
„ Oh Deos! Oh summo Deos! Não ha clemencia!
„ Nossa vida innocente nos não vale!
„ Não poderá vencer... mas, cega! Aonde
„ Me leva, me arrebata a minha angustia!
„ Perdôa, oh meu Juiz, meu Deos, perdôa;
„ Estas murmurações expie a Morte.
„ Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,
„ Quanto a mesma innocencia he criminosa!
Fanor aqui susteve a gentil Moça,
Que ao repelão do vento hia cahindo,
E sustendo-a, lhe diz: „ sim, oh Semira,
„ Nosso final momento está chegado;
„ As ledas, as suaves esperanças
„ De hum reciproco amor se esvaecêrão:
„ Eis o termo fatal dos nossos dias;
„ Porém não acabemos como os Impios.
„ He forçoso morrer, mas, doce Amada,

„ Além

„ Além desta mortal vida penosa
„ Vive a gloria, o prazer, a Eternidade.
„ Remontem-se, querida, as almas nossas
„ Ao Deos seu Creador; longe os terrores:
„ Nós vamos exultar, e agasalhar-nos
„ No seio paternal do Omnipotente;
„ Abraça-me, e esperemos nossos Fados.
„ Do centro deste horror, Semira, em breve
„ Nossos livres espiritos, voando
„ Engolfados n'um jubilo sem termo,
„ Se irão sumindo pelo Ceo brilhante.
„ Oh Deos! Oh grande Deos! Esta esperança
„ Em nossos corações nutrir ousâmos.
„ Elevemos, Semira, eia, elevemos
„ Enfraquecidas mãos ao Nume eterno.
„ Cabe em frageis, erradas Creaturas
„ Dos juizos de hum Deos tentar o abysmo?
„ Aquelle, que nos deo c'hum sopro a vida,
„ Que póde quanto quer, prepara, e manda
„ A morte ao Criminoso, a morte ao Justo.
„ Venturoso ó Mortal, feliz quem sempre
„ Da virtude trilhou, seguio a estrada!
„ A vida já, meu Deos, te não pedimos,
„ Execute-se em nós tua Justiça;
„ Mas acende, affervora esta esperança
„ De hum Bem, de hum alto Bem, summo, ineffavel,
„ Vedado á turbação, e horror da Morte.
„ Brama então sobre nós, Trovão medonho,
„ Devorai-nos então, sanhudos Mares.
„ O santo, o justo Deos seja exaltado,

„ E

„ E ultimo sentimento, ultima idéa
„ De nossos corações, de nossas almas
„ Seja seu nome, sua Gloria seja.
O júbilo, e valor asserenárão
O rosto de Semira, e no seu rosto
Os lumes immortaes da Divindade
Como que já luzião. „ Sim, (diz ella,
Alçando para os Ceos as mãos mimosas)
„ Eu te sinto, dulcissima esperança,
„ Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,
„ Lagrimas de alegria, até que a Morte
„ Com a gélida mão venha cerrar-vos;
„ Huma gloria sém fim por nós espera.
„ Vós, Parentes, vós, Pais, delicias nossas,
„ Arrancados nos fostes, mas em breve
„ Nos vamos novamente unir comvosco.
„ Dos Justos, oh meu Deos, está cercado
„ Lá no cume dos Ceos teu Throno augusto:
„ Tu de todas as partes do Universo
„ Os congregas, Senhor. Fervei, oh Raios,
„ Inchai-vos, Escarcéos, brami, oh Ventos:
„ Vós sois, vós todos sois da inevitavel
„ Justiça eterna os canticos, e os orgãos
„ Abraça-me, querido . . . olha . . . esta vaga
„ Espumosa, e feroz . . . nos traz a morte . . .
„ Abraça-me, Fanor . . . não me abandones . . .
„ Ai! ... Já me erguem ... as ondas... já me absorvem.
„ Semira, (diz Fanor) eu não te deixo,
„ Eu te abraço, meu bem. Tu vens, oh Morte,
„ Tu vens, em fim cumprir nossos desejos . . .

„ Gra-

„ Graças . . . mil graças á Justiça eterna . . .
Assim fallárão, e em abraço estreito,
Tragados pelas ondas, perecêrão.

AS FORJAS DE LEMNOS,

CANTATA DE ROUSSEAU O POETA,

Traduzida livremente.

NA famosa caverna, onde Vulcano
Forja, e tempera do Tonante as armas,
Venus pedia aos horridos Artistas
Recheassem de lucidos virotes
O doirado carcaz do Filho astuto:
As Graças, os Prazeres
Lhe prestavão seus dons, e seus encantos.
O carrancudo Esposo
Junto á fragoa immortal, crestado, e cheio
Das saltantes faiscas,
* As mãos do ferro, e fumo enxovalhadas,
* Nas faces crespas o suor em fio,
Dest' arte affervorava
Co' a voz, e exemplo os Cyclopes membrudos:

„ Eia,

„ Eia, socios, trabalhemos;
„ Obedeça-se ao que manda
„ Venus bella, doce, e branda,
„ Mãi das Graças, e de Amor.

„ Folles tumidos soprando,
„ Mais, e mais o fogo atêem,
„ Labaredas nos rodêem
„ Com terrifico fragor:

„ Rubro o ferro, espume, e ferva,
„ Lide a mão com força enorme,
„ Settas, farpas, dardos forme,
„ E, brandindo a cada instante,
„ Na bigorna resonante
„ Caia o malho atroador.

„ Eia, socios, trabalhemos,
„ Obedeça-se ao que manda
„ Venus bella, doce, e branda,
„ Mãi das Graças, e de Amor.

Instigado por elle, assim Vulcano
A' voluvel consorte
Obrava contra si terriveis armas,
Quando o Numen da Guerra, inda horroroso
Das mostras de recente mortandade,
Entra, os olhos em braza, as mãos sanguentas,
E „ que fazeis, (exclama)
„ Filho de Juno, Artifices do raio?

„ Para entreter Meninos ociosos
„ Ante a forja voraz estais suando!
„ Por isso, por tão pouco, e tanto á pressa
„ Esta Caverna horrísona rebomba!

„ Que trabalho vergonhoso!
„ Eia, em cinzas transtornai-o;
„ Ou deixai tão futil brinco,
„ Ou não mais forjeis o raio.

Mas em quanto vozêa, em quanto affronta
O affadigado Irmão, e os duros Brontes,
Eis farpa vingadora o pune, o fere.
Que repentino ardor lhe inflamma o sangue!
Que pejo, que rubor lhe accende as faces!
Quer fallar, mas a voz nos labios morre,
Dirige a vista ao Ceo, turba-se, e geme;
Céde, em fim, perde a côr, o orgulho, as forças,
E seus olhos confusos, vagos, frôxos;
Já prezos por Amor, já namorados,
* Parão no seio da benigna Venus;
* Revendo-se depois no rosto amado,
* Terno sorriso o coração lhe acolhe.

Vós, que domais a Terra,
Despi audaz furor,
Sabei que o Deos da Guerra
Só he o Deos de amor.

Não

Não lhe aggraveis a gloria,
Tremei de o irritar:
He dares-lhe a victoria
Querer-lha disputar.

Os asteriscos indicão os lugares, em que me affastei do Author.

TRADUCÇÃO

DO I.° LIVRO DAS METAMORFOSES,

OU

TRANSFORMAÇÕES DE OVIDIO

Desde o principio até á nova formação de todos os animaes depois do Diluvio.

Entre ferros cantei, desfeito em pranto:
Valha a desculpa, se não vale o canto.

O Traductor.

ARGUMENTO.

O Cáos se reparte em quatro Elementos. Zonas, Ventos, Creação dos Brutos, e do Homem.

 Se-

Seguem-se as quatro Idades do Mundo. Nascem Homens do sangue dos Gigantes. Lycaon he transformado em Lobo. O Diluvio converte tudo em agoa. As pedras se mudão em Gente. Os Brutos renascem da Terra.

ANtes do Mar, da Terra, e Ceo, que os cobre,
Não tinha mais que hum rosto a Natureza:
Este era o Cáos, Massa indigesta, rude,
E consistente só n'um pezo inerte.
Das cousas não bem juntas as discordes,
Priscas sementes em montão jazião;
O Sol não dava claridade ao Mundo,
Nem crescendo outra vez se reparavão
As pontas de marfim da nova Lua.
Não pendias, oh Terra, d'entre os ares,
Na gravidade tua equilibrada,
Nem pelas grandes margens Anfitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar, e Pélago, e Terra estavão mistos:
As agoas erão pois innavegaveis,
Os ares negros, movediça a Terra.
Fórma nenhuma em nenhum corpo havia,
E nelles huma cousa a outra obstava,
Que em cada qual dos Embriões enormes
Pugnavão frio, e quente, humido, e seco,
Molle, e duro, o que he leve, e o que he pezado.
Hum Deos, outra mais alta Natureza

A'

A' continua discordia em fim põe termo,
A Terra extrahe dos Ceos, o Mar da Terra,
E ao ar fluido, e raro abstrahe o espêsso.
Depois que a Mão Divina arranca tudo
Do enredado montão, e o desenvolve,
Em lugares diversos, que lhe assina,
Liga com mutua paz os corpos todos.
Súbito ao cume do convexo Espaço
O fogo se remonta ardente, e leve;
A elle no lugar, na ligeireza
Proximo fica o ar; mais densa que ambos
A Terra puxa os Elementos vastos,
Da propria gravidade he comprimida.
O salitroso Humor circumfluente
A possue, a rodêa, a lambe, e aperta.
Assim depois que o Deos (qualquer que fosse)
O grão Corpo dispôz, quiz dividillo,
E membros lhe ordenou. Para que a Terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compôz na fórma de orbe.
Ao Mar então mandou que se esparzisse,
Que ao sopro inchasse dos forçosos Ventos,
E orgulhoso abrangesse as loiras praias;
A' Mole orbicular deo fontes, lagos,
Rios cingindo com obliquas margens,
Os quaes, em parte absortos pelas terras
Varias, que vão regando, ao Mar em parte
Chegão, e recebidos lá no espaço
De agoas mais livres, e extensão mais ampla,
Em vez das margens assaltêão praias.

O universal Factor tambem dissera:
Descei, oh valles, estendei-vos, campos,
Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas.
Como o Ceo repartido á dextra parte
Tem duas Zonas, á sinistra duas,
E huma no centro mais fogosa, que ellas,
Assim do Deos o próvido cuidado
Pôz iguaes divisões no terreo Globo,
Elle he composto de outras tantas Plagas:
Aquella, que das mais está no meio,
Em calores inhóspitos se abraza;
Alta neve enregela, e cobre duas;
Outras duas, porém, que entre ellas ambas
O Numen situou, são moderadas,
Misto o frio, e calor. Fica eminente
A estas o ar, que assim como he mais leve
O pezo d'agoa, que da terra o pezo,
Tanto mais pezo coube ao ar, que ao fogo.
Deos ordenou que as nevoas, e que as nuvens
Errassem no inconstante, aéreo seio,
Que os Ventos o habitassem, productores
Dos penetrantes Frios, que estremecem,
E os Raios, os Trovões, que o Mundo aterráo;
Mas o supremo Author não deo aos ares
Arbitrario poder aos duros Ventos:
Bem que rebentem de encontrados Climas,
Resistir-se-lhes póde á furia apenas,
Vedar que em turbilhões lacere o Mundo:
Tanta he entre os Irmãos a desavença!
Euro foi sibilar ao Ceo da Aurora,

Aos

Aos Reinos Nabatheos, á Persia, aos cumes,
Que o raio da manhá primeiro alcança.
O Véspero, essas Plagas, que se amornáo
Com Febo occidental, estáo vizinhas
Ao Zéfyro amoroso; o fero Bóreas
Da Scythia féra, e dos Trióes se apossa;
As Regióes oppostas humedece
Austro chuvoso com assiduas nuvens.
O Numen sobrepôz aos Elementos
O liquido, e sem pezo Ether brilhante,
Que das terrenas fezes nada envolve.
Logo que tudo com limites certos
Foi pela eterna Dextra sinalado,
As Estrellas, que oppressas, que abafadas
Houve em si longamente a Massa escura,
A arder por todo o Céo principiáráo;
E porque náo ficásse do Universo
Alguma Regiáo deshabitada,
Astros, e Deoses tem o ethereo Assento,
O Mar aos peixes nitidos he dado,
Aves ao Ar, Quadrupedes á Terra.
A estes Animaes faltava hum Ente
Dotado de mais alta intelligencia,
Ente que a todos legislar podesse:
Eis o Homem nasce, e ou tu, suprema Origem
De melhor Natureza, e quanto ha nella,
Ou tu, pasmoso Artifice, o formaste
Pura extracçáo de divinal semente,
Ou a Terra inda nova, inda de fresco
Separada dos Ceos, lhes tinha o germe.

Com

Com agoas fluviaes embrandecida,
Della o Filho de Jápeto (1) afeiçôa,
Organiza porções, e as assemelha
Aos Entes immortaes, que regem tudo.
As outras Creaturas debruçadas
Olhando a terra estão, porém ao Homem
O Factor conferio sublime rosto,
Erguido, para o Ceo lhe deo que olhasse
A Terra, pois, tão rude, e informe dantes,
Presentou, finalmente, assim mudada,
As humanas, incognitas figuras.
Foi a primeira Idade a Idade de oiro.
Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma. (2)
Culto á fé, e á justiça então se dava,
Ignoravão-se então castigo, e medo;
Ameaços terriveis se não lião
No bronze abertos, súpplice Caterva
A' face do Juiz não palpitava:
Todos vivião sem Juiz, sem damno.
Inda nos patrios montes decepado
A's ondas não baixava o Pinho ingente,
Para depois ir ver hum Mundo estranho:
De mais clima que o seu ninguem sabia,
Fossos ainda não cingião muros,
As tubas, os clarins não resoavão,
Nem armas, nem Exercitos havia:
Sem elles os Mortaes de paz segura
Em ocios innocentes se gozavão.
O ferro sulcador não a rompia,
E dava tudo a voluntaria Terra.

Con-

Contente do que brota sem cultura,
Colhia a Gente o montanhez morango,
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,
A's durás silvas as amoras prezas,
E as lisas producções de tenue casca,
Que da Arvore de Jupiter (3) cahião.
Erão todas as Quadras Primavera,
Mansos Favonios com subtil bafejo,
Com tepidos suspiros amimavão
As flores, que sem germe então nascião.
Vião-se enloirecer, vingar as messes
Nos campos nem roçados de adubio,
Em rios ir correndo o leite, o nectar,
E da verde azinheira estar cahindo
O flavo mel em pegajosas gotas.
Depois que foi Saturno exterminado
Ao Tártaro, e ficou a Jove o Mundo,
Veio outra Idade, se inferior á de oiro,
Superior á de cobre, a Idade argêntea.
Jove contrahe a Primavera antiga,
Verões, Invernos, desiguaes Outonos,
Curta, e branda estação, que anime as flores,
O anno repartem, variando os tempos.
O ar então começou a escandecer-se,
E ao som dos ventos a enrijar-se a neve;
Os Humanos então principiárão
A demandar guaridas, a ter lares:
Grutas, choupanas os seus lares forão.
Pela primeira vez o grão de Céres
Se esparzio, se escondeo nos longos sulcos,

„ E

E opprimidos do jugo os Bois gemêrão.
A's duas succedeste, ahenea Prole,
De genio mais feroz, mais prompto á guerra,
Mas não impio. Eis a ultima, a de ferro.
Todo o horror, todo o mal rebentão della.
Súbito fogem Fé, Pudor, Verdade,
Occupão-lhe o lugar Mentira, Astucia,
A insultuosa Força, a vil Perfidia,
Da posse, e do poder o amor infando.
Velas o Navegante aos ventos solta,
Aos ventos inda bem não conhecidos;
Longamente nas serras arraigado,
O lenho já commette ignoras vagas;
A Terra, que atéli de todos fora,
Como os ares, e o Sol, por cauto Dono (4)
Já se abalisa com limite extenso.
Não se lhe pedem só devidos fructos,
Uteis searas, vai-se-lhe ás entranhas,
Cavão-lhe o que sumio na estygia sombra,
Cavão riquezas, incentivo a males.
Já se desencantára o ferro infenso,
E o oiro inda peior: eis surge a Guerra,
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,
Vibrando as armas na sanguinea dextra.
Fervem os roubos: o Hospede seguro
Do Hospede não está, do Genro o Sogro,
A concordia entre Irmãos tambem he rara.
Tentão morte reciproca os Esposos,
As Madrastas crucis dispõe venenos,
Conta os dias paternos Filho avaro;

Jaz

Jaz vencida a Piedade, e sahe do Mundo,
Do Mundo ensanguentado a pura Astréa
Depois que os outros Deoses o abandonão.
Para não ser mais livre o Ceo, que a Terra,
He fama que Gigantes o assaltárão, (5)
A ethérea Monarquia ambicionando,
Pondo até ás Estrellas Monte em Monte.
O Padre omnipotente, o summo Jove
Nisto com raios esbroando o Olympo,
Partindo o Pelio sotoposto ao Ossa,
Sobre o Tropel sacrilego os derruba.
Esmagados co' pezo os feros Corpos,
Diz-se que a Terra, a Mái, no muito sangue
Dos Filhos ensopada, o fez vivente,
Homens delle creou, porque a memoria
Da Progenie feroz permanecesse.
A nova Geração tambem foi dura,
Dos Numes foi tambem desprezadora,
Amiga da violencia, e da matança,
Denotando que o sangue o ser lhe dera.
Saturnio vio dos Ceos estas maldades,
Gemeo, e recordando hum impio caso,
Inda não divulgado, inda recente,
O atroz festim da Lycaonia meza,
Iras concebe o Deos dignas de Jove,
E o Conselho immortal convoca á pressa,
Que á pressa congregado accede ao mando.
Ha nos Ceos hum caminho alto; e patente,
(A nimia candidez o faz notavel)
Lácteo se chama, vão por elle os Numes, \

Os

Os graves Cortezãos do grão Tonante
A' Morada real. D'hum lado, e d'outro
Dos Deoses principaes os Lares brilhão,
Abertas as fulgentes, grandes portas.
Deoses menores outro espaço habitão,
E os potentes Celicolas supremos
A' frente os seus Penates (6) collocárão.
Este, a caber na voz audacia tanta,
O Palacio dos Ceos appellidára. (7)
Em marmoreo Salão juntos os Deoses,
Todos depois de Jupiter se assentão,
Que em lugar sobranceiro, e sobreposta
A fulminante mão no ebumeo sceptro,
Por tres, e quatro vezes meneando
Espantosas melenas, com que abala
A Terra, o Mar, e os Ceos, taes vozes sôlta
Com fera indignação: „ maior cuidado
„ O Mundo me não deo naquella Idade,
„ Em que a Turba de anguipedes Gigantes
„ Queria o Ceo romper com braços cento,
„ Que ainda que era multidão terrivel,
„ Hoste feroz, com tudo de hum só Corpo, (8)
„ E de huma origem só pendia a guerra.
„ Eis-me n'um tempo agora, em que he forçoso
„ Fazer tremenda, universal justiça,
„ Perder a humana Estirpe em tudo, em tudo,
„ Quanto abraça Nerêo circumsonante.
„ Subterraneas, tristissimas Correntes,
„ Correntes, que lambeis o estygio Bosque,
„ Até juro por vós que ao mal infando

„ Mil

„ Mil remedios em vão tentei primeiro;
„ Mas incuravel chaga exige o ferro,
„ Cortada cumpre ser, porque não lavre,
„ Porque não fique o são tambem corrupto.
„ Ha, porém, Semideoses entre os Homens,
„ Campestres Numes ha, Faunos, e Ninfas,
„ Sátyros, e os monticolas Silvanos:
„ Todos são attendiveis, todos nossos.
„ Se inda honrallos no Ceo não nos aprouve,
„ Nas dadas Terras he dever que habitem.
„ Mas podereis pensar que estão seguros,
„ Oh Deoses, quando a mim, que empunho o raio,
„ A mim, que vos dou leis, tramou ciladas
„ Lycaôn, o afamado em tyrannia? „
Nesta interrogação freme o Congresso:
Querem todos o Réo da enorme audacia,
Em vinganças fervendo o pedem todos.
Assim quando ímpia mão queria extincto
De Roma o nome no Cesáreo sangue, (9)
Pelo terror da súbita ruina
Attonita ficou a Especie humana,
Todo o Mundo tremeo de horrorisado.
Augusto, então dos teus não menos grata
A ternura te foi, que a Jove aquella.
Depois que ao grão susurro impôz silencio
Co'a mão, e a voz, emmudecêrão todos.
Suffocado o furor no acatamento,
O Monarca dos Ceos assim prosegue:
„ Cuidado vos não dê a acção nefanda,
„ O sacrilego Author já foi punido:

Di-

,, Direi primeiro o crime, e logo a pena.
,, Do corrompido Seculo as infamias
,, Subírão-me á noticia: desejoso
,, De achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,
,, E a Terra descorri com face humana.
,, Relevára occupar moroso espaço
,, Na feia narração do que hei sabido,
,, De horrores que encontrei por toda a parte:
,, Era a verdade em fim maior, que a fama.
,, Passado havendo o Ménalo abundoso
,, De horrorosos covis, que alojão feras,
,, O Cylenio de rochas carregado,
,, E o frígido Lycêo, que os pinhos croão,
,, Do Arcadico Tyranno os Lares busco,
,, Entro os Paços inhospitos, já quando
,, Negrejava o crepusculo da Noite.
,, Dou mostras de que hum Deos era chegado,
,, E votos pios me dirige o Povo.
,, Das preces Lycaon se ri primeiro,
,, Depois diz: ,, saberei com prova inteira,
,, Se he Deos, ou se he Mortal. ,, Dispõe matar-me,
,, Quando os olhos tiver de somno oppressos:
,, Da verdade lhe agrada esta expriencia.
,, E inda não pago disto, a espada infame
,, Vibra contra a cerviz de hum desgraçado,
,, Que dos Molossos em refens houvera.
,, Aos semivivos, palpitantes membros
,, Parte amollecem as ferventes agoas,
,, As sotopostas brazas torrão parte.
,, Já nas mezas se impõe, mas de repente

,, Co'

„ Co'a dextra vingadora o raio agito,
„ Sobre o cruel Senhor derrubo os tectos,
„ Os tectos, e os Penates, dignos delle.
„ Para o silencio agreste, agrestes sombras
„ Foge rapidamente, espavorido,
„ E querendo fallar, uiva o perverso:
„ Colhem do coração braveza os dentes,
„ Co' matador costume os volve aos gados:
„ Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.
„ A veste em pêlo, as mãos em pés se mudão,
„ He lobo, e do que foi sinaes conserva:
„ As mesmas cans, a mesma catadura,
„ E os mesmos olhos a luzir de raiva.
„ Já huma habitação cahio por terra,
„ Mas digna de cahir não he só huma.
„ Erinnys senhorêa o Mundo todo:
„ Parece que os Humanos protestárão
„ Não ter mais exercicio, que o do crime.
„ A pena, que merecem, todos sintão;
„ Está dada a sentença. E fica mudo,
O Decreto de Jove alguns approvão,
E á ira horrenda estimulos aggregão,
Outros lhe prestão simplesmente assenso.
Dóe a todos, porém, o immenso estrago,
Da triste Humanidade o fim lhes custa:
Perguntão qual será da Terra a face,
Qual fórma a sua, dos Mortaes vazia?
Quem ha de ás Aras ministrar o incenso?
Será talvez o Mundo entregue ás feras?
O que dos Homens foi, será dos brutos?

Des-

SENHOR

JOSÉ ALVARES

DEDICATORIA.

Nobre.

EPI-

A torrente voraz lhe cobre os tectos;
Tremendo as Torres, ameação queda, (*)
Rôtas, cavadas pelo embate undoso.
Já se confunde o Pelago co'a Terra,
Já tudo he Mar, ao Mar já faltão praias.
Qual sobe, resfolgando, alpestre oiteiro,
Qual vaguêa medroso em curvo barco,
E onde lavrárão bois, trabalhão remos.
Sobre as perdidas, affogadas messes
Vai navegando aquelle, ou sobre o cimo
Das submersas Aldêas, este encontra
Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo.
Ferrão-se acaso as ancoras ganchosas
Nos murchos prados, que viçosos forão:
De Baccho a planta, ás ondas sotoposta,
Jaz mordida tambem dos ferreos dentes;
Na relva, que os rebanhos tosquiárão,
Pousa do equoreo Vate o gado informe; (10)
Assombrão-se ás Nereidas de avistarem
Debaixo d'agoa bosques, edificios:
Por entre as selvas os delfins voltêão,
Co'as negras trombas pelos troncos batem,
E o carvalho a vergar no encontro empúrrão.
O lobo vai nadando entre as ovelhas,
Em meio da torrente impetuosa
Boião fulvos leões, manchados tigres.
Não vale aos javalis a força enorme,

A

(*) Edições vulgares trazem: latent sub gurgite turres; edições correctas = labant. =

A summa rapidez não vale aos cervos.
Buscada longamente, e em vão buscada
Pelas aereas aves sendo a Terra,
Onde repousem do continuo vôo,
Canção-se em fim, despenhão-se nas agoas.
Eis em soberbos torreões de espuma
Tenta o Pego arrogante as arduas serras:
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos
As ondas, que jámais alli fervêrão.
Assaltando os miserrimos viventes
No vão refugio, quasi tudo absorvem,
E aquelles, que da furia se lhe esquivão,
Em comprido jejum ralados morrem.
A Fócida, que os Acticos separa
Dos affamados campos da Beocia;
E Terra pingue foi, quando foi Terra,
He já d'agoas envoltas lago immenso.
Alli de cumes dois Montanha ingente,
Tendo a ramosa fronte além das nuvens,
E arremetendo aos Ceos, se diz Parnaso.
Nella Deucaliôn, (porque dos Mares
Jazia tudo o mais em fim coberto)
Nella Deucaliôn tinha aportado
Em pequeno baixel co' a terna Esposa,
Forçados pelos impetos das agoas.
Desembarcando os dois, offrecem logo
Interno culto aos Numes da Montanha,
A's Nynfas de Corycio, a Themis sacra,
De quem alli o Oraculo se ouvia.
Nenhum dos Homens excedêra aquelle

No amor ao justo, no temor aos Deoses!
Luzião na Consorte iguaes virtudes.
Jove, que o Mundo vê todo inundado,
Vivos de tantos mil só hum, só huma,
Ambos tão pios, tão amaveis ambos,
C'os soltos Aquilões sacode as nuvens,
As pezadas carrancas dos chuveiros,
E a Terra mostra aos Ceos, e os Ceos á Terra.
Nem do Pelago a furia permanece:
Co' ferro de tres pontas, mal que o toca,
As ondas lhe amacia o Deos das ondas,
E chamando Tritão, que levantado
Sobre a agoa está, (cobertos de brilhante
Purpura natural seus rijos hombros)
O buzio roncador lhe diz que assopre,
Que no usado sinal ordene aos Rios,
E ao transbordado Mar que retrocedão.
Da sonorosa, e concava buzina
Lança mão de repente o grão Mancebo,
Da buzina, que em circulos, em roscas
Da ponta para cima se dilata;
Que tanto que no seio acolhe os ares
D'hum, e d'outro Hemisferio atrôa as praias.
Eis aos labios a concha o Deos applica
Por entre negras barbas orvalhosas,
Inchão-lhe as faces ao robusto assôpro, (11)
Toca, e Rios, e Mar, que o som lhe escutão,
Súbito a seu pezar vem recuando.
Este já praias tem, tem leito aquelles,
E murmurão pacificos, e tardos: (12)

Os

Os oiteiros assomão, surge a Terra,
Os campos crescem, decrescendo as ondas.
Depois de longo espaço os arvoredos,
Os arvoredos nús se vão mostrando:
Dos despojados troncos pendem limos.
Em fim renasce o Mundo, e vendo o triste,
O bom Deucaliôn vasia a Terra,
E alto silencio derramado em tudo,
A Pyrrha diz chorando: „ oh doce Esposa,
„ Oh tu, que és só, que és unica de tantas
„ Habitantes do Mundo, e que ligada
„ Pelo amor, pelo sangue (13) estás comigo,
„ Agora ainda mais pelo infortunio!
„ Do Nascente ao Poente, em toda a Terra
„ Só habitamos nós, só nós vivemos:
„ Tudo o mais pelas ondas foi tragado,
„ E cuido que não tens inda segura
„ Tua existencia tu, nem eu a minha:
„ Estas nuvens, que observo, inda me atterrão.
„ Ah triste! Que farias, se arrancada
„ Ao Fado universal sem mim te visses!
„ Onde, fria de susto, onde leváras
„ A planta vacillante, e quem seria
„ Tua consolação na dôr, no pranto?
„ Crê, minha amada, que se o Mar sanhudo
„ Te escondesse nas sôfregas entranhas,
„ Te houvera de seguir o afflicto Esposo,
„ Socio te fora em vida, e socio em morte.
„ Oxalá que eu com a paterna industria
„ Podesse reparar a Humanidade, (14)

„ Al-

„ Alma infundindo na formada terra!
„ Todo o Genero humano em nós se inclue,
„ (Isto aos Fados apraz, apraz aos Deoses)
„ Ficámos para exemplo de que o Mundo
„ Morada de Homens foi. „ Disse, e choravão.
Depois, tornando em si, resolvem ambos
Recorrer aos Oraculos sagrados,
Da Deosa Themis invocar o auxilio.
Não tardão, vão-se do Cefiso ás agoas,
Que ainda não bem liquidas caminhão,
E apenas pelas frontes, pelas vestes
Os gostados licores desparzírão,
Para o Templo da Deosa os passos torcem.
Manchava torpe musgo a frente, os tectos
Da Estancia veneravel, e jazião
Sem Ministro, sem luz, sem culto as Aras. (15)
Como os sacros degráos tocado houvessem,
Sobre a madida terra os dois se prostrão,
E dão nas pedras osculo medroso;
Orão depois assim: „ se justas preces
„ Tornão benignos os irados Numes,
„ Se a colera dos Ceos com ais se adoça,
„ Dize-nos, Deosa, dize nos de que arte
„ Podemos instaurar a Especie humana,
„ E soccorre piedosa o triste Mundo.
Movendo-se a Deidade, assim lhes falla:
„ Do meu Templo sahi; cobrindo as frontes,
„ Soltai as vestiduras, que vos cingem,
„ E para traz depois lançai os ossos
„ De vossa grande Mãi. „ Tendo ficado

Atto-

Attonitos os dois espaço grande,
Pyrrha primeiro em fim rompe o silencio,
Da Divindade as leis cumprir não ousa,
E com trémula voz perdão lhe roga,
Porque teme, espalhando os ossos frios,
Aos manes maternaes fazer injuria.
Depois disto repetem, pezão, notão
As palavras do Oraculo sombrio;
Té que Deucaliôn, que o venerando
Filho de Promethêo com brandas vozes
Serena a cara Esposa, e diz: „ se acaso
„ Não revolvo illusões no pensamento,
„ O Oraculo da Deosa he justo, he pio,
„ Não nos ordena o mal, não quer hum crime.
„ A grande Mãi, que ouviste, a Mãi de todos
„ He a Terra, a meu ver são os seus ossos
„ As pedras, e essas diz que ao chão lancemos.
Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,
Esperanças com dúvidas se envolvem,
E ambos das ordens santas desconfião;
Mas nisso que lhes vai, se as effeituão?
As Aras deixão, as cabeças cobrem,
Soltão as roçagantes vestiduras,
E logo para traz as pedras lanção.
Eis (quem te dera credito, oh portento,
Se annosa tradição não te abonasse!)
Eis que subitamente ellas começão
A despir-se do frio, e da rijeza,
E despindo a rijeza, a transformar-se.
Crescendo vão, mais branda natureza

As

As toca, as amacia, as amollece,
E nellas se perfeito o vulto humano
Logo alli se não vê, se vê com tudo
Em grosseiros sinaes a semelhança,
Qual na estatua, no marmore, a que apenas
Deo talhe a mão de Artifice elegante.
Partes, que erão terrenas, e sucosas,
Nas carnes, e no sangue se convertem;
O que tem solidez, o que não dobra,
Muda-se em ossos, e o que dantes nellas
Veia se nomeou, conserva o nome.
N'um breve espaço em fim (mercê dos Deoses)
As que arroja o Varão, Varões se tornão,
E ás que sólta à Mulher, Mulheres ficão.
Por isto somos fortes, somos duros,
Aptos a emprezas, proprios a trabalhos,
E em nosso esforço, na constancia nossa
Claramente se vê que origem temos.
Os outros animaes nas fórmas varios
A Terra os produzio, sendo escaldado
Pelos raios do Sol o humor antigo;
Os encharcados, os lodosos campos
Com o activo calor se entumecêrão,
E das cousas a próvida semente,
Qual no materno claustro alli cerrada,
Nutrio-se, e de vagar cresceo, formou-se.
Dest'arte, havendo em fim retrocedido
A seu amplo depósito profundo
O grão Nilo, que sahe de bocas sete,
Co'a etherea flamma se afoguêa o lodo,

E por entre os terrões, quando os revolve,
De animaes o Cultor acha milhares,
Huns a nascer, e em parte já formados,
Em parte os membros seus inda imperfeitos,
E vê-se muitas vezes que de hum corpo
Metade vive já, metade he terra.
Humidade, e calor dão vida a tudo,
Se mutuamente se temperão ambos.
Bem que d'agoa contrario o fogo seja,
Sahe do humido vapor quanto he gerado;
A discorde união fermenta, e cria.
Por tanto a fertil Mãi, a extensa Terra,
Do recente diluvio repassada,
E pelo aéreo lume escandecida,
Innúmeras especies foi brotando:
Deo ser a algumas com a fórma antiga,
N'outras em fim criou não vistos monstros.

---

(1) Promethéo, que, segundo a Fabula, roubou o fogo celeste, para animar figuras humanas, compostas de terra.

(2) Aos Grammaticos escrupulosos, que talvez queirão que este verso antes seja:
= Sem algum vingador, sem lei alguma =
Respondo, que usei o idiotismo da nossa lingua, alentado com o exemplo de Leonel da Costa na traducção das Bucolicas, e Georgicas, e com outros Authores de boa nota.

(3) O carvalho.

(4) O original diz Mensor, o Medidor, ou Demarcador.

Per-

(5) Pertendêrão, quizerão = diz o texto.

(6) Casas.

(7) Allude ao Palacio de Augusto, que tomou o nome do monte Palatino, onde foi edificado. Nem os Ceos poupou a Lisonja.

(8) Aqui he nome collectivo.

(9) Em Suetonio se lê esta conspiração contra Augusto.

(10) As Fócas, ou gado de Neptuno, e equóreo Vate, ou Profeta he Protêo, Deos Marinho.

(11) Este verso he todo meu: a sua propriedade me deo a ousadia de aggregallo aos de Ovidio.

(12) O original só diz *subsidunt flumina*, abatemse os rios.

(13) Era sua prima, segundo a Mythologia.

(14) Veja-se a nota primeira.

(15) O texto só diz *sine ignibus*, sem fogo, sem luz.

N. B. A boa traducção, que Osorio fez das Georgicas, poderia intimidar-me, se as nossas versões não fossem de assumptos tão diversos.

A MORTE DE PYRAMO, E THISBE,

Extrahida do Livro IV. das Metamorfoses de Ovidio.

PYramo, singular entre os Mancebos,
E Thisbe, superior em formosura
A todas as Donzellas do Oriente,
Tinhão contiguas as moradas suas
Lá onde he fama que de ingentes muros
Semíramis cingio alta Cidade. (1)
A Amor a visinhança abrio caminho,
Nelles foi com a idade Amor crescendo,
E unir-se em doce nó votárão ambos,
O que injustos os Pais não permittírão.
Em vivo, igual desejo os dois ardendo,
(Que isto os Pais evitar-lhes não podérão)
Sem confidente algum, só por acenos,
Por sinaes se entendião, se afagavão.
Quando Amor se recata, he mais activo. (2)
Parede, que os dois lares dividia,
Rasgada estava de huma tenue fenda,
Desde o tempo em que forão fabricados.
Ninguem tinha notado este defeito;
Mas que não sente Amor, que não adverte?
Vós, Amantes fiéis, vós o notastes,
E delle se valeo sagaz ternura.
Sohião por alli passar sem medo

Bran-

Brandas finezas em murmurio brando.
De huma parte o Mancebo, e Thisbe de outra,
Prestando unicamente, e recebendo
Seu halito amoroso, assim carpião:
„ Invejosa parede, a dois Amantes
„ Porque, porque te oppões? Ah! Que importava
„ Que perfeita união nos consentisses?
„ Ou, se isto he muito, ao menos franqueasses
„ Aos osculos de Amor lugar bastante;
„ Mas não somos ingratos, confessâmos
„ Que os nossos corações a ti só devem
„ Doce conversação, que os desafoga.
Separados assim, e em vão dizião.
Dando hum saudoso a Deos já quasi á noite,
Ao partir cada qual suave beijo
Na parede insensivel empregava,
Nem que o terno penhor chegar podesse
Aonde o dirigia o pensamento.
Hum dia quando, rôto o vêo nocturno,
Tinha ante os lumes da serena Aurora
Desmaiado nos Ceos a luz dos astros,
E Fébo com seu raio hia secando
Sobre as ervas subtis o frio orvalho,
Ao lugar do costume os dois volvèrão.
Depois de mutuamente se queixarem
Da pezada oppressão, que os constrangia,
Com mais cautela ainda, em tom mais baixo
Concertão entre si que em vindo a noite
Havião de illudir os Pais, e os Servos,
De seus lares fugindo, e da Cidade;

Que

Que, por não se perderem vagueando
Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga
Sepultura de Nino. (3) ambos parassem,
Postos á sombra de arvore frondosa.
Esta arvore, que alli ao ar se erguia,
Carregada de fructos côr de neve,
(Então da côr de neve até maduros)
Era a grata amoreira: amena fonte,
Fervendo junto della, o chão regava.
Quadrou o ajuste, e nas ceruleas ondas
Cahindo, tardo o Sol para os Amantes,
E donde o Sol cahio surgindo a Noite,
Achada occasião, por entre as sombras
Thisbe astuta das portas volve a chave,
Engana os seus, e sahe. Cobrindo o rosto,
Caminha para o tumulo de Nino,
Chega, e debaixo da arvore se assenta:
Dava Amor ousadia á linda Moça.
Eis que feroz Leôa, ensanguentada
De recente matança a boca enorme,
Assoma, e vem depôr na fonte a sede.
Porque o pleno luar cobria o campo,
A vê ao longe a babylonia Thisbe,
E com tímidos pés em gruta umbrosa
Vai sumir-se, correndo, e palpitando,
E na carreira o véo lhe cahe por terra.
Depois que o tôrvo bruto a sede ardente
Nas agoas apagou, tomando aos bosques
O solto véo sem Thisbe acaso encontra,
E no sanguineo dente o despedaça.

Pyramo, que do lar sahio mais tarde,
Que vê no erguido pó sinal de féra,
E de féra no chão pégadas nota,
Descorando, estremece, e tinto em sangue
Acha o cahido véo. „ N'uma só noite
(Diz elle) „ dois Amantes se perdèrão,
„ Perdeo-se a bella, a triste, a desgraçada,
„ Que de longa existencia era tão digna.
„ Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,
„ Eu fui quem te matou, fui quem te disse
„ Que de noite, que só te aventurasses
„ A tão ermo lugar, tão pavoroso,
„ E para te acudir não vim primeiro.
„ Lacerai-me este corpo abominavel,
„ Devorai-me estas barbaras entranhas,
„ Oh leões, que jazeis por essas grutas;
„ Mas chamar pela Morte he só dos fracos.
Já da terra levanta o véo de Thisbe,
E para a fertil planta se encaminha,
Vai com elle ao lugar do terno ajuste.
Cobrindo-o lá de lagrimas, e beijos;
„ O meu sangue (lhe diz) tambem te regue,
„ Recebe, oh triste véo, tambem meu sangue.
E súbito, despindo o ferro agudo,
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra;
Da ferida mortal o extrahe, o arranca,
E de costas no chão depois baquêa.
Em rôxos borbotões lhe ferve o sangue,
E lhe salta com impeto, á maneira
De alto, e cheio aqueducto, que rebenta,

Que

Que estrondoso arremessa ao longe as agoas,
Co' a soberba impulsão rompendo os ares.
Da ramosa amoreira os alvos fructos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra côr a antiga mudão,
E do sangue a raiz humedecida,
Logo ás amoras purpurêa o çumo.
De todo não perdido ainda o medo,
Volta a gentil Donzella ao fatal sitio,
Porque a não ache em falta o caro Amante.
C'os olhos, e co' espirito o procura,
Desejosa de expôr-lhe o grave risco,
De que pôde escapar. Notando a planta
Mudada no exterior, a desconhece,
Duvída se he a mesma. Em quanto hesita,
Vê tremer, e arquejar na terra hum corpo,
Na terra, que de sangue está manchada.
Recua de terror, pállida, absôrta,
Arripia-se, e freme, á semelhança
Do rouco mar, se as virações o encrespão.
Mas depois que attentando em fim conhece
A porção da sua alma, os seus amores,
Rompe em chôros, em ais, maltrata o peito,
O peito encantador, que o não merece,
Arranca delirante as loiras tranças,
Entre os braços aperta o corpo amado,
Verte amargosas lagrimas no golpe,
Correndo misturados sangue, e pranto,
Piedosos beijos dá no rosto frio,
Clama: „ oh Pyramo! Oh Cecs! Que duro caso

„ Te

„ Te arrebata de mim? Pyramo, escuta,
„ Responde-me, querido, a tua amada,
„ A tua fiel Thisbe he quem te chama;
„ O semblante abatido ergue da terra.
Ouvindo proferir da Amada o nome,
O malfadado Moço eis abre os olhos,
Já do pezo da Morte enfraquecidos,
Volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.
Nisto aquella infeliz o véo distingue,
Vê do extincto Amador a núa espada.
„ Teu amor, tua mão te hão dado a morte!
„ Eu tambem tenho mãos, (exclama a triste)
„ Eu tambem tenho amor capaz de extremos,
„ Que esforço me dará para seguir-te.
„ Sim, eu te seguirei, serei chamada
„ Da tua desventura a causa, a socia.
„ Ai! Só podia a Morte separar-nos...
„ Mas não, nem ella mesma nos separa.
„ Oh vós, dai terno ouvido ás preces de ambos,
„ Miseros Pais de miseros Amantes,
„ Que une por lei do Fado Amor, e a Morte;
„ Deixai que o mesmo tumulo os encerre.
„ E tu, arvore, tu, que estás cobrindo
„ Agora hum só cadaver miserando,
„ Logo dois cobrirás. Sinaes conserva
„ Da tragedia, que vês, e por teus fructos
„ Diffunde sempre a côr de luto, e magoa,
„ Monumento fatal do negro caso.
„ Cala-se, encosta o peito á ferrea ponta,
Do sangue do Infeliz tepida ainda,

E

E traspassa-se, e cahe. Das preces tristes
Com tudo os Ceos, e os Pais se enternecêrão.
Nos ramos da frondífera amoreira,
Quando maduro está, negreja o fructo,
E a lacrimosa, paternal piedade
Guardou n'uma só urna as cinzas de ambos.

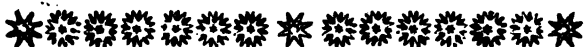
(1) Babylonia.
(2) Este verso em sentido proprio póde traduzir-se assim:
Coberto o fogo, mais calor grangêa.
(3) Nino, Rei de Babylonia.

A GRUTA DA INVEJA.

Do II. Livro das Metamorfoses de Ovidio.

HÉ a Estancia da Inveja em gruta enorme
Lá n'uns profundos valles escondida,
Aonde o Sol não vai, nem vai Favonio.
Reina alli rigoroso, eterno frio,
De humidas, grossas nevoas sempre abunda.
O Monstro vive de vipereas carnes,
Dos seus Tartareos vicios alimento.
Da Morte a pallidez lhe está no aspecto,
Magreza, e corrupção nos membros todos;
Olha sempre ao revez; ferrugem tôrpe
Nos asquerosos dentes lhe negreja;

Vê-se o fel verdejar no peito immundo,
Espumoso veneno a lingua verte;
Longe o riso lhe jaz dos negros labios,
Só se nos mais ha pranto, ha nella riso,
Em não vendo chorar, lhe acode o chôro;
Não goza de repouso hum só momento,
Os cuidados, que a róem, não soffrem somno;
Mirra-se de pezar, ao vêr nos Homens
Qualquer bem, rala, e rala-se a Maligna,
He verdugo de si, odio de todos.

A versão he salteada, porque he só do Episodio.

MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OIRO.

Do Livro XI. dos Matamorfoses de Ovidio.

NÃo contente Liêo de ter vingado
A morte acerba do Apollineo Vate, (1)
Até dos Campos barbaros se ausenta: (2)
Com sequito melhor dirige os passos,
A ver do seu Timólo as fartas vides,
E do Pactólo as margens, bem que ainda
Não tivesse o crystal mudado em oiro,
Nem co'as arêas suscitasse invejas.
Usada Turba, Sátyros, Bacchantes
Folgavão junto ao Deos, mas não Sileno:

Por

Por Frygios Montanhezes foi colhido,
Dos annos, e licôres titubante,
E prezo em laços de travadas flores,
A Midas, a seu Rei o apresentárão.
Este do Thrácio Orfèo, do Grego Eumolpo
Outr' hora as Orgias (3) recebido havia.
Dos sacrificios conhecendo o Socio,
Vendo o Mestre de Bromio, logo ordena
Do hospede á vinda geniaes festejos:
Dez dias, noites dez a solemnisa.
Fósforo já dos Astros a cohorte
Pela undecima vez afugentára:
Risonho parte o Rei aos Lydios campos,
Sileno restitue ao moço Alumno.
Do achado Preceptor Lenêo gostoso,
De qualquer dom a escolha offrece a Midas.
Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,
Porque elle, usando mal do grande arbitrio,
„ Numen, (lhe respondeo) manda que tudo, „
„ Que tudo o que eu tocar, se torne em oiro. „
Ao rogo annue o Deos, porém sentindo
Que para dom melhor não fosse o rogo.
Contente o Frygio vai do mal, que leva,
Quer da promessa exprimentar o effeito,
Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,
O braço estende a huma arvore não alta, (4)
Verde ramo lhe extrahe, e he oiro o ramo:
Do chão ergue huma pedra: a pedra he oiro:
Roça hum terrão, e ao tacto portentoso
Fica o negro terrão lustrosa massa.

Loiras espigas n'um punhado arranca:
Ei-lo já convertido em aurea messe;
Hum pomo tem na mão, colhido apenas:
Parece das Hespérides hum mimo.
Se acaso os dedos põe nas altas portas,
As portas de improviso estão brilhantes:
Agoa, em que lava as mãos, das mãos cahindo;
He tal, que a Dânae seduzir podéra.
Tudo mudado em oiro imaginando,
No peito a custo as esperanças cabem.
Os servos lhe aprestárão lauta meza,
Mas de Céres aos dons se a dextra move,
Enrijão-lhe na dextra os dons de Céres;
Se ávido applica ao dente as iguarias,
Lustrão-lhe as iguarias entre os dentes;
Une o licor do Nume, Author do assombro
Com agoa crystallina, á boca os ergue:
Da boca se deslizão pingos de oiro.
Attonito do mal terrivel, novo,
O opulento, o infeliz fugir deseja
Das riquezas fataes, detesta o mesmo,
Que ha pouco appeteceo. Nenhuns manjares
Podem matar-lhe a precisão, que o mata,
A'rida sede torra-lhe a garganta;
O oiro mal cobiçado he seu tormento,
He seu justo castigo. Aos Ceos alçando
As mãos luzentes, os luzentes braços:
„ Perdôa, grão Lenêo, pequei, perdôa,
„ Commove-te de mim, (lhe diz) e affasta
„ D'hum misero este damno especioso.

Os

Os Deoses são benignos. Baccho ao triste,
Que peza a culpa, que a maldiz, que a chora,
A promessa retrahe, e o dom funesto.
„ Mas para que não fique a ti ligado
„ Mal, que julgaste hum bem (lhe adverte o Nume)
„ Vai ao Rio (5) vizinho á grande Sardes.
„ Pelo cume da serra, ao lado opposto
„ A'quelle, donde as agoas escorregão,
„ Caminha até chegar onde ellas nascem.
„ Na parte, em que ferver mais ampla a fonte,
„ Mergulha, lava o corpo, e lava o crime.
Na apontada corrente o Rei se banha,
Aurífera virtude as agoas tinge,
Passa do corpo de repente ao Rio.
No espraiado licor participando
Do germe, que doirou a antiga vêa,
He fama que inda agora amarelejão
Com madidos terrões aquelles campos.

PI-

(1) Orfêo.

(2) Os de Thracia, onde Orfêo foi morto pelas Bacchantes.

(3) Festas de Baccho.

(4) O original diz azinheira, mas não julguei nisto essencial a fidelidade.

(5) O Pactólo.

PICO, E CANENTE,

Do Livro XIV. das Metamorfoses de Ovidio.

PIco, de Ausonia Rei, Saturnia Prole,
Nas graças corporaes era extremado,
Do espirito nos dons não menos bello.
Quarta vez o espectaculo guerreiro,
Que em E'lide se usou de lustro em lustro, (1)
Não podendo o Mancebo inda ter visto,
Já olhos, já suspiros attrahia
Das Dríades gentis nos Lacios cumes.
Vós o amaveis tambem, vós o seguieis,
Candidas Filhas das serenas Fontes,
Oh Náiades do Tibre, e do Numicio,
Deosas do Nar veloz, e do Almo pequeno,
Do Fárfaro sombrio, e do Anio puro,
Co'as outras, que da Scythica Diana
Morão nos bosques, nos vizinhos lagos.
Mas todas engeitava, e quiz só huma,
Só huma o cativou, penhor mimoso,
Que lá no monte Palatino a Jano
(Segundo he tradição) Venilia dera.
Nos annos de Hymenêo florece a Nynfa;
Preferido entre mil Competidores,
Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.
Rara na gentileza era Canente,

Rarissima porém na voz, no canto:
Com elle pedras, arvores movia,
Detinha os rios, amansava as feras,
Tirando ás aves o temor, e o vôo.
Ella o seu doce amor cantava hum dia,
Quando aos Laurentes campos contra os bravos,
Cerdosos javalis sahio o Esposo.
De alentado ginete o dorso opprime,
Tem na dextra, e sinistra agudas lanças,
Prezo o Fenicio manto (2) em laço de oiro.
Fôra a Filha do Sol (3) aos mesmos bosques
Para colher no monte as ervas novas,
Distante dos Circêos, a quem deo nome.
D'huns ramos escondida o Moço vendo,
Se assombra, cahem-lhe as ervas, que apanhára;
Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa.
Apenas volve a si do vivo assalto,
Tenta manifestar o ardor interno,
Mas do ginete a férvida presteza,
E os circumstantes guardas o estorvárão.
„ Nem que te roube o vento has de escapar-me,
„ Se inda eu sou a que fui, se inda ha virtude
„ Nas plantas, e meus versos não me enganão.
Diz: e eis hum javali de aereo corpo,
Finge-o, perante o Rei correr o manda,
E mostrar que se acolhe aos densos matos,
Em parte onde o cavallo entrar não possa.
De imaginaria preza allucinado,
Salta o Mancebo das fumantes costas,
Segue esperança vã, fallaz objecto,

Dis-

Discorre aqui, e alli pela alta selva.
Já Circe principia as magas preces,
Em verso ignoto adora ignotos Deoses,
Verso com que enegrece, esconde a Lua,
Com que o Sol, com que o Pai de sombras mancha.
Assim que os sons do encanto o Ceo condensão,
Que hum vapor tenebroso a terra exhala,
E pelo bosque os mais vaguêão cegos,
No escuro as guardas já do Rei perdidas,
Apto o lugar, e o tempo achando a Amante:
„ Oh tu entre o Mortaes o mais formoso,
„ (Suspirando lhe diz) por esse aspecto,
„ Por esses, que os meus olhos encantárão,
„ E fazem com que eu Deosa te supplique,
„ Premêa activo amor, em que me inflammas,
„ O Sol, que tudo vê, por sogro acceita,
„ Duro não sujas da Titânia Circe.
Disse; porém feroz elle a regeita,
Elle rogos, e affagos lhe repulsa,
Responde: „ não sou teu, quem quer que sejas;
„ Outra me tem cativo, e praza aos Numes
„ Que dure longamente o cativeiro.
„ Os laços conjugaes, os puros laços
„ Não hei de enxovalhar de amor externo,
„ Em quanto amigos Fados me guardarem
„ De Jano a Filha, a singular Canente.
Circe (enfadada de lhe instar sem fructo)
Diz „ não, não has de impunemente amalla,
„ Nem jámais tornarás a ver a Esposa.
„ Mulher depois d'amante, e de offendida

„ Co-

„ Conhecerás o que he : para teu damno
„ Sou Mulher, offendida, amante, e Circe.
Ao Occaso, ao Nascente então se volta,
Duas vezes áquelle, a este duas,
Depois no corpo do gentil Mancebo
Tres toques dá co' a vara, e diz tres versos.
Elle foge, e da propria ligeireza,
Da nimia rapidez vai admirado,
Eis que subitamente em si vê azas.
Affrontado, raivoso de sentir-se
Ave nova adejar nos Lacics bosques,
Despede o fero bico aos duros troncos,
Com furia aqui, e alli golpêa os ramos.
Côr do purpureo manto as pennas ficão,
Em pennas o aureo nó tambem se torna,
Listra doirada lhe rodêa o collo,
E a Pico. (a) do que foi só resta o nome.
Entretanto por elle os seus clamavão,
Sem podello encontrar na longa selva.
Circe em fim lhe apparece, (as auras tinha
Adelgaçado já, já permittido
Que o Sol, e o vento as nevoas dissipassem)
Mil crimes exprobrando á Vingativa,
Guardas, Monteiros o seu Rei lhe pedem,
E dispõe-se a cravar-lhe as férreas lanças.
Sucos de atro veneno a Maga entorna,
A Noite, os Numes della, o Caos, o Averno
Pelo forçoso encanto alli convoca,
E ora á terrivel Hécate, ululando.
Eis salta do lugar (que espanto!) o bosque,

Ama-

Amarelece a folha, e geme a terra,
Tingem-se as ervas de sanguineas manchas,
Roucos bramidos sahem das rotas penhas,
Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,
Vê-se o chão dellas negro, e tenues Sombras
Nos ares em silencio andar gyrando.
Attonitos de horrores descorão todos;
Mas co'a vara tremenda, e venenosa
Toca-lhes Circe as bocas assombradas.
Pelo tacto fatal se tornão Monstros
De improviso os Mancebos lastimosos,
Em nenhum permanece a antiga fórma.
Já no Occidente o Sol fechára o dia, (5)
E com olhos, com alma em vão Canente
Pelo perdido Esposo inda esperava.
Pizão bosques, e bosques Servos, Povo,
E com fachos nas mãos explorão tudo.
A Nynfa de chorar não se contenta,
Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças:
Quantos extremos ha, todos pratíca;
Sahe, corre, vaga, insana, os Lacios campos.
Seis Luas, (infeliz!) seis Sóes a vírão
Em contínuo jejum, contínua vela
Por valles, por florestas, por montanhas,
Por onde o desacordo a foi levando.
Do pranto, e do caminho em fim cançada,
O Tibre a vio cahir na margem sua.
Alli ao desamparo, alli sósinha
A triste, modulando acerbas magoas,
Soltava hum tenue som, qual canta o Cysne

O

O debil verso precursor da morte.
A Amante deploravel manso, e manso
Em lagrimas saudosas se liquída,
Vai-se alli pouco a pouco atenuando,
E nas aùras subtis se desvanece.
Pelo caso o lugar ficou famoso:
Vós, do nome da Nynfa miseranda
Canente, oh priscas Musas, lhe puzestes.

A

(1) Os jogos Olympicos, que no principio de cada cinco annos se fazião em Elide, Cidade da Grecia.

(2) Da Fenicia, isto he, côr de purpura.

(3) Circe era chamada Filha do Sol, e tida por Maga, porque conhecia a virtude das plantas.

(4) Picus he o picanço, ave.

(5) Este verso mais fielmente he: *O Sol cahíra nos Tartessios mares.* De Tartessia, antiga Cidade de Hespanha no Estreito de Gibraltar: praia diz o texto, mas não o soffre a nossa Poesia.

A DESCIDA DE ORFÊO AOS INFERNOS A BUSCAR EURYDICE.

Traduzida do Livro X. das Metamorfoses de Ovidio.

DE rutilantes vestes adornado,
Hymenêo rompe o ar, e á Thracia vôa,
Lá donde o chama Orfêo, porém debalde.
O Deos sim presidio do Vate ás nupcias,
Mas não levára alli solemnes vozes,
Nem presagio feliz, nem ledo rosto.
Sentio-se apenas crepitar lhe o facho,
E em vez de viva luz soltar hum fumo
Luctuoso, e fatal; vámente o Nume
Tentou co' movimento erguer-lhe a chamma.
O effeito foi peor, que o mesmo agoiro.
Em quanto a linda Noiva os prados gyra,
Das Náiades gentis acompanhada,
A'spide occulto fere o pé mimoso.
Morre a Moça infeliz, e o triste Amante
Depois de a lamentar aos Ceos, e á Terra,
Emprende commover do Inferno as Sombras,
Affoito desce a vós, Tenarias portas.
Por entre baralhada, aerea Turba,
Cujos restos mortaes sepulcro logrão,
Aos negros Paços vai do Rei das Trevas,
Vê do Tyranno eterno o Throno horrendo.

Lá

Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,
A's Deidades crueis lá diz: „ oh Deoses,
„ Deoses do Mundo sotoposto á Terra,
„ No qual se ha de sumir tudo o que existe!
„ Se acaso a bem levais que ingenuas vozes
„ O artificio removão, crede as minhas.
„ Não venho para ver o opaco Averno,
„ Nem para agrilhoar as tres gargantas
„ Do Monstro Meduzêo, que erriçáo cobras.
„ Attrahe-me ao Reino vosso a morta Esposa,
„ A quem pizada vibora o veneno
„ Nas vêas desparzio, a flor murchando
„ Dos annos festivaes, inda crescentes.
„ Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,
„ Tentei vencer meu mal, e Amor venceo-me.
„ Este Deos he nos Ceos bem conhecido,
„ Aqui não sei se o he, mas se não mente
„ No rapto, que pregôa antiga fama,
„ Vós tambem pelo Amor ligados fostes.
„ Ah! por este lugar, que abrange o medo.
„ Por este ingente cáos, silencio vasto,
„ Que do profundo Imperio o seio occupão,
„ De Eurydice gentil á doce vida
„ O fio renovai, tão cedo rôto.
„ Ella, todo o Mortal vos he devido,
„ Vem tudo, agora, ou logo, á mesma estancia
„ Para aqui pende tudo, he este o nosso
„ Derradeiro, infallivel domicilio;
„ Vós tendes, vós gozais, a vós compete
„ Da Especie humana o senhorio immenso;

„ A

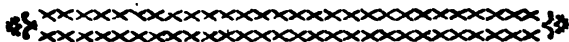
„ A que exijo de vós, ha de ser vossa
„ Por inviolavel jus, por lei dos Fados,
„ Tocando o termo da vital carreira:
„ O uso do meu prazer em dom vos peço.
„ Se o Destino repugna ao bem, que imploro,
„ Se a Esposa me retem, sahir não quero
„ Deste horror: exultai co'a morte de ambos.
O triste, que assim une o verso á lyra,
Os exangues Espiritos deplorão:
A' fugaz lynfa Tântalo não corre:
A roda d'Ixiôn de assombro pára;
Os Abutres crueis não mordem Ticio,
As Bélides os crivos cahir deixão,
Tu, Sisyfo, te assentas sobre a pedra.
Das vencidas Euménides he fama
Que pela vez primeira os negros olhos
Algumas tenues lagrimas verterão.
Nem a Esposa feroz, nem Dite enorme
Ousão negar piedade ao Vate orante.
Chamão súbito Eurydice. Envolvida
Entre as recentes Sombras ella estava:
Eis o mordido pé vem manso, e manso.
Recebe o Thrácio Orfêo co'a bella Esposa
Lei de que para traz não volte os olhos,
Em quanto for trilhando o feio Abysmo,
Se nulla não quizer a graça extrema.
Por duro, esconso, desigual caminho,
De escuras, bastas nevoas carregado,
Hum apôs outro os dois, vão em silencio.
Já do Tartáreo fim distavão pouco,

Te-

Temendo o Amante aqui perder-se a Amada,
Cobiçoso de a ver, lhe volve os olhos:
De repente lha roubão. Corre, estende
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,
E o Misero sómente o vento abraça.
Ella morre outra vez, mas não se queixa,
Não se queixa do Esposo; e poderia
Senão de ser querida lamentar-se?
Diz-lhe o supremo a Deos, já mal ouvido,
E recahe a Infeliz na sombra eterna.
Fica attonito Orfêo co'a dupla morte
Da malfadada Esposa, como aquelle,
Que n'um dos collos vio com rijos ferros
Prezo, arrastado á luz o Cão trifauce,
E que o mudo pavor despio sómente,
Quando despio a natureza humana,
Transformado em rochedo immoto, e frio;
Ou qual o que a si mesmo impôz hum crime,
Oleno, que de réo quiz ter o nome
Por te salvar, miserrima Letéa,
Orgulhosa de mais com teus encantos,
Tu, que foste co' Esposo outr' hora huma alma
Repartida em dois corpos, que hoje és pedra
Com elle, e juntos no Ida estais sustidos.
O estygio Remador expulsa o Vate,
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.
Sete dias jazeo na margem triste
Sem nutrimento algum, só a saudade,
As lagrimas, a dôr o alimentárão.
Depois de pramear vossa fereza,

Nu-

Numes do Inferno, ao Rhódope se acolhe,
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.
Dera o gyro annual tres vezes Febo,
E sempre o terno Orfêo de Amor fugia,
Ou porque o mal passado o refreava,
Ou porque eterna fé jurado houvesse
A' miseranda Esposa: repulsadas
Mil bellas Nynfas seus desdens carpírão.

Depois da bella descripção, que da descida de Orféo aos Infernos faz Virgilio no quarto Livro das Georgicas, só o engenho de Ovidio podia ser original em iguaes circumstancias, o que póde ver-se, comparando ambos os lugares.

A ALMA DE JULIO CESAR

MUDADA EM COMETA.

Do Livro XV. das Metamórfoses de Ovidio.

DA tua morte, oh Cesar, teve o Mundo
Não duvidosos, térricos presagios.
He fama que em fulmineas, atras nuvens
Tubas horrendas, armas estrondosas,
Duros clarins os Pólos atroárão,
Do negro parricidio annuncios dando;

He

He voz geral tambem que o Sol trisonho
Hum pallido clarão mandava á Terra,
Que nos ares arder se vírão fachos,
E em chuveiros cahir sanguineas gotas;
De ferrugineo véo surgir a Aurora,
De sangue o carro teu vir tinto, oh Lua.
Com dolorosos sons o mocho esquerdo (1)
Lugares mil entristeceo de agoiros,
N'outros mil o marfim (2) se vio chorando.
Forão cantos, e vozes de ameaço
Sentidos nas florestas consagradas;
Acceita aos Numes victima não houve:
Feros tumultos, imminentes males
Vinhão na rota fibra apparecendo;
Achou-se nas fatidicas entranhas
Decepada cabeça gotejante;
No Fôro, em torno aos Templos, ante os Lares
Os cães nocturnos ulular se ouvírão,
Roma tremeo, por ella andárão Sombras.
Tolher o effeito de vindoiros Fados,
De medonha traição tolher o effeito
Não pudérão do Ceo com tudo avisos.
Entrão punhaes sacrilegos no Templo:
Que theatro da barbara Tragedia,
Da Acção nefanda, o teu Senado, oh Roma! (*)
A alma Venus, porém, baixando á Curia,
Entre os Conscriptos invisivel pára,
Em quanto da perfidia os golpes fervem.
Eis de Cesar o espirito arrebata,
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,

 Quer

Quer apurallo nos ethéreos lumes. (3)
Erguendo-o, vê que luz, vê que se inflamma:
Ella o sólta, elle vôa além da Lua.
De acceza grenha, de espaçosa cauda,
No Ceo gyrando, resplandece estrella. (**)

(1) Estygio diz o texto.
(2) Estatuas dos Deoses.
(*) Aqui não fui tão fiel, mas, cotejada a versão com o texto, ver-se-ha que o não ultrajei.
(3) O original tem só: *Cælestibus intulit Astris.* Tambem não traduzi seguidamente, omittindo os louvores de Augusto, cujas proscripções lhe escurecem, e affeão a memoria.
(**) Em outro volume, que aprompto, espero dar ao público a versão destes mesmos agoirós, que vem no primeiro Livro das Georgicas; o que me confirma a opinião de que Ovidio tem hum modo original até imitando.

ARENÊO, E ARGIRA,

Metamorfose original.

EStro de Ovidio, seguirei teus vôos,
Se não me he dado emparelhar comtigo.

Depois que de Thessalia o Rei piedoso
Ás pedras converteo na especie humana,

Quan-

Quando já pela fragil Natureza
De novo a corrupção lavrado havia,
A moral corrupção, que gera os crimes;
Quando para viver cumpria ao Homem
Suando exercitar custosa industria,
Lá perto do Penêo, tão caro ás Musas,
N'um retiro assombrado de mil plantas
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.
Apenas cinco lustros numerava,
Era de alta estatura, e de agil corpo,
De estranha robustez, feições grosseiras,
Olhos ardentes, e cabello escuro.
Febo lhe ennegrecêra as mãos, e as faces
No fragueiro exercicio, em que lidava,
Seguindo, e derribando ou ave, ou fera
Com settas, que jámais o objecto errárão.
Extinctos os Irmãos, os Pais extinctos,
Na agreste solidão vivia o Moço,
Ora subindo as empinadas serras,
Ora os confusos bosques indagando,
Em quanto o fulvo Sol nos Ceos luzia,
E apenas desdobrava a muda Noite
Sobre os ares subtis seu véo lustroso,
Volvia á choça o rustico Mancebo,
De sanguineos despojos carregado.
Só nisto, por effeito do costume,
Embebido trazia o pensamento,
Ignorava as paixões da Natureza,
Até desconhecia a mais ardente,
A mais encantadora, a mais funesta.

Mas ah tyranno Amor! Ou cedo, ou tarde
He forçoso aos Mortaes soffrer teu jugo;
Amor, tu és hum mal, que fere a todos:
Longa experiencia contra ti não vale,
Ou Virtude, ou Razão; só vale a Morte.
Visto o ledo Arenêo no lár campestre,
Viste-o sem ti, cruel, gozar mil fructos
Das suadas, aspérrimas fadigas,
E, isento de memorias importunas,
Molles somnos gostar no leito ervoso.
Súbito, enraivecido, impaciente
De que inda alguem feliz no Mundo houvesse,
Olhaste de travez o alegre Moço,
Males dignos de ti depois lhe urdiste.
Em venatorias artes doutrinada,
Annexa ao Coro da immortal Diana,
Corria a bella Argira o valle, e o monte.
Nos olhos tinha a côr formosa, e viva
De que se veste o Ceo na Primavera;
A' discrição dos Zefyros as tranças,
As tranças, por si mesmas enfeitadas
Com lucidos anneis, com aureas ondas,
Se ao Sol se expunhão, como o Sol brilhavão;
Erão, lácteo jasmim, purpúrea rosa,
Tão alvas como vós, e tão córadas
Da loira Semidéa as brandas faces;
Candido pejo, virginal sorriso
Nos labios lhe pousava entre os Amores,
(Amores que inspirava, e não sentia)
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,

E

E o seio tentador mais bello ainda,
Que o da Cypria Deidade, e não tocado.
O frio, o vento, o Sol jámais ousárão
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa:
Realçava estes dons a flor da idade,
E ao ver-se aquelle assombro, oh Natureza,
Estranho então se achou que o teu sublime,
Engenhoso poder chegasse a tanto.
Descendente de origem mais que humana,
(Tambem não longe do Thessalio Rio)
De mil dignos Amantes cobiçada,
E ás conjugaes delicias insensivel,
Não quiz ir de Hymenêo no altar brilhante
Sacros votos firmar co' a voz, e a dextra,
Illesa conservando a flor suave,
Que, envôlta em brandos ais, colheis, Amores.
Com estas perfeições, com estas graças
Tramou vingança crua o Páfio Nume
Ao livre Caçador, que, errando hum dia
Em ermo bosque de viçosos Loiros,
Argira vio luzir por entre a rama,
Argira, que das Nynfas se perdêra,
E que á benigna sombra de hum Loireiro
Repousava do acerrimo exercicio,
Temendo a força do Apollineo raio,
Que ardia no azulado, ethereo cume;
E tendo a par de si na ervosa terra
O luzente carcaz, vasio, em damno
Das selvaticas feras, que avistára.
Morno suor em crystallinas gotas

Pe-

Pelo virgineo rosto escorregando,
Resplandecente aljôfar parecia;
O cançaço, o calor nas lisas faces
As rosas; e os encantos lhe avivava:
Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,
Depois de ter vagado as agras serras,
Descança do arvoredo ao fresco abrigo,
Ou entre o lindo Coro, ou solitaria.
Dest' arte alli jazia a Virgem bella,
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,
Que mal crê por si mesmo ir enredar-se
No laço, com que Amor sagaz o espera,
Curioso, amparando-se das plantas,
Vai manso, e manso, e por detraz de hum tronco
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)
No perigoso objecto os olhos firma.
Desgraçado! Imprudente! Ah que fizeste!
Ei-lo accezo, ei-lo attonito, ei-lo absorto,
Ei-lo encantado, e tremulo, e perdido:
Repentino fervor lhe escalda o peito,
Lhe ancêa o coração, lhe tinge o rosto.
„ Que assombro, oh Ceos! Que Divindade he esta!
(Comsigo o Moço diz) será dos bosques
„ A Deosa pudibunda, Irmã de Febo?
„ No trage, no carcaz, e em formosura,
„ Em gestos o parece.... oh Ceos! Oh Deoses!
„ Que encanto! Que belleza!... Eu ardo... eu morro.
Nisto arrancando hum fervido suspiro,
Assusta a clara Nynfa, que, volvendo
Os olhos de repente ao som queixoso,

Te

Te vê, misero Amante, e, visto apenas,
Sólta hum ai, lança mão do eburneo coldre,
E vai por entre as arvores fugindo,
Mais prompta, mas veloz, do que os ligeiros,
Silvestres Brutos de ramosas frontes.
Qual ficaste, Arenêo, vendo esconder-se
Aos olhos teus o encanto de teus olhos!
Longa perturbação prendeo-te as plantas,
Sem côr, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo,
Qual devia infundir-te o raro objecto,
O deixaste voar; depois, sahindo
Do lethargico espanto, em que jazias,
Seguiste accelerado a doce causa
Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde;
Já co' a Turba gentil se tinha envolto
Das alvas Companheiras, e com ellas
Voltado ao bosque da Latonia Deosa.
Quão saudoso, frenetico, anhelante
O infeliz Amador se acolhe aos lares!
Alli arde, alli geme, alli prantêa,
Alli, sempre em cruel desassocego,
Desvelado, e carpindo, as noites perde.
Apenas as manhãs no Ceos roxêão,
Em vez de proseguir o usado officio,
Torna ao sitio funesto, onde espreitára
O caro enlevo de seus olhos tristes,
Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto,
Que ao das queridas plantas se assemelhe.
Dias, e dias no lugar damnoso,
E pelas densas matas circumstantes

Pra-

Pragueja contra si, delira, e freme;
Até c'um fero impulso ás vezes tenta
Amolado farpão cravar no peito,
Mas acode a benefica Esperança,
E com destro pincel na fantasia
Lhe pinta de mil jubilos vindoiros
A scena, o quadro, a seductora imagem:
De faustas illusões lhe doira a mente,
Finge-o nos braços da risonha Amada;
E assim lhe inova o soffrimento exhausto.
Mas nem sempre, Esperança encantadora,
Tens arte, que allucine os desgraçados.
Cançou de se fiar o ancioso Amante
Nas vãs consolações, nas vãs promessas,
Com que adoçavas o ácido veneno
Da teimosa paixão, que o perseguia;
Cançou de se fiar, e, abandonado
Ao agro desengano o peito afflicto,
A raiva em languidez se lhe converte.
Sempre encerrado na colmada estancia,
A gemer, e a chorar, de dia em dia
O affanoso Arenêo se vai finando.
Amor, que do aureo Throno, onde promulga
As despoticas leis, vê toda a Terra,
Todos os corações, pôz nelle os olhos:
Vio-lhe a consternação, vio-lhe os tormentos,
E piedoso huma vez, e arrependido
Dos damnos, que forjára ao Moço triste,
Mudou de condição, quiz dar-lhe allivio.
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,

Eis

Eis esvoaça, e parte, e chega, e pousa
Ante o tugurio de Arenêo choroso,
Que, á porta reclinado, envolto em ancias,
Com roucas preces invocava a Morte.
„ Esmorecido Amante, (o Deos lhe clama)
„ Que desesperação, que vil fraqueza
„ Tomou posse de ti! Que he da ousadia,
„ Com que por entre as selvas, acôssando
„ Cerdosos javalis de agudas prezas,
„ Mil, e mil vezes affrontaste a Morte?
„ Fragil Mulher te affraca, e te consterna!
„ Eia, recobra alento. Eu sou de Venus
„ O filho omnipotente, inevitavel,
„ Eu mando em corações, em pensamentos,
„ Eu sou Author de bens, Author de males,
„ E se dispuz teu mal, teu bem disponho.
„ A dura negação, que d'antes víra
„ No rude genio teu para seguir-me,
„ E o desuso, em que estou de achar quem prove
„ Dissabores sem mim, sem mim prazeres,
„ Me instou a maquinar-te o precipicio,
„ E logo apercebi teu cativeiro
„ Nos olhos da melhor de quantas Nynfas
„ A' Deosa das florestas se votárão;
„ Mas notando por fim como em teu peito
„ Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,
„ Quero atalhar-lhe o tragiço progresso,
„ E comtigo applacado, affavel, pio,
„ Secar teus prantos, serenar teus dias,
„ De lúgubre tristeza anuveados.

„ Vem

„ Vem, que eu te guio ao idolo, que adoras,
„ Que rastejaste em váo por esses bosques.
„ A' hora, em que te fallo, á hora amena,
„ Em que o fervido Sol no mar se apaga,
„ N'hum fresco, e puro lago he seu costume,
„ Por effeito da calma, e do cançaço,
„ Banhar sózinha os delicados membros;
„ Que, em virginal modestia requintando,
„ Nem permitte ás silvestres Companheiras
„ Olhar-lhe nus os candidos thesoiros,
„ E só tendo findado a lida agreste,
„ E dito a Deos ás mais, demánda o lago.
„ Approvo que lhes negue a doce vista
„ Das altas perfeições, de que he ciosa;
„ Só compete esta gloria aos meus mimosos,
„ Só a ti, meu valido, a ti sómente.
„ Não receies o enfado, a resistencia,
„ O desdem pertinaz da inculta Virgem,
„ O afferro, com que exerce as leis de Cynthia:
„ São brandas as que dou, crueis as della.
„ Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,
„ A Natureza, os Ceos por ti combatem,
„ Que nem Jove immortal de mim se esquiva.
„ Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo:
„ Della os bens, os bens delle extrahe a audacia.
„ O acanhado temor convem que expulses;
„ Exhaure os mimos, a ternura, as preces,
„ E se os mimos, se as preces, se a ternura
„ Baldadas forem, não o seja a força.
„ Obstaculos não ha, que Amor consinta,

„ To-

„ Todos, todos por mim serão vencidos;
„ E se hum de meus farpões, atremessado
„ Contra a nossa inimiga insana, e bella,
„ Não vai ferir-lhe o coração rebelde,
„ Dispôllo a teu favor, e amaciallo,
„ He por te não roubar a immensa gloria,
„ O gosto de a render, sem que eu te acuda
„ Com toda a força minha. Eia, não tardes,
„ Vem, que he proprio o lugar, e Amor te guia.
Nisto, o facho invisivel sacudindo,
E com elle roçando-lhe no peito,
Desusado vigor, ardencia estranha
Ao frôxo coração lhe communica.
Já folga, já se apresta, ufano, e ledo
O cobiçoso Amante, e segue o Nume,
Quási igualando na carreira o vôo.
Por milagre de Amor, que o guia, em breve
Vence a longa distancia, avista o lago.
Jazião na raiz de alpestre serra
As incorruptas agoas transparentes,
De que o vasto depósito arenoso
Só tinha pouco fundo ao pé das margens.
Deserto era o lugar, fechado em roda
De mistas, densas árvores, e idoneo
Ao tímido pudor da Virgem bella.
Antes de a divisar por entre as plantas
Amor, e o Socio, sem que os visse Argira,
Havia a casta Nynfa retirado
Do lago venturoso as alvas carnes,
E reposto as ligeiras vestiduras:

A-

Assim do immaculado, amavel corpo
A vedada, recondita belleza
Teus olhos, Arenêo, não profanárão.
Co' a vista immovel nas immoveis agoas,
A' margem citerior do lago ameno
Abstracta reflectia a Semidéa:
(Era a meditação talvez presagio
Do imminente perigo) ainda em terra
O formoso carcaz lhe reluzia,
Por onde agudas settas apontavão.
Amor, para frustrar-lhe a resistencia,
A distracção da Nynfa aproveitando,
Mais veloz que o relampago, e mais leve
Que os Favonios subtis, adeja, furta
Os nocivos farpões no rico estojo,
(Tudo he facil a hum Deos, não foi sentido)
Torna com elle, occulta-o entre o mato,
E diz com mansa voz, com voz suave
Ao Mancebo (que attonito ficára
Da vista encantadora) o que desejas
Alli tens. Sólta o freio a teus suspiros,
As lições, que te dei, vai pôr em uso.
Cala-se, e, já co' a mente em mais emprezas,
Delle se aparta, sóme-se, voando.
Destas palavras Arenêo pungido,
A'pressa para a Nynfa os passos move.
Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,
E, vendo-o já propinquo, receosa,
(Qual se fôra de hum Sátyro assaltada)
A' aljava quer lançar as mãos de neve,

Mas

Mas da aljava o sinal só vê na arêa,
E, em súbito furor arrebatada,
Inda que ao Caçador pende dos hombros
Carcaz do seu diverso em côr, e em fórma,
Se allucina, se abstrahe, baldões profere,
De infame roubador, de vil o accusa.
„ Não, não sou roubador, (elle a interrompe)
„ Sou teu amante, escravo de teus olhos,
„ Victima da ternura „ e proseguindo,
Com vivissimo ardor lhe expõe, lhe affirma
As ancias, as saudades, os delirios,
Os males, que soffreo, depois que a vira,
Ousa mais: de consorte a mão lhe pede,
Da austera Irmã de Febo as leis condemna,
Jura que a lei de Amor só he ligada,
Só conforme á Razão, e á Natureza;
Blasona, ostenta de affoiteza, e de arte,
Outro Oriôn (1) se diz, e por mil modos
Quer attrahir a indomita Donzella,
Insta, para apiedar-lhe o genio duro.
Ella, que ouvio suspensa, e como absorta
As ternas expressões do audaz Amante,
Só, e não tendo alli com que punillo,
(Já suspeitosa de amoroso insulto)
Em fogo os olhos, arrugada a testa,
Com raiva lhe gritou: „ não mais, insano „
E á fuga se dispôz; mas o Mancebo,
A que hum tal desengano as ancias dobra.

Qua-

(1) Oriôn, Caçador famoso na Antiguidade.

Quasi fóra de si, lhe impede o passo,
E, depois que outra vez deo uso aos rogos,
Aos requebros, e aos ais, porém sem fructo,
As ternuras vertendo em ameaços,
Carregado o semblante, a voz pezada:
„ Insensivel! Feroz! Oh penha! Oh tigre!
„ Oh barbara inimiga! (o cego exclama)
„ Se a Amor não cedes, cederas á raiva.
„ Annue a meu desejo, a meus extremos,
„ Qu... convulsa de horror ao som terrivel
Destas vozes, crueis, a Semidéa
C'os vagos olhos todo o sitio corre:
Vê d'hum lado a lagôa, a serra ingente,
E o frenetico Amante do outro lado,
Vê que fugir não póde, e neste aperto,
(Fitos nos Ceos os maviosos lumes)
„ Oh leis augustas da immortal Diana!
„ Santas leis do pudor! Dever sagrado!
„ A vós me sacrifico. „ Assim fallando,
Arremessa-se ao lago a malfadada
Co'a pressa, com que o raio a nuvem rompe.
Ao vêlla baquear, sumir nas agoas
Súbito acode o Moço arrebatado.
O brunido carcaz, e o arco arroja,
Lança-se apôs a Nynfa, e merguihando,
(Que as ondas qual delfim cortar sabia)
Depois de estar occulto alguns momentos,
O lindo corpo amado extrahe sem alma.
Eis, com elle nos braços sobre a arêa,
A' desesperação, e á dôr se entrega:

Vê-

Vê-se author da Tragedia lastimosa,
Sem lume os olhos vê, que lhe erão vida,
Vê na face macia, e puro seio
Formosa a pallidez, formosa a morte;
Chora, soluça, applica os froxos labios
A' gentil, muda boca, e nella imprime
Beijos... ah! Beijos bem diversos desses,
Com que o sofrego Amor se apraz, se encanta;
Até que supportar já não podendo
O pezo da miserrima existencia,
N'um transporte, n'um impeto invencivel,
Co' a mão convulsa pelo peito enterra
Pontiagudo virote, e cahe, e expira
Junto da Nynfa, que, morrendo, abraça.
Foi seu ai derradeiro a Amor voando,
Do catastrofe atroz foi dar-lhe aviso,
E o Nume enganador, que accezo andava
Com guerra, em que alta gloria obter podia,
Mal que ouvio no suspiro o triste annuncio,
Desistio por então da grande empreza,
E ao theatro volveo do caso acerbo.
Lá, no horrendo espectaculo attentando,
Collige dos sinaes, e circumstancias
Que de Argira o rigor, e a pertinacia
Forão causa fatal da morte de ambos.
Dá-se por gravemente injuriado,
A sua omnipotencia a si convoca,
Avisinha-se aos dois, e por castigo
Da fera ingratidão, do amargo insulto
Em feia rã loquaz converte a Nynfa,

Pa-

Para que no lugar, ondo acabára,
Para que, ás mesmas horas, em que altiva
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,
Começasse a rogar, porém vãmente,
Com voz descompassada aos Ceos vingança,
Tendo sempre em memoria azeda, e viva
O seu antigo ser, e o lance infausto.
Já se vai apoucando o niveo corpo,
Despe a côr, perde a fórma, e, recebendo
Nova respiração, vozêa, e salta
No lago crystallino. Amor em tanto
Pago, ufano de si, de estar vingado,
C' um ar piedoso a vista apenas lança
Ao Mancebo infeliz, e o deixa, e vôa:
Tão mesquinha em Amor he a piedade!
Indo a cruzar hum prado, acaso á dextra
Dirige os olhos, que o Luar lhe ajuda,
E descortina sobre a relva amena
'A gozar da frescura em ocio brando
Délia formosa co' as sequazes Nynfas,
Já descontentes de tardar-lhe a Socia.
C'um íntimo despeito as olha, as mede,
E por dar-lhes pezar, por dar-se gloria,
Librando-se nas azas côr de fogo,
Narra-lhe em breves, empolados termos
Qual fôra a morte, a punição de Argira,
E nos ares, a rir, desapparece.
De lagrimas se banha o bello Coro
Apenas ouve o deploravel caso:
Eis que de Apollo a Irmã lhes diz que a sigão,

E

E com ellas caminha ao fatal sitio,
De vingativo impulso estimulada.
Chega, observa na arêa as tristes provas
Da Tragedia cruel, olha o virote
No peito de Arenêo todo entranhado,
E disto não contente, e ainda irosa
Da acção de Amor, e intrepidez do Amante
Co'a Nynfa mais prezada, e mais pudica
De quantas pelos bosques a acompanhão;
Para a desagravar, para vingar-lhe
Tanto a transformação, como a virtude,
(Reparar não podendo o damno injusto,
Porque as obras de hum Deos nenhum desmancha(*)
Portentosas palavras murmurando
Contra o corpo sanguento, o piza, o muda
Na ave importuna, que prevê desastres,
Diffunde agoiros, aborrece o dia,
E, quando vem do lôbrego Occidente
A fusca Noite semeando horrores,
Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,
Onde, em quanto arrancais, oh rás limosas,
Enfadoso clamor, que atrôa os ares,
(Do que era, e do que amou saudosa ainda)
Até que aponta no horizonte a Aurora
Em voz desconcertada está carpindo
Seu miserando amor, seu negro fado.

(*) Neque enim licet irrita cuiquam
Facta Dei fecisse Deo. *Ovid. Met. Lib. 3.*

INDICE

Das Poesias, que contém este Livro.

Mar